

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**JEFFERSON ALDEMIR NUNES**

**INDÍGENAS, JESUÍTAS E COLONOS:  
O GUARANI NO ALTO VALE DO RIO DOS SINOS E A AÇÃO INACIANA ENTRE  
OS CARIJÓ (SÉCULOS XVI E XVII)**

**SÃO LEOPOLDO**

**2019**

JEFFERSON ALDEMIR NUNES

**INDÍGENAS, JESUÍTAS E COLONOS:  
O GUARANI NO ALTO VALE DO RIO DOS SINOS E A AÇÃO INACIANA ENTRE  
OS CARIJÓ (SÉCULOS XVI E XVII)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para obtenção do título  
de Licenciado em História, pelo Curso de  
Licenciatura Plena em História da Universidade  
do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientador: Prof. Dr. Jairo Henrique Rogge

Co-orientador: Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz

SÃO LEOPOLDO

2019

Dedico este trabalho a Sônia Guajajara, Djuena Tikuna, Davi Kopenawa, Márcia Wayna Kambeba e todos os demais indígenas que lutam incansavelmente, todos os dias, por um país mais plural, com respeito à Mãe Natureza e ao ser humano. Seu exemplo de resistência me inspira a seguir lutando.

## AGRADECIMENTOS

A elaboração de um Trabalho de Conclusão de Curso é o ponto culminante de um longo processo iniciado nos anos iniciais do indivíduo. Por isso seria impossível não agradecer aqui, inicialmente, a minha mãe, Dinára Maria Nunes, e a meu pai, José Aldemir Nunes, por terem construído a base na qual me desenvolvi e pude me tornar quem sou hoje. A meu irmão, Eduardo Nunes, um grande amigo e companheiro, que, desde muito cedo me incentivou a ser alguém melhor, me presenteando com os primeiros livros, estimulando meu gosto pelas letras e apoiando em todas as minhas decisões, sendo sempre um grande exemplo a ser seguido.

A Bernardo Werner, companheiro desde 2001, aos 9 anos de idade, e que permaneceu a meu lado como amigo, amadurecendo e ressignificando constantemente nossa relação, desde o amor pelos videogames até a música e a literatura. A Schaiane Bonissoni (a.k.a. Pâmela, a Miss Teoria, minha “prolixa inveterada” preferida), Karina Bortolanza (a “colona atrapalhada” mais querida da Unisinos, uma das melhores e mais criativas acadêmicas que conheci), Carol Braz Vargas (a “leonina maravilhosa” mais dedicada e organizada do curso de História), Graziela Gonçalves (uma guerreira cuja resiliência me inspira) e todos os (as) demais amigos (as) e colegas que a Unisinos me proporcionou, e que estiveram ao meu lado nos momentos alegres e tristes, durante os debates, leituras, provas, trabalhos, jantares no RU e no “Roubo” Station, palestras, eventos, Mostras de Iniciação Científica etc.: sem vocês, as lágrimas e risadas desta trajetória não teriam valido tanto a pena. Também a Suelen Flores Machado, por ter me mostrado o lado lindo e o lado feio do ser humano.

A Luís Inácio Lula da Silva, Fernando Haddad, Dilma Rousseff e Tarso Genro, aos quais se deve a criação, ampliação e manutenção dos programas estudantis como FIES e ProUni, sem os quais seria impossível para os mais pobres concluir uma graduação de qualidade em uma universidade privada no Brasil, e, assim, poder lutar pela construção de um país melhor, mesmo com as sombras lançadas sobre a educação atual.

Seria muito difícil agradecer nominalmente, aqui, a todos os mestres que passaram pela minha vida e contribuíram, cada um à sua maneira, para formar o acadêmico que sou hoje. Dos meus anos iniciais de estudo, a docente que carrego com maior carinho é Raquel Abreu, minha querida professora de História, Geografia (e eventualmente Artes e Ensino Religioso) do Ensino Fundamental, que, com seu jeito espontâneo, divertido, mas exigente, soube me inculcar o amor pela História e o conhecimento. É uma honra tê-la, hoje, como amiga, colega de profissão, confidente e companheira de luta.

Um agradecimento especial a Pedro Ignácio Schmitz, meu co-orientador neste TCC, mas que me orientou diretamente desde o início da graduação, quando comecei como bolsista de Iniciação Científica no Instituto Anchietano de Pesquisas. Com sua experiência, tato e amor pela pesquisa, ele soube me guiar e orientar de forma excepcional, me ajudando a ir sempre além e ver as coisas por novos ângulos, buscando sempre a excelência acadêmica. Esta monografia não teria sido possível sem ele.

Aos demais professores que me acompanharam durante a graduação, e me ajudaram a crescer como acadêmico e como pessoa: a Marcus Vinicius Beber, Jairo Henrique Rogge, Maria Cristina Bohn Martins, Eliane Cristina Deckmann Fleck, Luiz Fernando Medeiros Rodrigues, Ana Paula Korndörfer, Sirlei Teresinha Gedoz, Marluza Marques Harres, Paulo Roberto Staudt Moreira, Maíra Inês Vendrame, Lui Silvia Nörnberg, Cláudio Pereira Elmir, Isabel Bilhão, Sérgio Trombetta, João Batista Cichero Sieczkowski, Marcos Witt, Magda Regina Lourenço Cyrre, Ednaldo Pereira Filho, Hernan Ramiro Ramirez, Marly Therezinha Mallmann, Eloisa Helena Capovilla, Marília da Silva Fetter e José Alberto Baldissera (esses dois últimos que tive o privilégio de ter como mestres em seus últimos semestres na graduação, e que gostaria de ter conhecido melhor). Cada um desses docentes (e outros que tive a oportunidade de conhecer em palestras, eventos ou pelos corredores da Unisinos, com destaque para Solon Viola, uma grande referência de resistência e de luta contra a ditadura, o fascismo e de defesa incondicional pela educação), me marcou de alguma forma, seja pela personalidade, exigência, profissionalismo, área de pesquisa, história de vida, mas todos, igualmente, pelo amor pela História e o conhecimento. Eles me dotaram das ferramentas necessárias para me tornar um acadêmico e um ser humano melhores, e a construir meu próprio caminho.

Agradeço, também, aos colegas que passaram ou ainda permanecem no IAP, como Fabiane, Rafaela, Natália, Denise, Salete, Jandir, Suliano, Marcus, Jairo, Vagner, Ranieri, Gabriel, Eduardo, dentre outros, que me acompanharam durante todos esses anos, e me ensinaram muito sobre a pesquisa acadêmica e a convivência (e a não levar um pote de pastéis para um café onde só tem Nesfit...). Com especial carinho a Ivone Verardi, que foi uma mãe para mim no IAP, ajudando em todos os momentos de inexperiência, dúvida, tristeza, mas, também, nas conquistas acadêmicas.

Esta monografia é fruto de todas essas relações. A todos os listados aqui, e às outras pessoas com as quais tive contato, mas que não foram citadas, meu muito obrigado.

As pedras falam? pois falam  
mas não à nossa maneira,  
que todas as coisas sabem  
uma história que não calam.

Debaixo dos nossos pés  
ou dentro da nossa mão  
o que pensarão de nós?  
O que de nós pensarão?

As pedras cantam nos lagos  
choram no meio da rua  
tremem de frio e de medo  
quando a noite é fria e escura.

Riem nos muros ao sol,  
no fundo do mar se esquecem.

Umam partem como aves  
e nem mais tarde regressam.

Brilham quando a chuva cai.  
Vestem-se de musgo verde  
em casa velha ou em fonte  
que saiba matar a sede.

Foi de duas pedras duras  
que a faísca rebentou:  
uma germinou em flor  
e a outra nos céus voou.

As pedras falam? pois falam.  
Só as entende quem quer,  
que todas as coisas têm  
um coisa para dizer.

## RESUMO

A presente monografia tem como tema o povoamento Guarani no Alto Vale do Rio do Sinos, tomando, como problema, o desenvolvimento dos assentamentos na Bacia, e seu relacionamento com a frente de expansão missionária jesuítica. Seus objetivos são o estudo da cultura material nativa desenvolvida pelos Guarani no Alto Vale do Rio dos Sinos, a descrição dos documentos deixados pelos missionários jesuítas sobre seu relacionamento com os indígenas Carijó nativos do litoral sul-brasileiro, e seu modo de vida, no século XVI e primeira metade do XVII, e a construção de um modelo para o povoamento do Guarani no Alto Vale do Sinos, unindo fontes arqueológicas e históricas. A metodologia envolveu, para a parte arqueológica, o histórico-culturalismo de Betty Meggers e Clifford Evans (1970) e, para a parte documental, elementos da Etno-história de Melià (1987), da Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2016) e da analogia direta. Os resultados apontam para o desenvolvimento de um padrão de assentamento característico dessas populações no Vale do Sinos, o impacto que a chegada dos europeus causou no modo de vida guarani, e como a utilização de fontes distintas pode auxiliar a construir uma história mais plural dos povos indígenas nesses primeiros contatos.

**Palavras-chave:** Povoamento Guarani; Rio dos Sinos; Jesuítas; Expansão Colonial.

## ABSTRACT

This paper has as theme the Guarani settlement in the upper Rio do Sinos valley, taking as a problem the development of settlements in the Basin and its relationship with the Jesuit missionary expansion front. Its objectives the study of the material native culture developed by the Guarani in the upper Rio do Sinos valley, the description of the Jesuit documents about their relationship with the native Carijó Indians of the South-Brazilian coast, their way of life in the XVI and first half of the XVII century, and the construction of a model for the settlement of the Guarani in the upper Rio do Sinos valley, joining archaeological and historical sources. The methodology involved, for the archaeological part, the historical-culturalism of Betty Meggers and Clifford Evans (1970) and, for the documents, elements of Melià's Ethno-history (1987), Content Analysis by Laurence Bardin (2016) and direct analogy. The results point to the development of a settlement pattern characteristic of these populations in the Sinos valley, the impact that the arrival of Europeans has had on the Guarani way of life, and how the use of distinct sources can help build a more plural history of the indigenous peoples in these first contacts.

**Keywords:** Guarani settlement; Rio dos Sinos valley; Jesuits; Colonial Expansion.



## RESUMEN

La presente monografía tiene como tema el poblamiento Guaraní en el Alto Vale del Río dos Sinos, tomando como problema el desarrollo de los asentamientos en la cuenca hidrográfica, y su relación con el frente de expansión misionera jesuítica. Sus objetivos son el estudio de la cultura material nativa desarrollada por los guaraníes en el Alto Valle del Río dos Sinos, la descripción de los documentos dejados por los misioneros jesuitas sobre su relación con los indios Carijó nativos del litoral sudamericano, y su modo de vida, en el siglo XVI y primera mitad del XVII, y la construcción de un modelo para el poblamiento del Guaraní en el Alto Valle del Sinos, uniendo fuentes arqueológicas e históricas. La metodología implicó, para la parte arqueológica, el histórico-culturalismo de Betty Meggers y Clifford Evans (1970) y, para la parte documental, elementos de la Etno-historia de Melià (1987), del Análisis de Contenido de Laurence Bardin (2016) y de la analogía directa. Los resultados apuntan al desarrollo de un patrón de asentamiento característico de esas poblaciones en el Valle del Sinos, el impacto que la llegada de los europeos causó en el modo de vida guaraní, y cómo la utilización de fuentes distintas puede auxiliar a construir una historia más plural de los pueblos indígenas en esos primeros contactos.

**Palabras clave:** Población Guaraní; Río de los Sinos; jesuitas; Expansión Colonial.

## LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – Localização dos sítios pesquisados por Eurico T. Miller no Nordeste do Rio Grande do Sul .....	32
Figura 2 – Cobertura de Solos do Vale do Rio dos Sinos .....	39
Figura 3 – Formações florestais do Vale do Sinos .....	40
Figura 4 – Vegetação do Vale do Rio dos Sinos .....	43
Figura 5 – Perfil das bordas cerâmicas do Sítio RS-S-284 .....	52
Figura 6 – Perfil das bordas cerâmicas do Sítio RS-S-285 .....	55
Figura 7 – Perfil das bordas cerâmicas do Sítio RS-S-286 .....	57
Figura 8 – Sítio RS-S-286 .....	58
Figura 9 – Perfil das bordas cerâmicas do Sítio RS-S-288 .....	62
Figura 10 – Sítios RS-S-287 e RS-S-288 .....	63
Figura 11 – Perfil das bordas cerâmicas do Sítio RS-S-289 .....	65
Figura 12 – Artefatos líticos do Sítio RS-S-289 .....	70
Figura 13 – Artefatos líticos do Sítio RS-S-289 .....	71
Figura 14 – Perfil das bordas cerâmicas do Sítio RS-S-290 .....	73
Figura 15 – Itinerário de Imbituba até a aldeia dos Patos .....	95
Figura 16 – Expansão missionária jesuítica no século XVII .....	115
Figura 17 – Assentamento Mbyá-Guarani no Vale do Ribeira .....	118
Figura 18 – Limite da expansão jesuítica e o Vale do Sinos .....	119

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Sítio RS-S-284 – Distribuição dos fragmentos cerâmicos conforme tamanho e acabamento .....	51
Tabela 2 – Sítio RS-S-284 – Distribuição dos fragmentos cerâmicos conforme espessura e acabamento .....	51
Tabela 3 – Sítio RS-S-285 – Distribuição dos fragmentos cerâmicos conforme tamanho e acabamento .....	54
Tabela 4 – Sítio RS-S-285 – Distribuição dos fragmentos cerâmicos conforme espessura e acabamento .....	54
Tabela 5 - Sítio RS-S-286 – Distribuição dos fragmentos cerâmicos conforme tamanho e acabamento .....	57
Tabela 6 – Sítio RS-S-286 – Distribuição dos fragmentos cerâmicos conforme espessura e acabamento .....	57
Tabela 7 – Sítio RS-S-288 – Distribuição dos fragmentos cerâmicos conforme tamanho e acabamento .....	61
Tabela 8 – Sítio RS-S-288 - Distribuição dos fragmentos cerâmicos conforme espessura e acabamento .....	61
Tabela 9 – Sítio RS-S-289 - Distribuição dos fragmentos cerâmicos conforme tamanho e acabamento .....	64
Tabela 10 – Sítio RS-S-289 - Distribuição dos fragmentos cerâmicos conforme espessura e acabamento .....	65
Tabela 11 – Sítio RS-S-290 - Distribuição dos fragmentos cerâmicos conforme tamanho e acabamento .....	72
Tabela 12 – Sítio RS-S-290 - Distribuição dos fragmentos cerâmicos conforme espessura e acabamento .....	73
Tabela 13 – Comparação da implantação dos sítios no Alto Vale do Rio do Sinos .....	108
Tabela 14 – Comparação dos acabamentos cerâmicos entre os sítios do Alto Vale do Rio dos Sinos .....	109

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>1.1 Embasamento Arqueológico .....</b>	<b>17</b>
<b>1.2 Embasamento Documental .....</b>	<b>21</b>
<b>2 ARQUEOLOGIA GUARANI NO ALTO VALE DO SINOS E SUDESTE DE SANTA CATARINA .....</b>	<b>25</b>
<b>2.1 Histórico das Pesquisas Arqueológicas da cultura Guarani no Alto Vale do Rio dos Sinos .....</b>	<b>31</b>
<b>2.2 O Ambiente no Vale do Rio dos Sinos .....</b>	<b>35</b>
<b>2.3 Os sítios do Alto Vale do Rio do Sinos .....</b>	<b>47</b>
2.3.1 Sítio RS-S-284 – Carvalho, catálogo MARSUL 465 .....	50
2.3.2 Sítio RS-S-285 – Passo da Forquilha 1, catálogo MARSUL 466 .....	52
2.3.3 Sítio RS-S-286 – Castelhana, catálogo MARSUL 467 .....	55
2.3.4 Sítio RS-S-287 – Passo da Forquilha 2, catálogo MARSUL 468 .....	58
2.3.5 Sítio RS-S-288 – Passo da Forquilha 3, catálogo MARSUL 469 .....	60
2.3.6 Sítio RS-S-289 – Monte Serrat-1, catálogo MARSUL 470 .....	63
2.3.7 Sítio RS-S-290 – Monte Serrat-2, catálogo MARSUL 471 .....	72
<b>2.4 Arqueologia Guarani no Litoral Sul-Catarinense .....</b>	<b>74</b>
<b>3 A EXPANSÃO MISSIONÁRIA JESUÍTICA NO LITORAL SUL-BRASILEIRO E O CONTATO COM OS CARIJÓ (SÉCULOS XVI E XVII) .....</b>	<b>78</b>
<b>3.1 Os escritos da Companhia de Jesus e o trabalho de Serafim Leite .....</b>	<b>84</b>
<b>3.2 A expansão missionária jesuítica no litoral catarinense (Séculos XVI e XVII) .....</b>	<b>89</b>
<b>3.3 O sistema jesuítico de aldeamento e as Relações dos padres Jerônimo Rodrigues e Inácio de Sequeira .....</b>	<b>93</b>
<b>3.4 O modo de vida do Carijó histórico .....</b>	<b>98</b>
3.4.1 Da construção das habitações .....	98
3.4.2 Das aldeias .....	99
3.4.3 Dos cultivares .....	100
3.4.4 Da forma de cultivar .....	101
3.4.5 Do modo de preparo dos alimentos .....	101
3.4.6 Das pragas .....	103
3.4.7 Das chefias .....	104
3.4.8 Da queda demográfica .....	106

<b>4 ARTEFATOS ARQUEOLÓGICOS E RELATOS JESUÍTICOS: EM BUSCA DE UM PADRÃO DE ASSENTAMENTO GUARANI NO ALTO VALE DO SINOS .....</b>	<b>108</b>
<b>4.1. Os dados arqueológicos no Alto Vale do Sinos: uma comparação entre os sítios ....</b>	<b>108</b>
<b>4.2 A expansão missionária jesuítica no litoral catarinense: dificuldades, resultados e efeitos sobre os indígenas .....</b>	<b>111</b>
<b>4.3 O assentamento Guarani no Alto Vale do Sinos: uma proposta de modelo de ocupação do espaço .....</b>	<b>115</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>121</b>
<b>6 FONTES .....</b>	<b>123</b>
<b>7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>124</b>
<b>8 ANEXO 1 – FICHAS CATALOGRÁFICAS DOS SÍTIOS DO ALTO SINOS .....</b>	<b>131</b>
<b>9 ANEXO 2 – CROQUIS DOS SÍTIOS DO ALTO SINOS .....</b>	<b>137</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A presente monografia é fruto de quatro anos de trabalho (2015-2019), quando estive inserido como bolsista de Iniciação Científica no Instituto Anchietano de Pesquisas (IAP) no subprojeto “A Ocupação Guarani do Vale do Rio dos Sinos”, parte integrante do projeto mais amplo “Sítios da Tradição Cerâmica Tupiguarani no Nordeste do Rio Grande do Sul”, orientado pelo Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz. Nesse empreendimento, que visa a reconstituição do modo de vida do Guarani em toda a bacia do Sinos, me foi incumbido o estudo do Alto Vale da Bacia, na região dos municípios de Caraá e Santo Antônio da Patrulha. Utilizando tanto os artefatos lito-cerâmicos dos assentamentos e os registros arqueológicos deles decorrentes, quanto os relatos dos jesuítas que tiveram contato com os Carijó (considerados pela literatura arqueológica como aparentados com os Guarani) no início da expansão colonial para o Sul do Brasil nos séculos XVI e XVII, o projeto buscou a construção de uma visão mais profunda do modo de vida e assentamento desses indígenas<sup>1</sup> na região do Sinos.

Como síntese de meu<sup>2</sup> trabalho nesse empreendimento, esta monografia tem, como tema, o povoamento indígena Guarani no Alto Vale do Rio dos Sinos e sua relação com a frente missionária jesuítica e escravagista do litoral sul-brasileiro. Sua delimitação espacial é o nordeste do Rio Grande do Sul e sudeste de Santa Catarina, tendo a segunda metade do século XVI e a primeira metade do século XVII como marco temporal. O problema que norteou esta pesquisa foi: como se desenvolveu o povoamento nativo Guarani no Alto Vale do Rio dos Sinos, qual sua posterior relação com as frentes de expansão colonialista e como a documentação do missionário jesuíta sobre os indígenas facilita a compreensão do modo de vida Guarani?

Para a resolução desse problema, foram estabelecidos os seguintes objetivos: estudo da cultura material nativa desenvolvida pelos Guarani no Alto Vale do Rio dos Sinos; descrição dos documentos deixados pelos missionários jesuítas sobre seu relacionamento com os indígenas Carijó nativos do litoral sul-brasileiro, e seu modo de vida, no século XVI e primeira metade do XVII; e construção de um modelo para o povoamento do Guarani no Alto Vale do Sinos, unindo fontes arqueológicas e históricas.

---

<sup>1</sup> Este trabalho se utilizará do termo “indígena”, em vez de “índio”, por considerar que o segundo foi introduzido pelo colonizador para se referir de forma genérica aos habitantes da América, em uma confusão por pensar ter chegado nas Índias. Para evitar repetições, será usado, como sinônimos, o termo “nativo”, à exemplo de Franzen (1999).

<sup>2</sup> Este texto se utilizará da primeira pessoa do singular durante a argumentação, excetuando, somente, os momentos em que serão mencionadas ações do projeto do IAP, quando será utilizada a terceira pessoa do singular.

Pensando no porquê esse trabalho é importante, iniciei refletindo sobre o quão vasta é a produção arqueológica e histórica sobre os Guarani, que, desde o período colonial, vem abordando o povoamento desses indígenas sob diferentes perspectivas. No campo da Arqueologia, os estudos se caracterizam pela exploração dos elementos materiais (cerâmica, lítico etc.) e morfológicos (restos de construções das casas, tamanho do sítio, distância de fontes de matéria-prima e ambiente etc.) dos assentamentos Guarani, e, na maior parte das vezes, a inclusão de fontes etno-históricas nesses estudos ocorre de forma meramente complementar e descritiva, apenas para fornecer um “quadro histórico de fundo”, sem a complexificação, crítica e debate das informações que esses documentos podem trazer para a pesquisa arqueológica.

Seguindo o trabalho desenvolvido pela Prof. Mestre Fabiana Maria Rizzardo em sua dissertação de 2017 sobre as práticas mortuárias Tupiguarani, que discutia sobre a utilização complementar e bem estruturada de fontes arqueológicas e etno-históricas (RIZZARDO, 2017), proponho, com a presente monografia, o emprego tanto dos elementos materiais Guarani encontrados nos sítios do Alto Vale do Sinos (cerâmica e lítico, principalmente), quanto dos escritos jesuíticos das primeiras missões a serem estabelecidas no litoral sul brasileiro no século XVII, para alcançar os objetivos desse trabalho. Optei por esse recorte espaço-temporal por ele representar alguns dos primeiros contatos mais profundos com os indígenas a serem registrados em documentos, que permitirá perceber elementos culturais dos Carijó (antepassados dos Guarani atuais) ainda bastante preservados e não tão profundamente afetados pelos contatos com os colonizadores europeus. Isso facilitará a construção das inferências que aproximem essas comunidades indígenas do Guarani do Alto Vale do Sinos.

Com o uso das informações etno-históricas presentes nos escritos dos missionários jesuítas, acredito ser possível cobrir lacunas não preenchidas apenas pelo estudo do registro arqueológico, como formas de relacionamento dos nativos com o alimento, a forma de construir as casas, o uso de elementos vegetais que não se preservam no ambiente natural gaúcho (como cabaças, utensílios de madeira etc.), o efeito causado nos indígenas pelos contatos iniciais com os europeus etc.; compondo, assim, um quadro mais completo do modo de vida do Guarani no Alto Vale do Sinos. (NUNES & SCHMITZ, 2017a, 2018, 2018a).

Socialmente, a presente monografia será importante para a valorização da cultura Guarani (e indígena de modo geral), contribuindo para complexificar o cotidiano e cultura destes, e as suas estratégias para se estabelecer no ambiente, especialmente no Vale do Sinos, demonstrando para a comunidade acadêmica e social o valor de seu modo de vida para pensar um contato mais próximo entre natureza e ser humano. Em um período de debates ecológicos intensos sobre os efeitos nocivos da ação humana sobre o planeta, e da situação dramática em

que o meio ambiente se encontra por causa do lixo, poluição, desmatamento e morte de animais, analisar o cotidiano e as estratégias de sobrevivência de povos que viviam e ainda vivem (em certo grau) em relação simbiótica com o meio pode ser muito importante para encontrar novos caminhos para o desenvolvimento humano, respeitando a natureza.

Além disso, em tempos de debate sobre globalização e destruição de culturas pela padronização e uniformização de alguns costumes, resgatar e valorizar os elementos culturais tradicionais e seu papel imprescindível para a formação da sociedade brasileira é um ato de resistência cultural, para a preservação da pluralidade de ideias e crenças. É para esses indígenas incansáveis na defesa de seus costumes e de suas terras que esta monografia é dedicada.

Por fim, a construção da monografia e o acesso às fontes foi facilitado por meu contato próximo com o Instituto Anchieta de Pesquisas (IAP). Ali, venho desenvolvendo, desde 2014, estudos do tema e correlatos, como bolsista de iniciação científica, o que me permitiu ter um conhecimento maior dos objetos e bibliografia que foram necessários para produzir o trabalho. No IAP me foi disponibilizada toda a estrutura para a elaboração do estudo, desde o acesso ao material arqueológico da pesquisa, que foi trazido do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (MARSUL), e laboratório para análise; até a vasta biblioteca sobre todos os temas abrangidos na monografia. Obras relativamente raras, como a História da Companhia de Jesus no Brasil, e Novas Cartas Jesuíticas (De Nóbrega a Vieira), de Serafim Leite (onde estão contidos os escritos jesuíticos que foram utilizados, como as relações dos padres Jerônimo Rodrigues e Inácio de Sequeira), até dissertações e teses mais recentes estão presentes nas suas estantes, fornecendo todo o subsídio documental que foi necessário para a efetivação do trabalho. Eventual bibliografia adicional foi facilmente acessada na Biblioteca Central da Unisinos de São Leopoldo, deixando a monografia bem suprida em termos documentais.

As fontes utilizadas no texto podem ser divididas em duas: as arqueológicas e as documentais. O material arqueológico adveio de sítios Tupiguarani do Vale do Sinos, proveniente de pesquisas de Eurico Theófilo Miller da década de 1960, e acondicionado, atualmente, no MARSUL, conforme os códigos abaixo:

- Sítio RS-S-284, Carvalho, catálogo MARSUL 465;
- Sítio RS-S-285, Passo da Forquilha 1, catálogo MARSUL 466;
- Sítio RS-S-286, Castelhana, catálogo MARSUL 467;
- Sítio RS-S-287, Passo da Forquilha 2, catálogo MARSUL 468;
- Sítio RS-S-288. Passo da Forquilha 3, catálogo MARSUL 469;



- Sítio RS-S-289, Monte Serrat-1, catálogo MARSUL 470;
- Sítio RS-S-290, Monte Serrat-2, catálogo MARSUL 471.

Quanto às fontes documentais, elas se constituem de textos escritos por padres da Companhia de Jesus durante o início do século XVII, e narram os primeiros contatos dos inacianos<sup>3</sup> com os indígenas no sul do Brasil. Desses textos, os que mais contribuíram para minha argumentação foram encontrados em obras de Serafim Leite, abaixo discriminados:

- Relação do Padre Jerônimo Rodrigues, da missão entre os Carijó, ocorrida entre 1605 e 1607. Disponível em LEITE, 1940, p. 196-246;
- Relação do Padre Inácio de Sequeira, da missão entre os Carijó, ocorrida entre 1635 e 1637. Disponível em LEITE, 1945, p. 493-521;
- Demais escritos sobre essas missões. Disponível em LEITE, 1945, p. 439-560.

Quanto ao embasamento teórico da monografia aqui proposta, ele foi dividido em duas perspectivas: uma dedicada ao suporte para a análise arqueológica dos artefatos lito-cerâmicos dos sítios do Alto Vale do Sinos, e outra que permitirá a análise da documentação jesuítica. Unindo as duas abordagens, acredito poder construir uma visão mais completa do modo de vida do Guarani no Sinos, e do seu relacionamento com os colonizadores europeus, que insiro, aqui, em uma perspectiva que denomino “relato histórico-culturalista”.

### 1.1 Embasamento arqueológico

Do ponto de vista de teoria arqueológica, utilizei, nessa monografia, uma visão histórico-culturalista, popularizada no Brasil pelo casal de arqueólogos estadunidenses Betty Meggers e Clifford Evans. Eles foram importantes, a partir da década de 1960, para a criação, no Brasil, do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), que lançou as bases para o nascimento das pesquisas mais sistemáticas desse tipo no país. Esse programa levou a uma expansão do conhecimento do passado indígena brasileiro, e formou as primeiras coleções de referência para se pensar uma cronologia da ocupação pelos nativos antes da chegada dos europeus. A perspectiva histórico-cultural utilizada pelo PRONAPA nasceu no início do século

---

<sup>3</sup> Embora o termo “inaciano” possa ser considerado pejorativo, e empregado pela literatura antijesuítica, me utilizarei dele, nessa monografia, para evitar repetição exagerada de palavras, e por considerar que o conceito, na forma aqui operada, não denigre o importante trabalho dos jesuítas no litoral sul-brasileiro.

XX, onde o nacionalismo crescente e a diminuição da crença no progresso universal da ciência, levaram as pesquisas evolucionistas a pensar mais na etnicidade. A Arqueologia, assim, foi utilizada para reforçar o nacionalismo florescente, pesquisando os povos originários de cada país, e definindo a filiação étnica dos artefatos encontrados em cada local, criando as bases para mitos fundadores (TRIGGER, 1992, p. 144-146).

Nessa perspectiva, os autores iniciam com o estudo da cultura material indígena para a diferenciação entre os diferentes povos, estabelecendo critérios taxonômicos (as “Tradições”, “Fases” etc.), que partem do genérico ao específico para integrar variações tecnológicas de produção dos artefatos (em geral o lítico e a cerâmica encontrados nos assentamentos escavados), e mostrar suas conexões (ROGGE, 1996, p. 10). Na presente monografia trabalhei apenas com a “Tradição Tecnológica Tupiguarani”, “Subtradição Corrugada”, que abarca os assentamentos Guarani da região sul-brasileira, como os do Alto Vale do Sinos (BANDEIRA, 2014, p. 15).

Partindo da análise histórico-culturalista de Meggers, analisei os materiais lito-cerâmicos dos sítios supracitados em suas composições, técnicas construtivas, acabamentos, formas das vasilhas etc., comparando os artefatos dos diferentes sítios para encontrar padrões, anomalias, e conexões com os demais assentamentos Guarani da região. As metodologias de trabalho seguem o clássico manual “Como interpretar a linguagem da cerâmica”, de 1970, que reúne uma síntese dos modos de pensar e agir do PRONAPA (MEGGERS & EVANS, 1970); e são acrescidas pelo modelo de trabalho de meu orientador, Dr. Pedro Ignácio Schmitz, bastante influenciado por Meggers.

Sigo, aqui, uma visão de Arqueologia semelhante à de Meggers, para quem “La Arqueología es la ciencia que reconstruye el desarrollo y la diseminación de las culturas del pasado a partir de rastros incompletos y a menudo casuales” (MEGGERS, 1998, p. 53). Dessa forma busquei, na presente monografia, a reconstituição da história Guarani, mesmo a partir de dados limitados, mas que, com a aplicação dos instrumentos metodológicos propostos, me permitiram aprofundar as informações conhecidas no Vale do Sinos para esses assentamentos. Conectado a isso, considero importante pensar nos restos arqueológicos como uma linguagem não traduzida, que precisa ser decifrada pelo arqueólogo para conseguir ir além da simples descrição do material (BINFORD, 1988, p. 24).

Além disso, foram discutidas as condições de estabelecimento dos indígenas no Vale, como ecologia local, distância de fontes de água, alimento e matérias-primas, manchas de terra escura que representariam as habitações etc. Como os sítios atualmente não se encontram mais nas condições adequadas para estudo, utilizei o material recolhido por Eurico Miller em suas

pesquisas da década de 1960, e os croquis, desenhos e demais escritos do arqueólogo, disponíveis no MARSUL (MILLER, 1967).

Dos muitos trabalhos que podem ser encontrados sobre a temática arqueológica Guarani, os que contribuíram, de alguma forma, para a construção da monografia, foram os de Jairo Rogge (1996, 2004), André Soares (1997), Eurico Miller (1967), Mariano Bonomo *et al.* (2015), Adriana Dias (2003), Jefferson Dias (2015), Rafael Milheira & Gustavo Wagner (Orgs.) (2014), Pedro Ignácio Schmitz *et al.* (1990, 2006) Jaisson Lino (2007), André Prous (1992), Francisco Noelli (1993), dentre outros. Com esses textos, penso conseguir abranger diversos momentos das pesquisas arqueológicas sobre o povoamento Guarani, especialmente no Rio Grande do Sul e sudeste de Santa Catarina, desde trabalhos clássicos até dissertações e teses mais atuais, construindo um quadro amplo da evolução teórica dos estudos sobre esses indígenas.

Refletindo sobre os principais conceitos que balizaram as teorizações arqueológicas da presente monografia, separei alguns que foram importantes, e contribuíram para efetivar os objetivos propostos. Primeiramente, é inevitável que, ao falar sobre povos indígenas e de sua cultura material, se chegue ao conceito primordial de Cultura. Embora não haja consenso ou uma definição exata do termo, e diversos ramos do conhecimento como a Antropologia, as Ciências Sociais, a História e a Arqueologia manejem ele de diversas formas e debatam sobre suas implicações, creio que, para o presente trabalho, a definição do antropólogo estadunidense Alfred Louis Kroeber pode ser útil:

Now the mass of learned and transmitted motor reactions, habits, techniques, ideas, and values — and the behavior they induce — is what constitutes culture. Culture is the special and exclusive product of men, and is their distinctive quality in the cosmos [...] Culture, then, is all those things about man that are more than just biological or organic, and are also more than merely psychological. It presupposes bodies and personalities, as it presupposes men associated in groups, and it rests upon them; but culture is something more than a sum of psychosomatic qualities and actions. It is more than these in that its phenomena cannot be wholly understood in terms of biology and psychology [...] Culture thus is at one and the same time the totality of products of social men, and a tremendous force affecting all human beings, socially and individually. And in this special but broad sense, culture is universal for man (KROEBER, 1948, p. 8-9).

Aliado a isso, penso que as ideias do antropólogo estadunidense Leslie White podem complementar essa visão, quando o autor trabalha com a definição da tecnologia. Segundo

Kahn (1975, p. 23), Leslie percebia a evolução cultural como produto da mudança tecnológica, que, por sua vez, era resultante de aplicações maiores de energia pelos indivíduos. Assim, as ideologias que permeiam os indivíduos, e os próprios sistemas sociais, seriam influenciados pelo caráter tecnológico. Para White, portando, a Cultura consistiria nos artefatos materiais (sejam estes ferramentas, utensílios, ornamentos etc.) e imateriais (atos, crenças e atitudes etc.), inseridos em um contexto simbólico (WHITE, 1949, p. 363).

Unindo as perspectivas dos dois antropólogos, se chegaria, assim, próximo ao conceito de Cultura do Dicionário de Conceitos Históricos, de Kalina Silva e Maciel Silva (2009, p. 85-88), onde o termo engloba todo o cotidiano dos indivíduos, permitindo a adaptação destes ao meio social e natural em que vivem. Por meio da herança cultural que nos dota da linguagem e comportamentos, a Cultura nos permite, dessa forma, a comunicação com nossos semelhantes, e a construção da vida em sociedade, que está em permanente mudança e desenvolvimento. Com isso, cheguei a uma definição bastante alargada de Cultura, que é útil para trabalhar com relações culturais tão complexas quanto as dos Guarani com os europeus, nos séculos XVI e XVII.

Depois, é necessário pensar sobre o conceito de Cultura Material, muito empregado pelos arqueólogos. Esse é um termo bastante polissêmico também, já que pode englobar todos os elementos materiais produzidos pelo homem, mas acredito que a definição de Berta Ribeiro esteja mais de acordo com o que penso para a pesquisa:

Como se sabe, cada comunidade humana desenvolve módulos que orientam a concepção de forma e função expressa no artefato. Esses atributos contêm indícios sobre os modos de fazer e de usar as manufaturas, bem como aspectos ideológicos que singularizam a identidade étnica do artesão. Nesse sentido, a cultura material, em seu conjunto e em sua operatividade, reflete a ecologia, a tecnoeconomia, a ideologia, e, em função disso, o estilo de vida dos povos aborígenes. Sem o estudo das expressões materiais da cultura é difícil delinear o perfil da sociedade ou juntar os elementos necessários à reconstrução histórica dos povos sem escrita. Eles também contribuem para estabelecer áreas e configurações culturais, calçadas, em grande parte, nos estilos artesanais e modos de confeccionar objetos (RIBEIRO, 1987, p. 10).

Essa concepção pode ser complementada com a definição de Vestígios Arqueológicos de André Prous (1992, p. 25) como sendo “todos os indícios da presença ou atividade humana em determinado local”. Dessa forma, acredito que consiga reunir e conectar as definições de Cultura de Kroeber e White com a de Cultura Material de Ribeiro e Prous em um todo uniforme,

que reflete os modos de estabelecimento e desenvolvimento dos Guarani no Alto Vale do Sinos, e as expressões culturais de seu modo de vida, em contraposição àqueles trazidos pelos europeus.

Outro conceito importante desenvolvido na monografia é o de Padrão de Assentamento, que é utilizado pelos arqueólogos para se referir aos povos indígenas que estudam. Aparecendo pela primeira vez com Gordon Willey, em 1953, o termo foi desenvolvido pelos pesquisadores posteriores especialmente em um enfoque ecológico, visando relacionar os sítios arqueológicos com sua implantação ambiental, com uma distribuição vinculada ao maior ou menor acesso a recursos naturais como água, frutos e proteína, matérias-primas para artefatos etc. (ROGGE, 1996, p. 61). Logo, por Padrão de Assentamento estou entendendo, aqui, as estratégias de estabelecimento das culturas indígenas a seus nichos ecológicos específicos, que influenciavam nas opções culturais por determinadas dietas, que, por sua vez, têm um efeito direto sobre a cultura material desses grupos, determinando formas de construção da cerâmica e artefatos líticos, relacionamento com o alimento etc.

Acredito que esses conceitos básicos, acrescidos de mais alguns correlatos, possam dar conta de guiar a construção da argumentação sobre o contexto arqueológico do Alto Vale do Sinos, a que a monografia se propõe.

## 1.2 Embasamento documental

Aliado às reflexões sobre a cultura material do Guarani, penso ser interessante a utilização de fontes escritas de forma complementar e conjunta, já que

A menudo, el estudio de los documentos históricos nos sirve, no sólo para identificar los lugares de ocupación antiguos, sino también, para informarnos de lo que allí sucedía, que nivel de especialización artesanal existía, por ejemplo, o detalles referentes a la organización social del asentamiento (BINFORD, 1988, p. 29).

Quando se analisa o povoamento Guarani, se percebe uma enorme quantidade de textos clássicos que descrevem sua cultura, desde os relatos de viajantes até os relatos dos padres que missionaram entre eles, ou os clássicos textos das reduções do Tape. Por isso,

No grupo Guarani não é fácil, nem interessante separar os dados históricos dos arqueológicos, devido à sua íntima conexão, mas será preciso manejá-los

simultaneamente, buscando uma antropologia e uma história dos agricultores do mato em todas as etapas de sua evolução (SCHMITZ, 2006, p. 31).

Com essa ideia em mente, proponho a utilização das fontes jesuíticas supracitadas com uma perspectiva da Etno-História, que

preenche os hiatos de continuidade entre achados da arqueologia e da etnologia, constituindo-se em técnica de aplicabilidade de recursos historiográficos a fontes escritas e da própria memória e das instituições remanescentes das culturas para possibilitar uma visão contrastiva [...] A Etno-História, por isso, possibilita uma revisão do passado e uma reinterpretação da história a partir de categorias antropológicas que resgatam elementos da memória e da tradição de um determinado povo (DECKMAN, 1988, p. 39-40) .

Esse campo é bastante profícuo, e permitiu reflexões muito pertinentes sobre o relacionamento dos jesuítas com os indígenas, e de como tratar as fontes. Também considero úteis as concepções teórico-metodológicas do campo da Análise de Conteúdo, especialmente de Laurence Bardin (2016), que permitiram explorar muito bem as fontes escritas, possibilitando críticas ao contexto de produção, disseminação e discussão dos textos, e dos atores envolvidos nesse processo, além das informações que esses documentos trazem para se pensar o relacionamento entre indígenas, jesuítas e colonos.

Dos autores que ajudaram a construir a argumentação da parte documental, além da obra de Serafim Leite, foi imprescindível a tese de doutoramento e outros escritos de Beatriz Vasconcelos Franzen (1997, 1998, 1999, 2003, 2005), os trabalhos de Ruy Ruben Ruschel (1988, 2004), e de George Thomas (1981), que permitiram pensar sobre o contexto histórico envolvido e a influência da metrópole para o trabalho dos inacianos. Para refletir sobre as fontes jesuíticas foram interessantes os trabalhos de Fernando Torres Londoño (2002), Ana Maria de Azevedo (1998) e Livia Carvalho Pedro (2008). Outras contribuições foram encontradas nos trabalhos supracitados na perspectiva arqueológica, visto que alguns autores como Francisco Noelli, André Soares e Jaisson Lino também inseriram elementos etno-históricos em seus textos, embora, como afirmei anteriormente, com pouca profundidade e conexão com as culturas materiais que estudaram.

Pensando nos conceitos fundamentais que guiaram a leitura e discussão dos textos jesuítas, é inevitável que se trabalhe com o produtor desses manuscritos, o inaciano. Logo, acredito que é necessário a inserção destes em um conceito de Homem Fronteira, de François

Hartog (2004), que foi utilizado por Fabiane Rizzardo em seu trabalho, e que me permitiu pensar no jesuíta enquanto agente ativo no processo de expansão da fronteira portuguesa, sendo um dos primeiros a entrar em contato com os indígenas no litoral sul-brasileiro.

Por fim, é necessário um debate sobre a própria noção de Contato, já que todo esse movimento dos jesuítas e escravagistas foi, fundamentalmente, permeado pelo encontro de culturas diferentes (a Guarani e a europeia), sejam esses contatos pacíficos ou belicosos, e que marcaria todo o processo de desenvolvimento desses povos, de ambos os lados, que seriam unidos a partir desse momento. Penso que, aqui, seja útil o debate produzido por Jairo Rogge em sua tese:

Quando falamos em contato cultural, é necessário deixar claro que “culturas” per se não entram em contato, mas sim pessoas identificadas com determinados sistemas socioculturais. Uma parte significativa daquilo que chamamos de “cultura” é, sem dúvida, produto da interação entre indivíduos ou grupos e de suas decisões sobre por que, quando, onde, como, com o quê e com quem interagir. Dessa forma, ao usarmos o termo “contato” deve ser entendido, explicitamente, que falamos do contato entre sociedades humanas. [...] Nas obras editadas por Linton (1940) e Spicer (1961) são introduzidas as noções de contato direto e indireto, o primeiro tipo envolvendo a interação entre membros de duas sociedades diferentes com o controle de um grupo sobre o outro, originado pela resistência à mudança por uma das partes; o segundo tipo envolve interações entre diferentes sociedades, sem o controle efetivo por parte de uma delas, estando relacionado a processos de difusão de inovações, incorporação e sincretismo (ROGGE, 2005, p. 24, 27).

Dessa forma, debati um pouco, na monografia, sobre as relações de contato entre os portugueses (representados pelos jesuítas e escravagistas), e os indígenas, que foi algo imprescindível para se compreender os efeitos causados nas culturas originárias pela colonização. Essa visão, porém, não trouxe a perspectiva, que por muito tempo dominou as pesquisas, de uma imposição unilateral da cultura europeia e dos nativos enquanto seres passivos que não influenciaram no processo, mas de trocas culturais mais profundas e complexas, com a absorção mútua (embora muitas vezes desigual, obviamente) de traços culturais por ambos os agentes do processo (BURKE, 2016).

Por fim, o conceito de Fronteira também se torna importante aqui, visto que os padres jesuítas portugueses representaram, no período focado nesse trabalho, alguns dos primeiros europeus a entrarem em contato com os indígenas no litoral sul-brasileiro, estando, o tempo todo, em uma região de fronteira, não só com os indígenas, mas com o próprio império

espanhol. Assim, acredito, que é necessário inserir o conceito de Fronteira em uma perspectiva não de barreira intransponível e bem marcada, mas de um espaço fluído e poroso, por onde circulavam ideias, pessoas, traços culturais, artefatos etc.

Isso encontra eco nas teorizações desenvolvidas nos trabalhos de Mariana Thompson Flores (2012), com seu conceito de “fronteira manejada”; e Eduardo Neumann (2004), com seu conceito de “fronteira tripartida”; e essa foi uma contribuição importante para pensar as relações multifacetadas dos europeus com os indígenas, complementando o conceito de Contato. Embora esses autores trabalhem com a formação do Rio Grande do Sul em um período posterior, acredito que sejam conceitos que possam ser perfeitamente adaptados para minha pesquisa.

Essa monografia foi dividida em três capítulos. No primeiro, se estudou o material arqueológico dos sítios do Alto Vale do Rio do Sinos, inserindo-os em seu contexto ambiental. No segundo capítulo, foram estudados os textos inacianos que narram o início da expansão inaciana na região sul no século XVII. Por fim, o terceiro capítulo buscou a junção dos dados, construindo um modelo para a ocupação do Sinos, que parte da ideia da subida gradual do Guarani da foz em direção às nascentes, e do estabelecimento em pequenas unidades com poucas casas, onde viveriam pequenos grupos unidos por laços de parentesco e reciprocidade, e que foram afetados pela expansão missionária e escravagista que ocorria no período.



## 2 ARQUEOLOGIA GUARANI NO ALTO VALE DO SINOS E SUDESTE DE SANTA CATARINA

Os estudos sobre a tradição Tupiguarani estão entre os mais completos quantitativamente entre as populações indígenas brasileiras. Desde o período colonial, ela vem sendo descrita e analisada sob diferentes perspectivas, e é, certamente, o grupo mais bem conhecido do território nacional, antes e depois da colonização europeia. (SCHMITZ, 2006, p. 31; MELIÀ, SAUL, MURARO, 1987, p. 17). No âmbito arqueológico, a produção de muitas pesquisas, intensificadas no século XX, gerou amplo *corpus* documental, que possibilitou conhecer muito do estabelecimento e modo de vida dos Guarani na região sul do Brasil. Mesmo assim, ainda há grandes lacunas a serem preenchidas, e a presente monografia busca contribuir nesse esforço.

Inicialmente, o grupo indígena Tupiguarani foi considerado englobante de toda a cultura material pré-histórica brasileira fora da bacia Amazônica, mas, conforme os estudos se intensificaram, os pesquisadores perceberam as muitas diferenças dos artefatos (especialmente cerâmicos) em várias regiões do Brasil, o que tornou necessário a definição de outras culturas tecnológicas para abranger essa diversidade percebida no registro material. (PROUS, 1992, p. 371).

Dessa forma, durante os trabalhos do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), na década de 1960, liderado pelo casal de arqueólogos estadunidenses Betty Meggers e Clifford Evans, foram definidas várias tradições ceramistas, e o grupo Tupiguarani passou a integrar uma tradição tecnológica específica, marcada pelo uso de decoração plástica nas vasilhas cerâmicas (corrugado, pintura policrômica geométrica, e escovado) e pelos assentamentos rasos em espaços de mata subtropical, em largos territórios da região sul do Brasil e países vizinhos, desde o interior do continente até áreas litorâneas. (BANDEIRA, 2014, p. 15). A tradição ceramista foi definida, então, como *Tupiguarani* (sem hífen), para se diferenciar do tronco linguístico e etnográfico *Tupi-Guarani* (com hífen), a fim de evitar confusões de terminologia, se utilizando meramente do critério tecnológico para sua distinção. (ROGGE, 1996, p. 11).

Muitos foram os trabalhos acadêmicos, livros e outros textos de referência produzidos sobre essa cultura arqueológica, desde análises mais amplas até estudos regionais, e seria impossível trabalhar com todos esses escritos num espaço tão reduzido. Isso determinou escolhas e, como apontado na Introdução, alguns textos foram fundamentais para a construção teórica dessa monografia.

Inicialmente, para refletir a Arqueologia, seus usos e metodologias, utilizei o clássico “Como Interpretar a Linguagem da Cerâmica”, de Betty Meggers e Clifford Evans. Nesse texto, lançado em 1970, estão reunidas as bases que orientaram os trabalhos de campo e laboratório do PRONAPA na década de 1960, com descrições de metodologias e exemplos de seriação e interpretação dos dados. Embora tenha havido adaptações, em nosso estudo, pela forma de trabalho de meu orientador, este segue sendo um manual de valor inestimável para a construção de pesquisas arqueológicas no modelo Histórico Cultural. (MEGGERS & EVANS, 1970).

Outro trabalho de Meggers consultado foi “Evolución y Difusión Cultural. Enfoques Teóricos para la Investigación Arqueológica”, publicado em 1998, e que traz uma série de artigos da autora que pensam os processos de evolução e difusão das culturas. Aqui, fica bastante evidente o caráter evolucionista de Meggers. Embora eu não compactue com a visão evolucionista unilinear, considero válidas as reflexões de Meggers, visto sua vinculação a escola de evolução multilinear, que analisa a mutação constante dos traços culturais como independentes em cada sociedade, podendo ser afetada por fontes diversas, e chegar a resultados comuns mesmo com estímulos e caminhos distintos. (MEGGERS, 1998).

Pensando um pouco no desenvolvimento da corrente teórica histórico-culturalista, utilizei o livro “Historia del Pensamiento Arqueológico”, de Bruce Trigger, de 1992, que realiza uma ampla e profunda exposição da evolução das teorias e metodologias da Arqueologia mundial, buscando um registro dos vários períodos e teorias que balizaram os estudos da cultura material. (TRIGGER, 1992).

Outro texto consultado foi “En Busca del Pasado” de Lewis Binford, lançado em 1988. Aqui, busquei alguns elementos mais teóricos para refletir sobre a prática arqueológica, seu efeito sobre o trabalho, e do quanto o registro material, em associação com fontes escritas, pode contribuir para a construção da história indígena. (BINFORD, 1988).

Partindo para os trabalhos relacionados com a cultura Tupiguarani, utilizei, para uma compreensão ampla e mais geral desses assentamentos, o clássico livro “Arqueologia Brasileira”, de André Prous, lançado em 1992, que apresenta de forma bastante didática e completa os dados até então reunidos sobre essa cultura arqueológica, incluindo elementos documentais do período colonial. Além disso, a obra também é excelente para estudo dos elementos constitutivos do contexto arqueológico como um todo, e das relações dos indígenas com os artefatos. (PROUS, 1992).

Outro trabalho utilizado foi o texto de Pedro Ignacio Schmitz sobre os horticultores Tupiguarani, publicado em “Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil: Documentos 5”, do IAP, edição de 2006; que trata a cultura Guarani de forma sintética, apresentando todos os

pontos chave necessários para se compreender a colonização do Sul do Brasil por esses indígenas, desde a saída da Amazônia, até os dados que abordam alimentação, construção das habitações, fabricação de artefatos etc. (SCHMITZ, 2006). De forma complementar a este, o volume “Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil: Documentos 4” possibilitou uma análise de uma grande escavação feita em uma aldeia Guarani no município de Candelária no final da década de 1980, que identifica as estruturas fundamentais do assentamento, coisa rara na maioria dos trabalhos arqueológicos sobre essa população. (SCHMITZ *et al.*, 1990).

Uma obra importante para a presente monografia foi “Guarani: Organização social e Arqueologia”, de André Soares, publicado em 1997 a partir de sua dissertação de mestrado. Nela, o autor analisa a organização social do Guarani com base em fontes etnográficas e do texto “Tesoro de la lengua guarani”, do padre Antonio Ruiz de Montoya. Sua análise das estruturas linguístico-culturais que orientavam as relações sociais e a ocupação do ambiente pelos Guarani é bastante interessante, e me permitiu pensar na complexidade da sociedade desses indígenas, para ir além do mero registro arqueológico. (SOARES, 1997).

Pensando na fabricação da cerâmica Guarani de forma mais focada, foi relevante a consulta a dois livros. Primeiro, “Alimentação na floresta tropical” de José Proenza Brochado, lançado em 1977, e que busca uma análise da relação entre a cerâmica Tupiguarani e os alimentos, especialmente do consumo da mandioca, revelando o quanto a forma dos vasilhames podia ser condicionada ao modo de preparo da mandioca, e não o contrário. (BROCHADO, 1977). Depois, “Cerâmica Guarani”, de Fernando La Salvia e José Proenza Brochado, lançado em 1989, onde os autores realizam uma exaustiva análise de todos os processos relacionados à confecção dos artefatos cerâmicos dessa tradição, desde a escolha da pasta, a manufatura, a decoração, e, também, o relacionamento entre forma e função, para entender a alimentação dos Guarani, e a maneira que os vasilhames eram utilizados. Embora sua classificação extremamente minuciosa e detalhada tenha, nos dias atuais, um valor limitado pela multiplicação exagerada de tipos cerâmicos<sup>4</sup> (dificilmente observáveis numa análise de artefatos com superfície degradada, como geralmente são encontrados nos sítios, e que pode fornecer um caráter subjetivo a catalogação); foi uma obra importante para pensar e classificar os artefatos cerâmicos encontrados nos sítios estudados na presente monografia. (LA SALVIA & BROCHADO, 1989).

---

<sup>4</sup> A separação dos artefatos cerâmicos em tipos facilmente identificáveis, evitando a multiplicação desnecessária de categorias, e uniformizando as características classificatórias, é recomendada em MEGGERS & EVANS, 1970, p. 25.

Consultas adicionais foram realizadas na “Suma Etnológica Brasileira”, no volume 2, que trata da tecnologia indígena, coordenado por Berta Ribeiro. Esse volume, lançado em 1986, fez parte de uma série que buscou atualizar as informações contidas no clássico “Handbook of South American Indians”, lançado na década de 1940. Embora muito de seu conteúdo seja voltado para estudos etnológicos e de culturas amazônicas, e tenha informações bastante datadas, ele me permitiu pensar alguns elementos de história cultural, que serão úteis na presente monografia. (RIBEIRO *et al.*, 1987).

Uma contribuição mais recente foi encontrada no livro “Arqueologia Guarani no Litoral Sul do Brasil”, de 2014, organizado por Rafael Milheira e Gustavo Wagner, que reúne artigos que revisam e repensam a expansão Guarani na região litorânea dos estados da região sul-brasileira, realizando pontes com as áreas do interior do continente. Desses artigos, um dos que mais contribuiu para esta monografia foi o de Dione Bandeira, que analisa a ocupação do Guarani no litoral norte catarinense, desde o padrão de assentamento até as dificuldades para trabalhar com relatos de cronistas coloniais, mostrando as diversas lacunas existentes no conhecimento arqueológico sobre essa região, que recebeu poucos estudos profundos. (BANDEIRA, 2014).

Outro artigo importante é o de Gustavo Wagner, que analisa a expansão do Guarani para o litoral norte gaúcho integrando-o com as relações com outros grupos indígenas e as frentes de expansão colonial. O autor se utilizou, essencialmente, do conceito de *Tekoá*, de sua mobilidade pela região litorânea e a exploração e integração das áreas das lagoas e a foz dos rios que desaguam no oceano com a planície costeira, para entender esse povoamento, alcançando resultados interessantes. (WAGNER, 2014).

Um terceiro artigo utilizado foi o de Mariana Araújo Neumann, que, de forma bastante concisa, conseguiu abordar a tecnologia cerâmica do Guarani no litoral norte do Rio Grande do Sul, e as relações que os nativos tinham com esses artefatos e seu meio, que iam muito além da mera funcionalidade e necessidade para o cozimento e acondicionamento dos alimentos, mas eram integrados ao grupo como seres vivos, e tratados como tal. (NEUMANN, 2014). Por fim, o artigo de Adriana Dias e Sérgio Baptista da Silva pensa na territorialidade e a mobilidade desse povo na região do lago Guaíba, desde o período colonial até os grupos *Mbyá*-Guarani atuais, percebendo relações de continuidade da cultura Guarani, e estratégias de ocupação das várzeas do Guaíba. Esse artigo é de particular importância para a presente monografia, visto que essa região tem relação direta com a expansão desses indígenas pela bacia do Rio do Sinos. (DIAS & SILVA, 2014).

Partindo para a enorme quantidade de dissertações e teses disponíveis sobre esse grupo indígena, temos, primeiramente, a dissertação “Sem *Tekohá* não há *tekó*: em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no delta do Jacuí, Rio Grande do Sul”, de Francisco Noelli, defendida em 1993. Esse trabalho consagrado analisa a mobilidade e o padrão de assentamento do Guarani utilizando-se, prioritariamente, das fontes etnográficas, etno-históricas e linguísticas, com uma exaustiva revisão bibliográfica e a construção de um modelo que aponta para a divisão das aldeias em unidades territoriais chamadas *Tekoá*. Esses territórios teriam chefias fortes, que integrariam as aldeias em uma complexa rede de parentesco, matrimônios, reciprocidade e organização no uso do espaço natural, que determinaria a divisão das áreas para assentamento e implantação das roças, entrega de regiões de exploração de recursos conforme o prestígio das famílias, e a continuidade da expansão territorial no tempo/espaço. Esse tipo de análise está presente também no livro de André Soares supracitado, e foi utilizado em muitos dos textos sobre Arqueologia Guarani lançados pós-1993. (NOELLI, 1993).

Outros dois trabalhos acadêmicos significativos para o presente escrito foram a dissertação de mestrado e a tese de doutoramento de Jairo Henrique Rogge. Em sua dissertação “Adaptação na Floresta Subtropical: A tradição Tupiguarani no médio Jacuí e Rio Pardo”, publicada em “Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos 6”, em 1996, o autor construiu um modelo interpretativo para o padrão de assentamento do Guarani no médio Jacuí e Vale do Rio Pardo, partindo da ecologia cultural e do modelo de fatores limitantes, de Betty Meggers e Clifford Evans, para compreender o relacionamento do indígena com o ambiente em que estava inserido, e o que, nesse meio, determinaria sua expansão constante. (ROGGE, 1996). Já a tese de Rogge, “Fenômenos de fronteira: um estudo das situações de contato entre os portadores das tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul”, publicada em “Pesquisas, Antropologia, N° 62” em 2005, por outro lado, analisa os contatos interétnicos ocorridos entre os grupos ceramistas do RS: Guarani, Taquara e Vieira. (ROGGE, 2005).

Essas relações de fronteira são importantes, aqui, para compreender o relacionamento dos Guarani do Alto Vale do Rio do Sinos tanto com os grupos Taquara do planalto (marcado, nos sítios por nós estudados, por fragmentos cerâmicos desse povo), quanto com as frentes missionária e escravagista de expansão europeia. Em união com os conceitos de fronteira de outros autores citados na Introdução, como Eduardo Neumann (2004) e Mariana Thompson Flores (2012), essa tese embasará as reflexões sobre essas relações, que, muitas vezes eram bastante conturbadas.

Uma dissertação mais recente consultada foi “Arqueologia guarani na bacia hidrográfica do rio Araranguá, Santa Catarina”, de Jaisson Lino, defendida em 2007. Nela, o autor buscou, com a união de dados arqueológicos e etno-históricos, a construção de um modelo para explicar o padrão de assentamento e a mobilidade do Guarani na região do rio Araranguá, em SC, em uma perspectiva de longa duração. Esse trabalho será útil, aqui, pela união de dados arqueológicos e históricos, buscando formas de trabalhar esses dados concomitantemente. (LINO, 2007).

Há, também, a dissertação de mestrado de Fabiane Maria Rizzardo, “Sepultamentos dos mortos entre antigas populações do tronco tupi: Confrontando arqueólogos e cronistas quinhentistas”, defendida em 2017, e citada na Introdução do presente texto. Nela, a pesquisadora analisou uma grande quantidade dos sepultamentos registrados para o povo Tupi, e contrapôs esses dados trabalhados pelos arqueólogos com o que os cronistas quinhentistas como Hans Staden, André Thevet, Jean de Léry e Gabriel Soares de Souza registraram sobre as práticas mortuárias desse povo. Assim, ela conseguiu perceber os limites de trabalho com dois tipos de fonte distintos, e como ambos podem, com os cuidados metodológicos e teóricos devidos, ser utilizados de forma conjunta para a construção da história de populações indígenas coloniais. Essa será uma contribuição fundamental, na presente monografia, pelas considerações teóricas (como o conceito de “homem fronteira, de François Hartog), que enriqueceram minha visão sobre a análise dos escritos jesuíticos, e, também, pelo uso combinado das fontes arqueológicas e etno-históricas. (RIZZARDO, 2017).

Um artigo recente que contribuiu para pensar a expansão Tupiguarani na região sul foi o de Mariano Bonomo *et al.*, de 2014, que realiza uma revisão ampla em todas as datas de Carbono-14 e Termoluminescência disponíveis para o povoamento Guarani, com mapas e considerações que analisam as possíveis rotas de dispersão dessa população, desde sua origem, até o litoral sul-brasileiro. Seguindo as considerações pioneiras de José Proenza Brochado, ainda na década de 1960, sobre a expansão do grupo Tupiguarani desde o ambiente amazônico, esse trabalho é um dos poucos a tratar essa tradição de forma mais ampla, saindo de análises regionais mais restritas, e tentando obter uma visão de conjunto. (BONOMO *et al.*, 2014). Esse artigo será interessante, aqui, para traçar a rota de expansão do Guarani pelo Vale do Sinos.

Todos esses trabalhos serão mais utilizados no Capítulo 4, que buscará a interpretação dos dados descritos neste capítulo. Os demais estudos arqueológicos sobre o Guarani utilizados nesta monografia referem-se a região do Vale do Sinos de forma mais focada, e serão expostos no item abaixo.

## 2.1 Histórico das Pesquisas Arqueológicas da cultura Guarani no Alto Vale do Rio dos Sinos

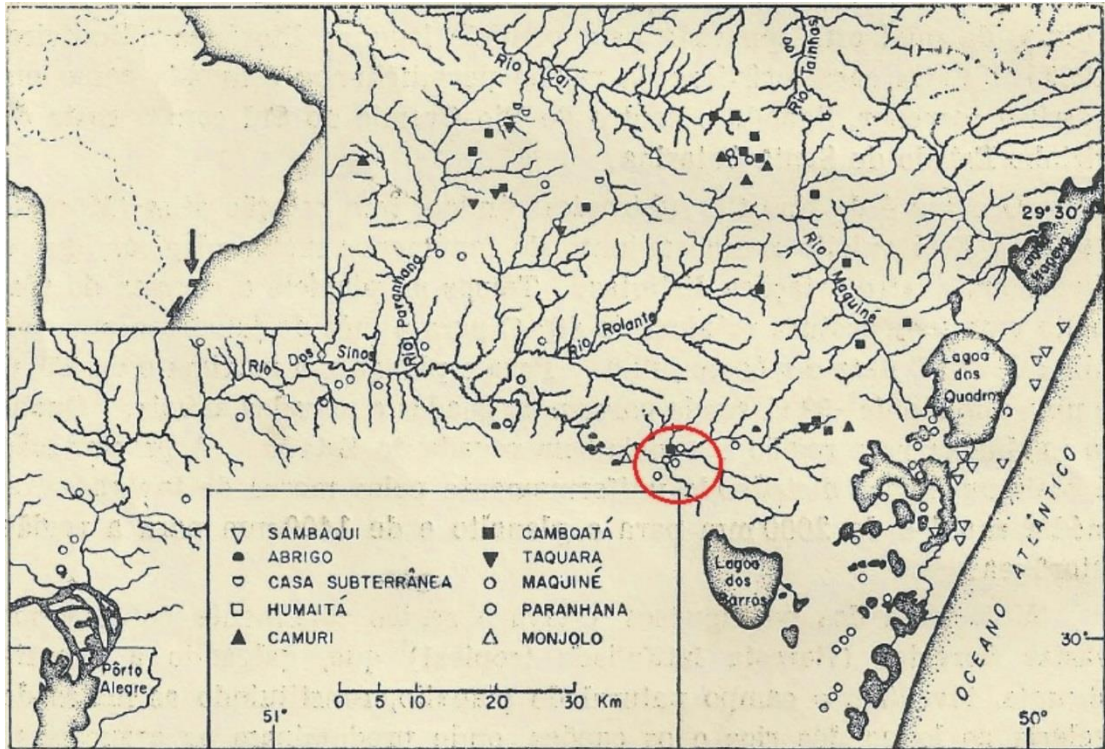
As pesquisas arqueológicas no Vale do Rio dos Sinos iniciaram, de forma amadorística, no início do século XX, especialmente ligadas ao trabalho de padres jesuítas na região; e, de forma acadêmica, a partir da década de 1960. O pioneiro desses estudos foi Eurico Theófilo Miller, que viajou por todo o Rio Grande do Sul realizando pesquisas sob a orientação dos modelos do PRONAPA.

Ele divulgou os resultados dessas atividades pelo Museu Paraense Emilio Goeldi, que reuniu os textos sobre os estudos do programa. Miller publicou, por esta instituição, uma série de artigos que apresentaram os dados das regiões que prospectou no Rio Grande do Sul, e, desses textos, o que interessa, aqui, é “Pesquisas arqueológicas efetuadas no Nordeste do Rio Grande do Sul”, lançado em 1967. Nele, o arqueólogo expõe os resultados das análises do material encontrado nos sítios da área do estado ao qual o Vale do Sinos está integrado, que foi prospectado por ele entre 1965 e 1966, e dos quais advêm os artefatos aqui utilizados.

Nesse trabalho, Miller classificou o material cerâmico Guarani encontrado em duas fases, a Paranhana e a Maquiné. Utilizando o padrão pronapiano de classificação dos vasilhames por sua pasta e elementos decorativos, o autor definiu, para a fase Paranhana, o uso de antiplástico mais grosso e o corrugado mais alto; enquanto, na fase Maquiné, há um aumento gradativo da areia, e crescimento do acabamento escovado. (MILLER, 1967). Essa classificação poderia corresponder, em certo grau, às características encontradas nos sítios aqui estudados, mas não foi o que aconteceu, especialmente considerando o acabamento escovado, que só foi encontrado em um dos assentamentos. Quanto ao antiplástico, ele parece seguir a classificação de Miller.

Abaixo, na Figura 1, se encontra o mapa da região, publicado por Miller no artigo citado, e que aponta os sítios encontrados, desde os pré-cerâmicos de caçadores-coletores, até os ceramistas das tradições Guarani e Taquara, indicando as fases arqueológicas definidas por ele.

**Figura 1** – Localização dos sítios pesquisados por Eurico T. Miller no Nordeste do Rio Grande do Sul.



Adaptado de: MILLER, 1967.

Legenda: Destaque, em vermelho, para a área dos sítios aqui estudados.

Só muito mais tarde a região do Alto Vale do Sinos voltou a ser estudada, dessa vez por Adriana Schmidt Dias, para a construção de sua tese de doutoramento, “Sistemas de Assentamento e Estilo Tecnológico: Uma proposta interpretativa para a Ocupação Pré-colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos”, defendida na USP em 2003. Nela, a autora prospectou todo o Alto Vale do Sinos, revisitando sítios descobertos por Eurico Miller na década de 1960, e explorando novos. Nesse trabalho, fica bastante evidente a destruição dos registros arqueológicos causada pela agricultura mecanizada, visto que a pesquisadora encontrou poucos fragmentos cerâmicos deteriorados nas áreas estudadas por Miller anteriormente, representando tudo o que sobrou desses assentamentos. Na tese, a autora analisou a cultura lítica dos caçadores-coletores Umbu, e os sítios Guarani, visando a construção de um modelo interpretativo para a variabilidade dos artefatos da indústria lítica do sul do Brasil. Para a interpretação dos dados, se utilizou do conceito de *Tekoá* de Noelli, percebendo a movimentação das sedes de aldeias Guarani de pelo menos dois *Tekoá*, na área do Vale pesquisada por ela. (DIAS, 2003).

Em 2015, foi a vez do Médio Vale do Sinos ser novamente prospectado, por Jefferson Zuch Dias, que defendeu a tese “Arqueologia no Médio Vale do Rio dos Sinos e Vale do Rio



Paranhana: O Processo de Ocupação pelos grupos ceramistas das tradições Taquara e Tupiguarani” na Unisinos. Nesse trabalho, com características de Arqueologia bastante tradicional, o autor analisou o material e documentação acondicionados no MARSUL sobre um dos principais afluentes da margem direita do Sinos, o Rio Paranhana, construindo um modelo para a ocupação da região por populações Guarani e Taquara, e percebendo as relações desses com a calha principal do Sinos. (DIAS, 2015).

Esses dois autores identificaram a dispersão dos assentamentos Guarani como direcionada da foz em direção às nascentes do Sinos e, no caso de Jefferson Dias, subindo pelo Paranhana até as escarpas da Serra Geral. Ambos perceberam, também, os contatos com as populações Taquara que desciam, eventualmente, do Planalto. Diferem na interpretação, porém, já que Adriana Schmidt Dias analisa esses contatos como apenas belicosos, enquanto Jefferson Dias os compreende como mais complexos, com trocas de elementos culturais e alguma convivência entre os dois grupos, cristalizados na cerâmica Taquara encontrada em assentamentos Guarani e da cerâmica Guarani encontrada em sítios do Planalto. (NUNES & SCHMITZ, 2017).

Após 2015, com o início dos trabalhos do IAP relacionados ao Vale do Sinos, temos apresentado resultados em eventos acadêmicos e publicado uma série de pequenos artigos que divulgam os dados e produtos preliminares do projeto, cabendo a mim a análise de sítios da parte alta do Vale, especialmente os sete sítios citados na Introdução, que parecem formar um conjunto homogêneo. Inicialmente, partimos do estudo arqueológico tradicional, analisando os fragmentos lito-cerâmicos dos sítios do Sinos por suas características construtivas, formas e acabamento.

Desse exercício inicial resultaram três trabalhos: “O Guarani no Alto Vale do Rio dos Sinos”, apresentado na XXIII Mostra de Iniciação Científica Unisinos, em 2016; “O guarani no Alto Vale do Rio dos Sinos: um panorama da implantação do grupo”, no II Colóquio Discente de Estudos Históricos Latino-Americanos (CEHLA), do qual adveio um artigo homônimo; e “Um sítio Guarani no Alto Vale do Rio dos Sinos”, apresentado como pôster no X Encontro do Núcleo Regional Sul da Sociedade de Arqueologia Brasileira: desconstruindo assimetrias. Esses três trabalhos foram focados na análise dos artefatos dos sítios do Alto Sinos, especialmente do sítio composto RS-S-289 e 290 Monte Serrat 1 e 2, que foi o único a ter boa parte das informações divulgadas; e na implantação das aldeias em seu contexto ecológico. (NUNES, 2016; NUNES & SCHMITZ, 2016, 2017)

Depois disso, iniciou-se uma segunda fase do projeto, com o aprofundamento em fontes escritas, especialmente as relacionadas com o trabalho missionário dos padres jesuítas durante

o final do século XVI e início do XVII. Os relatos preciosos dos inacianos que estavam entre os primeiros europeus a entrar em contato com indígenas aparentados com os Guarani, os Carijó, estão preservados na monumental obra *História da Companhia de Jesus no Brasil*, de Serafim Leite, e outras obras correlatas, que reúnem as cartas dos padres. Buscamos, a partir desse momento, elementos para a realização de uma analogia direta que permitisse ir além da cultura material, e preencher lacunas no registro arqueológico. Nessa segunda fase foram apresentados e publicados, até o momento, nove trabalhos. Iniciando em 2017 com “Como eram os assentamentos Guarani do Alto Vale do Rio dos Sinos”, apresentado na XXIV Mostra de Iniciação Científica Unisinos, seguindo para “O sistema de assentamento Guarani no Alto Vale do Rio dos Sinos e a visão dos missionários jesuítas”, apresentado no II Congresso Internacional de Estudos Históricos Latino-americanos (CI-EHILA), e do qual resultou um artigo homônimo. (NUNES, 2017; NUNES & SCHMITZ, 2017a).

Em 2018, iniciei com a apresentação “Jesuítas, indígenas e europeus: uma análise da tese de Beatriz Vasconcelos Franzen no contexto do Alto Vale do Sinos”, na XXV Mostra de Iniciação Científica Unisinos, que gerou um texto de divulgação no Blog do IAP, intitulado “Jesuítas entre os índios Carijó do sul do Brasil, segundo Beatriz Franzen”. Ele foi seguido por “O Guarani no Alto Vale do Rio dos Sinos: uma analogia com relatos Jesuítas setecentistas”, apresentado no III Congresso Internacional de Arqueologia da Bacia do Prata (III CAP)<sup>5</sup>. Após, apresentei “A ação Jesuíta entre os Carijó e a desestruturação de sua sociedade no contexto do Alto Vale do Rio dos Sinos”, apresentado no III CEHLA, que resultou em um terceiro artigo. Nesse ano, também, foram publicados, na revista *Pesquisas Antropologia*, volume 73, do IAP, dois artigos relacionados ao projeto no Sinos, e eu contribuí em um deles, “A ocupação Guarani do Vale do Rio dos Sinos: uma proposta de pesquisa”. Nesse texto, se buscou uma exposição sucinta dos elementos metodológicos que vêm sendo utilizados em nosso projeto, e apontando caminhos pelos quais ele seguirá. (NUNES, 2018, 2018a; NUNES & SCHMITZ, 2018, 2018a; SCHMITZ *et al.*, 2018).

Após, apresentei na XIV Mostra de Pesquisa APERS um pôster intitulado “Fontes arqueológicas e cartas jesuítas na construção da história do guarani no Vale dos Sinos” que buscou expor, brevemente, a expansão jesuítica para o litoral sul brasileiro na primeira metade do século XVII. No final de 2018, ainda apresentei mais um pôster, “A Ação Missionária dos Jesuítas entre os índios Carijó do litoral sul brasileiro no século XVII” nas XVII Jornadas

---

<sup>5</sup> Esta apresentação resultou em um artigo homônimo que, atualmente, se encontra no prelo, e deve ter sua publicação no segundo semestre de 2019.

Internacionais Sobre as Missões Jesuíticas, que foi uma tentativa de unificar os dados arqueológicos e missionários em um espaço bastante reduzido. (NUNES, 2018b, 2018c).

Com essa produção em diversos meios e formatos conseguimos, paulatinamente, compreender melhor o padrão de assentamento Guarani no Sinos, estudo que continuará o aprofundamento na presente monografia. Esses assentamentos no Vale estavam, fundamentalmente, inseridos em um contexto ecológico, que será explorado abaixo.

## 2.2 O Ambiente no Vale do Rio dos Sinos

O estabelecimento das culturas indígenas no Brasil pré-colonial era influenciado diretamente pelos ambientes naturais circundantes, que exigiam estratégias específicas para o assentamento em cada região, e determinavam escolhas a serem efetuadas pelos grupos durante a construção das aldeias e manutenção de seus costumes tradicionais. Assim, diferentes grupos podiam encontrar soluções semelhantes para condições impostas pelo meio ambiente, que se adaptassem a seus padrões de assentamento e parâmetros culturais específicos, e mesmo aldeias de um mesmo grupo poderiam apresentar diferenças devido ao ambiente. (PROUS, 1992, p. 35).

Em geral, trabalhos ligados à Arqueologia Histórico-culturalista se utilizam, prioritariamente, dos artefatos cerâmicos para a definição de adaptações ao ambiente, já que

Sendo a cerâmica um elemento tecnológico determinante de um comportamento, nossa proposição é ver o homem que desenvolve uma tecnologia como satisfação de suas necessidades e inserido dentro de um contexto ecológico, onde nichos ocorrem, com características geológicas, pedológicas e vegetais diferentes, determinando comportamentos distintos, dentro de uma mesma tradição cultural. A adaptação ao meio onde a simples denominação de uma formação zoobotânica não implica na existência de um aglomerado vegetal, mas de um complexo, determinará uma nova adaptação com alteração, inovação e/ou associação de outros elementos que irão a seu tempo alterar os comportamentos culturais para a satisfação de suas necessidades sem a alteração profunda dos princípios da cultura. (LA SALVIA & BROCHADO, 1989, p. 5).

Por isso, é de vital importância o conhecimento do ambiente em que esses assentamentos estavam inseridos, para entender escolhas culturais que definiriam a construção das habitações,

a produção de artefatos para o trabalho diário, a relação com plantas e animais disponíveis etc. Há, também a colocação de Meggers, utilizando um conceito biológico de que

las condiciones medioambientales o ecológicas constantemente cambiantes son la regla antes que la excepción, y el cambio puede favorecer alternativamente un tipo de adaptación y luego otro. Los mismos mecanismos evolutivos pueden producir estabilidad en una especie, variedad en otra, y la extinción en una tercera. (MEGGERS, 1998, p. 59).

Logo, o meio pode influir, diretamente, no desenvolvimento das culturas, determinando adaptações culturais únicas ao ambiente, ou, mesmo, impossibilitando a continuidade do modo de vida tradicional. Essa impossibilidade é perceptível, por exemplo, após a expansão europeia, que empurrou as tribos indígenas para locais cada vez menos favoráveis a seus padrões de assentamento, desestruturando toda a sociedade. (NUNES & SCHMITZ, 2017a, 2018).

Em se tratando das populações Guarani, que, como apontado anteriormente, eram dependentes de condições ambientais específicas (as florestas subtropicais), essa relação simbiótica com o meio se torna ainda mais evidente. Por isso, considero interessante fazer relações com a utilização do espaço pelo grupo Guarani *Mbyá*<sup>6</sup>, pesquisado por Adriana Dias e Sérgio Baptista da Silva no lago Guaíba, onde definem que

O estudo de uma região particular da territorialidade *mbyá-guarani* deve ter por eixo a dimensão global do sócio e do cosmos deste coletivo indígena. Este se inscreve em pequenas áreas (“ilhas”), num universo de relações que extrapolam as dimensões do espaço físico, envolvendo agências múltiplas (humanos e extra-humanos – divindades, animais, plantas e outros seres que povoam o cosmos *guarani*), além de outros coletivos indígenas e não indígenas, através de lógicas próprias que produzem as relações sociais *nas* aldeias e *entre* as aldeias. (DIAS & SILVA, 2014, p. 86) [grifos no original].

Dessa forma, acredito ser importante observar com atenção o contexto ambiental que circundava os sítios do Alto Vale do Sinos, que poderá nos indicar fontes de abastecimento de alimentos, locais de retirada de matérias primas para fabricação de artefatos, áreas mais

---

<sup>6</sup> Estou considerando, aqui, a territorialidade e o uso do espaço natural pelo Guarani (e, por extensão, o *Mbyá-guarani*, conceituado por autores como José Proenza Brochado e Francisco Noelli como sendo descendente direto da cultura Tupiguarani) dentro do conceito de *Tekoá*, utilizado pela primeira vez no clássico trabalho de Noelli, citado anteriormente, que define o uso do espaço pelo Guarani como muito complexo e ligado à divisão do ambiente conforme prestígio, destinando áreas com mais recursos para famílias e chefes mais importantes, e integrando as aldeias em relações simbióticas com o meio. (NOELLI, 1993).

propícias para os cultivos e edificação das habitações, além de permitir a manutenção do relacionamento único que esses indígenas desenvolviam com seu meio.

Passando para uma descrição da área de estudo, a Bacia do Rio do Sinos possui cerca de 3691 km<sup>2</sup> de área total, e suas águas banham, em algum grau, 32 municípios. As nascentes do rio se encontram no município de Caraá, em cotas altimétricas de 600 m, e suas águas têm a foz no município de Canoas, com altitude quase nula. (COMITESINOS, 2019)<sup>7</sup>. A cobertura vegetal atual do Vale é de, aproximadamente, 1433 km<sup>2</sup> de matas (seja nativas ou exploradas comercialmente), 653 km<sup>2</sup> de campos e 455 km<sup>2</sup> de banhados, embora essas áreas sejam altamente degradadas pela ação antrópica (SOUZA, 2008, p. 3-6), o que me faz acreditar que a região deveria ser muito mais rica em elementos vegetais quando da expansão do Guarani.

O Vale do Sinos está, geologicamente, inserido na junção da Encosta Inferior do Nordeste do RS com a Depressão Central do RS (ou Depressão Periférica, como nomeia STRECK *et al.*, p. 145), fazendo divisa com o Planalto ao norte e a Planície Costeira a leste. Essa faixa representa um espaço de alteração geológica importante, com as escarpas da Serra Geral descendo tanto em direção ao litoral quanto para o centro do Estado. As cotas altimétricas médias são de 300 a 500 m na Encosta Inferior do Nordeste, e de 40 a 100 m na Depressão Central, tendo relevos ondulados e suavemente ondulados. Nesse espaço transitório, se encontram os derrames basálticos decorrentes do vulcanismo que formou o Planalto no período da separação dos continentes, há 147 milhões de anos, e que compõem as bases das encostas e morros atuais; e, na Depressão Central, há um conjunto mais diversificado de rochas sedimentares, que fazem parte da Bacia Sedimentar do Paraná. (STRECK *et al.*, 2018, p. 141-154).

Em termos de solo, as

planícies de inundação dos afluentes (rios Pardo, Pardinho, Taquari, Caí, Maratá, Cadeia, Sinos e outros) e do próprio rio Jacuí, enquanto encaixadas entre os patamares da Serra Geral (**Encosta Inferior do NE**), são ocupadas por Chernossolos Háplicos Órticos típicos (U. Vila), Cambissolos Háplicos Eutróficos gleissólicos, Neossolos Flúvicos e Gleissolos Háplicos. (STRECK *et al.*, p. 160) [grifo no original].

---

<sup>7</sup> “Comitê de Gerenciamento da Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos. Órgão, descentralizado, que funciona como uma associação parceira ao Sistema e da Política de Recursos Hídricos do Estado do Rio Grande do Sul, que envolve todos os seus segmentos: poder público, empresas, companhias de saneamento, ONGs, enfim, representantes dos usuários das águas do Rio dos Sinos”. (DIAS, 2015, p. 14). O site desse órgão disponibiliza uma série de artigos, trabalhos acadêmicos e cartilhas para a comunidade, que possuem o Vale do Sinos como centro, o que me permitiu consultar muitas informações sobre vegetação, clima e solo da região.

Considero interessante, aqui, expor algumas informações básicas sobre cada um desses solos, o que permitirá compreender qual o ambiente que os Guarani teriam acesso quando de sua expansão pela Bacia do Sinos, e que influencia esses teriam em suas práticas agrícolas, oleiras e de extrativismo.

Os **Chernossolos Háplicos Órticos Típicos** são originados pela decomposição de rochas ácidas ou intermediárias, e possuem baixa acumulação de argila. Seu aparecimento em locais de relevo mais ondulado, e a presença de pedras e fragmentos de rocha no meio do solo, dificultam a prática agrícola, mas não traz restrições ao plantio pela quantidade de acidez ou outros elementos. (AGEITEC, 2019)<sup>8</sup>.

Os **Cambissolos Háplicos Eutróficos gleissólicos**, por sua vez, são encontrados em relevos fortemente ondulados e montanhosos, sem apresentar, na superfície, horizonte A húmico. Com fertilidade natural variável, não são fáceis de receber cultivos por seu aparecimento em locais acidentados e, assim como o solo anterior, possuir pedras e fragmentos de rocha na massa do solo. As variantes Eutróficas desse solo (como a encontrada no Sinos), possuem um bom nível de argila, e produtividade considerável, porém com drenagem de má qualidade. (AGEITEC, 2019).

Os **Neossolos Flúvicos** são encontrados em regiões de várzeas e próximos a fontes de água como rios e lagos, o que os torna muito úmidos. Têm formação recente pela sobreposição de sedimentos, o que permite que se apresentem com muitas variações naturais de cor, textura, e características físico-químicas. A sua fertilidade é muito variável, em função das diferenças encontradas em sua formação, mas, em geral, riscos de inundação pelas fontes de água, proximidade do lençol freático, e uma baixa fertilidade geral, o tornam inadequado para plantações de bom rendimento. (AGEITEC, 2019).

Por fim, os **Gleissolos Háplicos** são encontrados em áreas mais baixas de planícies fluviais, apresentando grande variedades de formação e elementos constitutivos. Em geral, possuem sedimentos aluviais advindos das várzeas dos rios, e não possuem restrições para agricultura. (AGEITEC, 2019).

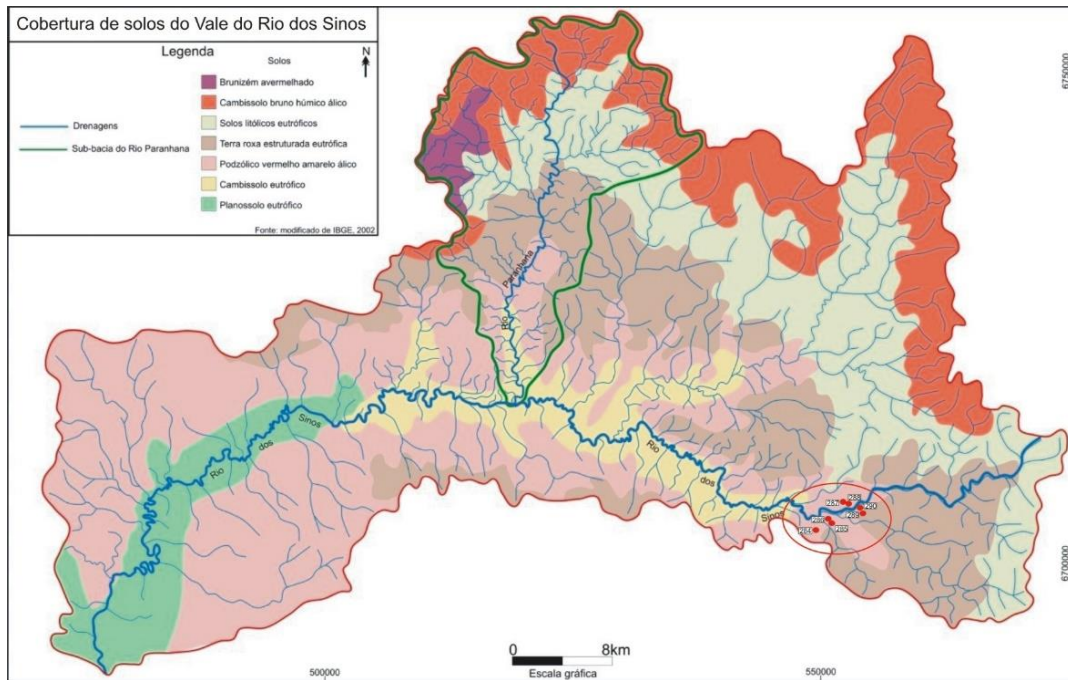
Pela classificação utilizada por DIAS, 2015 e NUNES E SCHMITZ, 2017, os solos do Vale do Sinos foram classificados segundo um sistema diferente, do IBGE, com os sítios aqui estudados ficando entre o **Cambissolo eutrófico** e o **Podzólico vermelho amarelo álico**, ocorrendo em áreas de relevo ondulado a forte ondulado, e com fertilidade variável, mas nunca

---

<sup>8</sup> As informações dos tipos de solo foram todas retiradas do site Agência Embrapa de Informação Tecnológica, que possui um catálogo completo de informações sobre solo e vegetações brasileiras. Os links de cada solo apresentado no texto terão os links citados nas Referências Bibliográficas.

muito acentuada sem correção do solo. Considerei útil utilizar, aqui, o mapa de cobertura de solos do Sinos presente em DIAS, 2015, p. 19 (Figura 2), por ele se constituir em um registro bastante completo dos tipos de solo presentes em toda a Bacia, mesmo que em uma classificação diferente daquela que utilizei.

**Figura 2** – Cobertura de Solos do Vale do Rio dos Sinos



Adaptado de: DIAS, 2015.

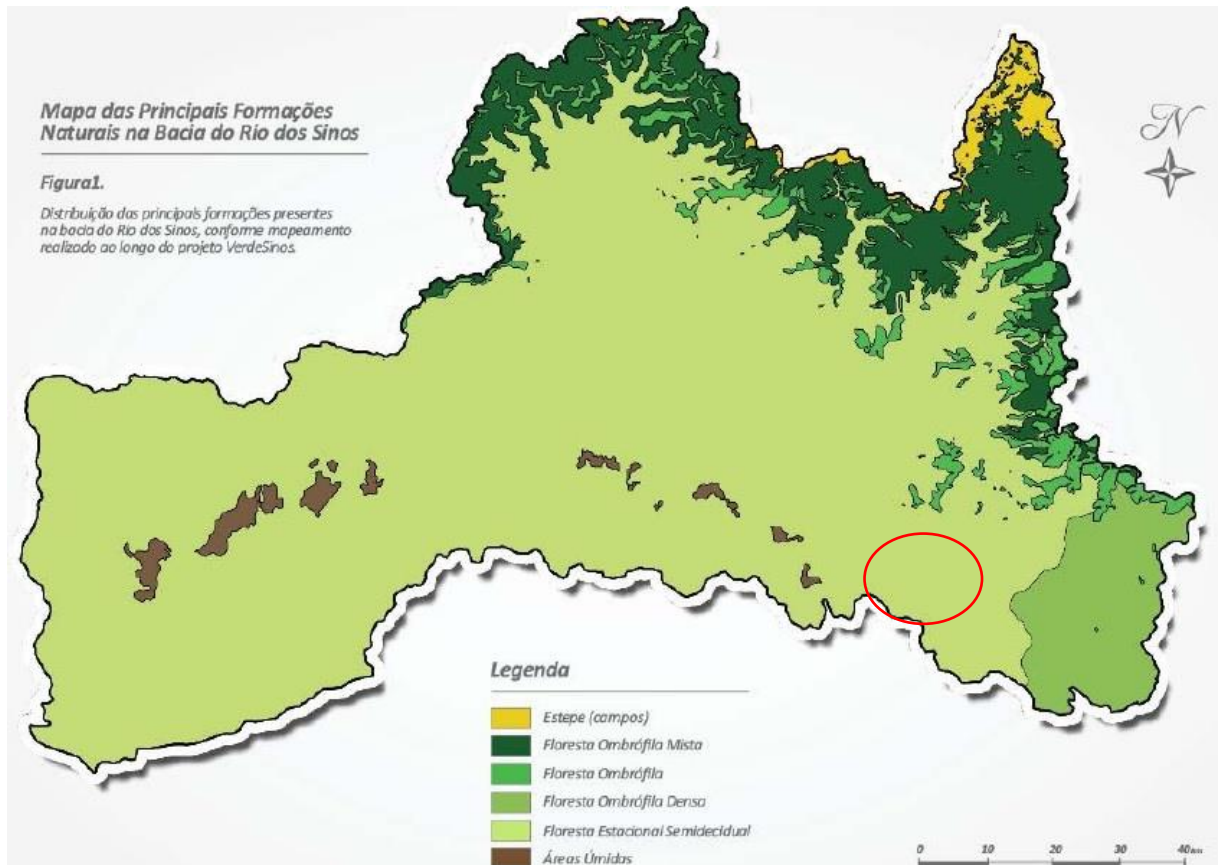
Legenda: Há destaque, em vermelho, para a área dos sítios aqui estudados, com a localização aproximada dos assentamentos.

O clima geral da região do Sinos é subtropical, com a média de precipitação anual situada em 1600 mm, bem distribuídas ao longo do ano, o que garante boa umidade em todas as estações, facilitando a manutenção de plantações e da vegetação natural. Na área dos sítios que estudei, a média fica em torno dos 1430 mm anuais. (ANSCHAU, 2016, p. 71). As temperaturas médias estão na faixa dos 20 °C, podendo chegar a altas temperaturas no verão, e a sensações térmicas extremamente baixas no inverno, especialmente nas cotas altimétricas mais altas, onde o Alto Vale se encontra. (COMITESINOS, 2019).

A cobertura vegetal do Vale do Sinos é caracterizada pela presença de várias formações florestais típicas do Rio Grande do Sul, como a Floresta Estacional Semidecidual, a Floresta Ombrófila, a Floresta Ombrófila Densa, e a Floresta Ombrófila Mista, além de vegetações típicas de áreas úmidas como os banhados (Figura 3). Essas formações diversas coexistem em

um espaço relativamente pequeno, criando “zonas de ecótono com interações entre diferentes espécies, populações e comunidades” (ANSCHAU, 2016, p. 26), o que, certamente, contribuiu para a expansão de grupos indígenas. Mesmo assim, cada uma dessas florestas possui características próprias, que serão expostas abaixo<sup>9</sup>.

**Figura 3 – Formações florestais do Vale do Sinos**



Adaptado de: ANSCHAU, 2016.

Legenda: Há destaque, em vermelho, para a área dos sítios aqui estudados.

A **Floresta Estacional Semidecidual** é caracterizada por ser menos densa e mais seca, com sub-bosque mais aberto e com menor variedade de espécies, mas com árvores de grande porte, e diversas espécies que perdem as folhas no inverno. No Vale do Sinos, ela faz divisa com as áreas úmidas mais baixas e as áreas mais secas do Planalto, estando presente desde os 12 até os 600 m de altitude. Atualmente, são encontrados, na Bacia do Sinos, cerca de 54.000 m<sup>2</sup> dessa formação florestal, com, aproximadamente, 7.696 árvores amostradas. (ANSCHAU,

<sup>9</sup> Os nomes científicos e populares apresentados para as plantas e animais seguem os indicados nas publicações referenciadas, porém alguns dos nomes populares (como no caso dos frutos), podem ser mais gerais, pelo fato de vários desses termos designarem mais de uma espécie.



2016, p. 44). Nesse espaço, foram catalogadas 175 espécies diferentes, divididas em 120 gêneros e 54 famílias, com algumas espécies que são exclusivas de algumas das áreas do Vale<sup>10</sup>. Muitas dessas são ombrófilas, ou seja, dependentes de espaços com menos incidência solar e mais umidade. Algumas das variedades encontradas nesse espaço são: *Actinostemon concolor* (Laranjeira-do-Mato), *Faramea montevidensis* (Café-do-Mato), *Mollinedia schottiana* (Pimenteira), *Myrciaria cuspidata* (Camboim), *Guapira opposita* (Maria-Mole), *Apuleia leiocarpa* (Grápia), *Cordia americana* (Guajuvira), *Handroanthus heptaphyllus* (Ipê Roxo), *Zanthoxylum petiolare* (Mamica-de-Cadela), *Enterolobium contortisiliquum* (Timbaúva, ou Orelha-de-Macaco), *Myrocarpus frondosus* (Cabreúva), *Aspidosperma australe* (Pitiá), dentre outras. (ANSCHAU, 2016, p. 44). Essa formação florestal é a predominante na área dos sítios analisada nesta monografia, mas possui relação direta com os demais espaços naturais do Vale do Sinos, integração que deveria ser bem mais intensa no período de expansão do Guarani, e que pode ajudar a entender o contexto mais amplo em que esses indígenas estavam inseridos.

A **Floresta Ombrófila**, por outro lado, tem sua ocorrência ligada às áreas de encosta da Bacia, no limite com a Serra Geral, em altitudes de 600 m acima do nível do mar. Por causa da relativa proximidade com o oceano, que forma nuvens baixas que se chocam com o Planalto causando chuvas, esse tipo de formação vegetal é bastante úmido. Possui sub-bosque e estrato herbáceo bastante densos, e com muitas epífitas (plantas que se desenvolvem nos troncos de árvores sem lhe causar prejuízos, como samambaias), além da presença, no chão da floresta, de muitos troncos caídos, que demoram para apodrecer por causa das condições ambientais. Há grandes áreas de bambuzais, e, no geral, a maioria das espécies de árvores que aparecem nela estão presentes em outras formações florestais. Foram registradas, no Vale do Sinos, 14.000 m<sup>2</sup> dessa formação, com 2.408 árvores, divididas em 116 espécies, 75 gêneros e 40 famílias. Algumas das variedades encontradas nesse espaço são: *Dicksonia sellowiana* (Xaxim),

---

<sup>10</sup> Para chegar a esses resultados, a equipe que levantou os dados para o trabalho de Anschau seguiu a seguinte metodologia, utilizada tanto para as árvores quanto para os pássaros do Vale: “Para cada formação foram amostrados números variáveis de parcelas, aproximadamente de acordo com a área ocupada na bacia. Ao todo foram inventariados 100.000 m<sup>2</sup> de florestas distribuídos em 100 unidades amostrais, estas por sua vez abrangendo todas as tipologias florestais. Cada área foi amostrada com uma ou mais parcelas de 20 x 50 m (1000 m<sup>2</sup>) onde foram inclusos todos os indivíduos arbóreos com diâmetro à altura do peito (DAP)  $\geq$  5cm e altura mínima de 2 m, registrando-se para os mesmos o DAP e a altura total. A fim de evitar autocorrelação espacial entre as amostras, procurou-se, sempre que possível, manter uma distância mínima de 500 m entre parcelas próprias. [...] Para as amostragens quantitativas, foram realizadas capturas utilizando-se redes de neblina de 10 x 3 m (malha de 16 mm) dispostas em linha, totalizando 100 m contínuos. A linha de redes foi disposta a uma distância mínima de 100 m da borda de cada floresta e muitas vezes próxima ou junto a cursos d’água, sendo revisada a cada 30 ou 60 min, de acordo com a intensidade de captura. Cada indivíduo capturado foi acondicionado em um saco de algodão, identificado, marcado com anilha metálica, fotografado, mensurado e caracterizado quanto a aspectos biológicos comumente avaliados em estudos de campo (e.g. sexo, idade, atividade reprodutiva, muda de penas), após o que foi solto no mesmo local”. (ANSCHAU, 2016, p. 32).

*Alsophila setosa* (Samambaiçu), *Ilex paraguariensis* (Erva-Mate), *Cinnamomum pseudoglaziovii* (Canela-Crespa), *Cryptocarya aschersoniana* (Canela-Fogo), *Eugenia coetanea* e *Eugenia handroi* (Camboim), *Clethra uleana* (Caujuja), *Cabralea canjerana* (Canjerana), dentre outras. (ANSCHAU, 2016, p. 50).

A **Floresta Ombrófila Densa** tem seu aparecimento especialmente no lado leste da Bacia, em altitudes entre 51 e 600 m. Atualmente, são encontrados cerca de 20.000 ha<sup>11</sup> no Vale, que fazem divisa com as outras formações florestais da região. Essa floresta tem, como característica, a densidade dos estratos, com muitos epífitas, e, especialmente, grande profusão do *Euterpe edulis* (Palmitreiro), cujo aparecimento é definidor desse espaço. Foram registrados 2.943 árvores, divididas em 117 espécies, 84 gêneros e 46 famílias, com exemplares que também aparecem em outras formações, como a Laranjeira-do-Mato, Pimenteira e Maria-Mole, mas com elementos exclusivos, como: *Cordia silvestres* (Louro-Branco), *Ocotea nunesiana* (Canela), *Alchornea sidifolia* (Tanheiro), *Chrysophyllum viride* (Aguai-Amarelo), *Virola bicuhyba* (Bicuiba), dentre outras. (ANSCHAU, 2016, p. 56).

Por fim, o Vale do Sinos ainda abarca um trecho de **Floresta Ombrófila Mista**, que se desenvolve nas bordas e escarpas da Serra Geral, com altitudes que vão desde 80 até os 971 m acima do nível do mar. Na Bacia do Sinos, se encontram, atualmente, cerca de 16.000 m<sup>2</sup> dessa formação, com 2.248 árvores, que apresentam a densidade mais baixa entre as florestas presentes no Sinos, raramente apresentando estratos intermediários. Apareceram 134 espécies, 84 gêneros e 44 famílias, das quais, a mais característica e de maior profusão, é *Araucaria angustifolia* (Araucária). Aparecem, também: *Siphoneugena reitzii* (Camboim), *Ocotea pulchella* (Canela-Lajeana), *Sebastiania brasiliensis* (Leiteirinho), *Laplacea acutifolia* (Santa-Rita), *Ocotea porosa* (Imbuia), *Eugenia rotundicosta* (Pitangão-Amargo) *Handroanthus albus* (Ipê-Amarelo), *Rhamnus sphaerosperma* (Cangica), *Drimys angustifolia* (Casca d'Anta), dentre outras. (ANSCHAU, 2016, p. 62).

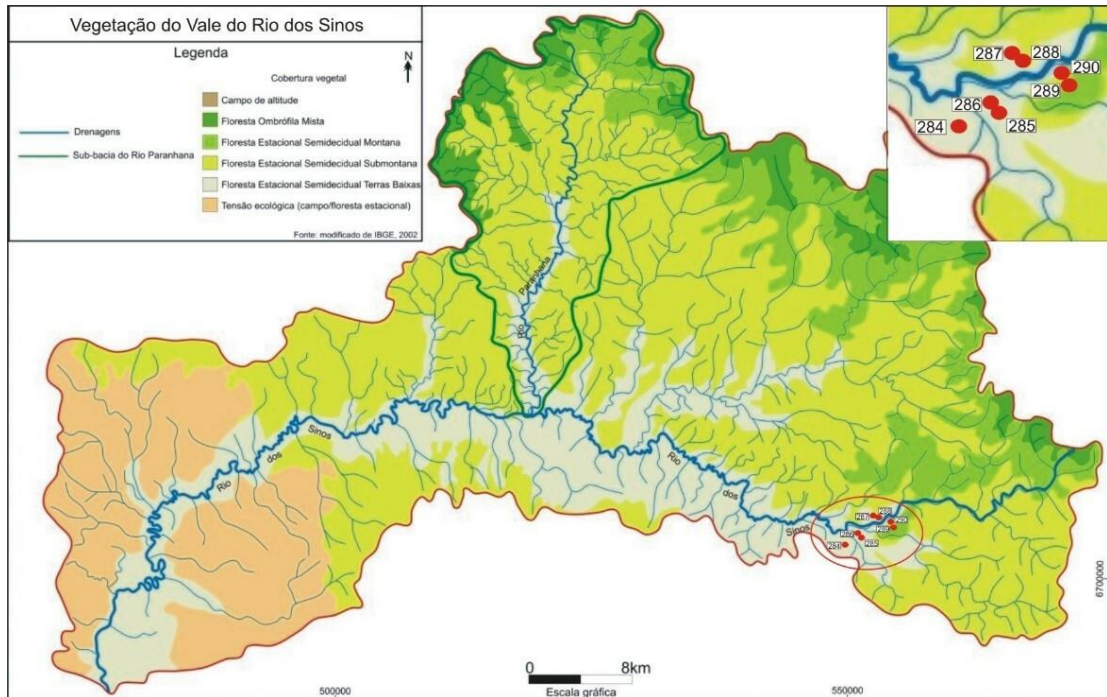
Na classificação utilizada por Jefferson Dias em sua tese (DIAS, 2015) para a vegetação do Vale (Figura 4), que segue a do IBGE, ainda aparecem subdivisões para a Floresta Estacional Semidecidual, como a Montana, a Submontana e a de Terras Baixas. Como elas têm aparecimento na área dos sítios que eu estudei (NUNES & SCHMITZ, 2017), é interessante considerar que são separadas especialmente pela altitude, e penso que não representem alterações consideráveis para exigir, aqui, a subdivisão em mais espaços vegetais específicos.

---

<sup>11</sup> Apenas essa formação florestal recebeu a unidade de medida de hectares, em vez de metros quadrados, no trabalho de Anschau, e embora não haja nenhum esclarecimento no texto sobre o porquê dessa alteração, decidi manter, aqui, a referência originalmente apontada pelo trabalho.

Essa divisão das formações florestais por altitudes ainda pode ser bastante problemática, já que oculta as intrusões de espécies típicas de uma floresta em outra, como ocorre com manchas de Floresta Ombrófila Mista que aparecem em altitudes mais baixas que àsquelas determinadas pela classificação do IBGE, marcando espaços da Floresta Ombrófila Densa. (ANSCHAU, 2016, p. 62).

**Figura 4** – Vegetação do Vale do Rio dos Sinos



Adaptado de: DIAS, 2015.

Legenda: Há destaque, em vermelho, para a área dos sítios aqui estudados, com a localização aproximada dos assentamentos.

Em termos de recursos naturais disponíveis, todas essas formações florestais abrigam uma grande profusão de frutos, pássaros, mamíferos, anfíbios, répteis, moluscos e peixes que poderiam ser utilizados em associação com a agricultura, pelos Guarani, como fonte e complemento da alimentação. Entre os frutos e outros elementos vegetais disponíveis para o consumo<sup>12</sup>, podemos destacar: *Psidium guajava* (Goiaba), *Acca sellowiana* (Goiaba-da-Serra), *Annona cacans* (Araticum, ou Quaresma), *Philodendron bipinnatifidum* (Imbé, ou Banana-de-Bugre), *Butia capitata* e *Butia eriospatha* (Butiá), *Syagrus romanzoffiana* (Jerivá), *Euterpe edulis* (Palmito-Juçara), *Bactris setosa* (Tucum), *Casearia sylvestris* (Chá-de-Bugre), *Bromelia*

<sup>12</sup> Os nomes científicos dos frutos do presente tópico foram retirados do site Flora digital, da UFRGS, cujo link se encontra nas Referências Bibliográficas.

*antiacantha* (Gravatá), *Jacaratia spinosa* (Mamão-do-Mato), *Garcinia gardneriana* (Bacopari), *Plinia rivularis* (Guaburiti), *Inga vera* (Ingá-Banana), *Inga marginata* (Ingá-Feijão), *Rubus brasiliensis* (Amora-do-Mato), *Ficus adhatodifolia* (Figo), *Psidium cattleianum* (Araçá), *Psidium salutare var. sericeum* (Araçá-do-Campo), *Myrcianthes gigantea* (Araçá-do-Mato), *Myrcia palustres* (Araçarana), *Plinia edulis* (Cambucá), *Eugenia involucrata* (Cereja), *Eugenia brasiliensis* (Grumixama), *Myrcianthes pungens* (Guabijú), o gênero *Campomanesia* (Guabiroba), o Guamirim (com vários gêneros e espécies), *Plinia peruviana* (Jabuticaba), *Eugenia uniflora* (Pitanga), *Myrcia palustres* (Pitanga-do-Mato), *Campomanesia guazumifolia* (Sete-Capotes), *Eugenia pyriformis* (Uvaia), o gênero *Passiflora* (contando com algumas variedades, como o Maracujá-azul, Maracujá-de-Estalo, Maracujá-Misera, dentre outros), *Allophylus edulis* (Chal-Chal), *Vitex megapotamica* (Tarumã), e, nas zonas de Floresta Estacional Semidecidual, *Araucaria angustifolia* (Pinhão), dentre outras.

Quanto aos animais que vivem na região<sup>13</sup>, há uma quantidade considerável, muitos deles possuindo potencial para caça e consumo dos indígenas. Alguns dos mamíferos que podem ser encontrados na Bacia são: *Myocastor coypus* (Ratão-do-Banhado), *Tayassu pecari* (Porco-do-Mato), *Tapirus terrestres* (Anta), *Ozotoceros bezoarticus* (Veado-Campeiro), *Didelphis paraguayensis* (Gambá), *Didelphis aurita* (Gambá-de-Orelha-Preta), *Panthera onca* (Onça), outros felinos, *Allouata guariba* (Bugio-Ruivo), *Sapajus nigritus* (Macaco-Prego), *Hydrochoerus hydrochaeris* (Capivara), *Nasua nasua* (Quati), *Lontra longicaudis* (Lontra), *Eira barbara* (Irara), *Cabassous tatouay* (Tatu-de-Rabo-Mole), *Dasybus novemcinctus* (Tatu-Galinha), *Procyon cancrivorus* (Mão-Pelada), *Cavia aperea* (Preá), *Rato-da-Taquara* (*Kannabateomys amblyonyx*), dentre outros.

Os répteis estão representados pelos espécimes: *Caiman latirostris* (Jacaré-de-Papo-Amarelo), *Trachemys dorbigni* (Tartaruga-Tigre-d'Água), *Tupinambis merianae* (Lagarto-Teiú), além de diversas cobras. Há grande profusão de insetos, dos quais destaco as abelhas, por causa de seu mel, que, segundo SCHMITZ, 2006; PROUS, 1992, dentre outros, era um alimento muito apreciado pelos indígenas. Além disso, diversas larvas eram consumidas também, complementando a dieta do grupo.

Sobre os anfíbios<sup>14</sup>, há uma quantidade considerável de espécies de rãs e sapos que habitam as áreas úmidas da Bacia do Sinos, como: *Odontophrynus americanus* (Sapo-da-

<sup>13</sup> Os nomes científicos dos animais aqui presentes foram encontrados nos sites Fauna Digital RS, da UFRGS, e na Fundação Zoobotânica do RS, cujos links se encontram nas Referências Bibliográficas.

<sup>14</sup> As informações sobre os anfíbios do Rio Grande do Sul foram retiradas do Laboratório de Herpetologia da UFRGS (o link se encontra nas Referências Bibliográficas), que reúne os dados contidos em BORGES-MARTINS *et al.*, 2007, p. 276-291.

Enchente), *Rhinella fernandezae* (Sapinho-de-Jardim), *Hypsiboas faber* (Sapo-Ferreiro), *Rhinella ictérica* (Cururu, ou Sapo Boi), *Leptodactylus latrans* (Rã-Manteiga), dentre muitas outros, que poderiam ser utilizadas na alimentação. Há, ainda, os moluscos univalves e bivalves de água doce, dos quais podemos destacar os integrantes das famílias Hyriidae, Mycetopodidae, Corbiculidae, Sphaeriidae e Mytilidae, a maioria contando com várias espécies na Bacia do Sinos. Dessas famílias, duas espécies foram registradas no Alto Vale: *Diplodon (Diplodon) granosus multistratus* e *Anodontites tenebricosus*. (MANSUR & PEREIRA, 2006, p. 1123).

Pensando nas aves que estão presentes no Vale do Sinos, existe uma enorme quantidade de espécies e gêneros encontradas em cada uma das formações florestais aqui citadas. As aves estão plenamente adaptadas às características únicas de cada unidade florestal, havendo espécies mais ligadas às áreas úmidas dos banhados, e aquelas que preferem os espaços mais secos. Enquanto algumas aparecem na região durante suas migrações anuais, outras são residentes permanentes do Vale. Há ocorrências desses animais circulando em mais de um dos ambientes em busca de alimento e pouso, mas outras se especializaram ao clima e recursos de cada uma das áreas florestais, sendo endêmicas. Uma catalogação bastante extensa desses animais em cada uma das florestas do Sinos é encontrada em ANSCHAU, 2016, p. 40-43. Outro trabalho utilizado foi o de PETRY & SCHERER, 2008, 19-29, no qual estão relacionadas uma série de aves encontradas no Sinos.

Algumas espécies de aves que podem ser encontradas na região são: *Dendrocygna viduata* (Irerê), *Anas georgica* (Marreca-Parda), *Phalacrocorax brasilianus* (Biguá), *Anhinga anhinga* (Biguatinga), *Trigrisoma lineatum* (Socó-Boi), *Nycticorax nycticorax* (Savacu), *Butorides striata* (Socozinho), *Bubulcus ibis* (Garça-Vaqueira), *Ardea cocoi* (Garça-Moura), *Ardea alba* (Garça-Branca-Grande), *Egretta thula* (Garça-Branca-Pequena), *Phimosus infuscatus* (Tapirucu-de-Cara-Pelada), *Coragyps atratus* (Urubu-de-Cabeça-Preta), *Heterospizias meridionalis* (Gavião-Caboclo), *Rupornis magnirostris* (Gavião-Carijó), *Buteo albicaudatus* (Gavião-de-Rabo-Branco), *Caracara plancus* (Caracará), *Aramides saracura* (Saracura-do-Mato), *Vanellus chilensis* (Quero-quero), *Passer domesticus* (Pardal), *Pitangus sulphuratus* (Bem-Te-Vi), *Crotophaga ani* (Anu-Preto), *Patagioenas picazuro* (Pombão), *Ceryle torquatus* (Martim-Pescador-Grande), dentre outras. (PETRY & SCHERER, 2008, p. 22-24). Ainda o *Pachyramphus viridis* (Caneleiro-Verde), *Geotrygon montana* (Pariri), *Turdus albicollis* (Sabiá-Coleira), *Ortalis squamata* (Aracuã-Escamoso), *Batara cinérea* (Matracão), *Attila phoenicurus* (Capitão-Castanho), *Tinamus solitarius* (Macuco), *Tangara seledon* (Sáira-Sete-Cores), *Poospiza cabanisi* (Tico-Tico-da-Taquara), *Cyanocorax caeruleus* (Gralha-Azul), dentre muitas outras. (ANSCHAU, 2016, p. 40-43).

Observando uma área com tamanha quantidade de corpos d'água como o Sinos, é inevitável refletir sobre a grande variedade de peixes que habita esse espaço, e que, certamente, era explorada pelos Guarani para alimentação. Entre as espécies residentes na Bacia, encontram-se: *Hoplias malabaricus* (Traíra), *Acarichthys heckelii* (Cará), o gênero *Crenicichla* com diversas espécies (Joana), *Prionotus punctatus* (Casudo), *Synbranchus marmoratus* (Muçum), a família Characidae, com diversas espécies (Lambari), *Leporinus obtusidens* (Piapara), *Pimelodus maculatus* (Mandi), *Charax stenopterus* (Corcunda), *Steindachnerina brevipinna* (Biru), *Hoplerthrinus unitaeniatus* (Jeju), *Piaractus mesopotamicus* (Pacu), *Pseudoplatystoma corruscans* (Pintado), *Schizodon jacuiensis* (Voga), *Aphyocharax anisitsi* (Enfermeirinha), *Pimelodus maculatus* e *Heptapterus mustelinus* (Bagre), *Leporinus obtusidens* (Piava), *Atherinella brasiliensis* (Peixe-rei), dentre muitos outros, além de peixes marinhos que podiam ser acessados quando das visitas do Guarani ao litoral. Uma lista bastante completa dos peixes que habitam o Sinos pode ser encontrada em LEAL *et al.*, 2009.<sup>15</sup> Com isso, percebe-se que os indígenas teriam acesso a uma rica fonte de alimento disponível próximo a suas habitações, que supriria a falta de caça ou a coleta em alguns momentos.

Por fim, considerando todos esses dados ambientais apresentados, percebemos que a junção das condições geológicas, altimétricas e vegetativas formaria ecótonos específicos, entre os quais os Guarani poderiam circular, em busca de recursos naturais diversos. Pensando na região em que o Sinos está inserida, podemos considerá-la como um “corredor de passagem” da área central do Rio Grande do Sul para o litoral e o estado de Santa Catarina. (MILLER, 1967, p. 15). Ao notar que o Sinos, juntamente com os rios Caí, Gravataí, Jacuí, dentre outros, compõem a Região Hidrográfica do Guaíba (BAUERMANN, 2015), esse caráter de zona transitória se torna ainda mais evidente, já que a expansão das populações Tupiguarani desde o ambiente amazônico é repetidamente citada, na bibliografia (BANDEIRA, 2014; SCHMITZ, 2006, dentre outros), como tendo, fundamentalmente, seguido os cursos dos grandes rios, com canoas. Como as calhas principais desses rios do RS são propícias para esse tipo de navegação, esta foi, certamente, uma característica natural importante para explicar a expansão das populações Guarani ao longo do tempo/espaço.

Com esta compreensão mais ampla do ambiente ao qual os indígenas tiveram acesso quando de sua expansão pela Bacia do Sinos, pode-se passar para a descrição do material arqueológico do Alto Vale que foi por nós estudado.

---

<sup>15</sup> Consultas adicionais foram realizadas no site *Fish Base*, que conta com um banco de dados muito completo de espécies de peixes de todos os lugares do mundo. O link de acesso está disponível nas Referências Bibliográficas.

### 2.3 Os sítios do Alto Vale do Rio do Sinos

Dos sítios Guarani do Vale do Sinos que vêm sendo analisados pela equipe do IAP desde 2014, eu tenho examinado os do Alto Vale, focando em sete assentamentos reunidos em uma forquilha do rio, na região de Santo Antônio da Patrulha<sup>16</sup>, a saber, RS-S-284, 285, 286, 287, 288, 289, 290. Esses assentamentos parecem formar uma unidade, que será explorada a partir de agora no texto.

Primeiramente, considero útil reforçar a filiação do presente estudo aos modelos pronapianos de análise da cerâmica, que examinam os elementos constitutivos da pasta e o acabamento dos fragmentos para compreender a confecção das vasilhas. O modo de classificação do PRONAPA seguia um modelo biológico, ao definir o antiplástico como gênero e acabamento como espécie, sempre apresentando a cerâmica conforme dois termos, semelhante ao modelo binomial de Lineu, base das classificações biológicas modernas. Essa filiação de Meggers e Evans aos princípios biológicos fica bastante evidente no livro “Como Interpretar a Linguagem da Cerâmica”, quando os arqueólogos se utilizam de conceitos evolutivos como “deriva”, “difusão”, “estabilidade” e “ritmo de mudança” para explicar a evolução dos processos cerâmicos ao longo do tempo/espaço. (MEGGERS & EVANS, 1970, p. 96, 99, 102).

Muito do trabalho do PRONAPA na década de 1960 esteve orientado para a definição de tradições e fases, visando construir uma amostragem básica da cultura material indígena brasileira antes da chegada dos europeus, que desse suporte para pesquisas mais profundas posteriormente. Por esse motivo, nosso trabalho não buscará a realização de novas classificações, visto que se utiliza somente de material já conhecido (embora pouco ou nada estudado), e que Eurico Miller já fez uma classificação para os artefatos. (MILLER, 1967).

Também serão úteis, aqui, para classificar a cerâmica, as reflexões de La Sálvia e Brochado sobre a relação de forma e função dos vasilhames, e o que eles indicam sobre a alimentação do Guarani, especialmente na relação com a mandioca, como se verá adiante. (BROCHADO, 1977; LA SALVIA & BROCHADO, 1989).

A fabricação da cerâmica estava ligada, em primeiro lugar, à escolha de uma argila que atendesse às necessidades da artesã<sup>17</sup>. Essas argilas “ideais”, porém, nem sempre estavam

---

<sup>16</sup> Quando da prospecção de Eurico Miller na região, em 1965 e 1966, o município de Santo Antônio da Patrulha abrangia, também, áreas hoje integrantes dos municípios de Caraá e Rolante (DIAS, 2003, p. 58). A cidade de Caraá só se tornou independente em 1995.

<sup>17</sup> A produção dos artefatos cerâmicos era, tradicionalmente, uma função feminina entre as populações Guarani. (SCHMITZ, 2006).

facilmente disponíveis próximos aos assentamentos, o que motivava a procura delas em locais mais distantes, ou a adaptação às características locais. As condições naturais do ambiente também alteram a qualidade e sedimentação das argilas ao longo do tempo (como visto no tópico anterior sobre o ambiente do Sinos), o que tem impacto direto na produção indígena. Essas mudanças na matéria prima básica para a produção da cerâmica, e nos elementos disponíveis para utilizar como antiplástico, determinavam alterações diretas no resultado final dos vasilhames. Essas variações são perceptíveis no registro arqueológico na ocupação de um Vale por um mesmo grupo indígena, que pode apresentar alterações de pasta em vasilhames com o mesmo formato, por exemplo. (LA SALVIA & BROCHADO, 1989, p. 11-12).

Quando pensamos nas diferenças encontradas na pasta entre os sítios do Baixo e Alto Vale do Sinos isso se torna evidente, visto que, na cerâmica de boa parte dos sítios Guarani do Baixo Vale, o caco moído foi utilizado majoritariamente como antiplástico, enquanto que, no Alto Vale, a areia e outros elementos aparecem de forma mais intensa. (NUNES & SCHMITZ, 2017).

Para a classificação do vasilhame dos sítios estudados, nos utilizamos, para o acabamento Corrugado, dos termos **Corrugado 2-** e **3**, o primeiro correspondendo a um tamanho médio de altura dos gomos na cerâmica, e o segundo sendo mais raso, geralmente com a impressão de unha aparente. Os outros acabamentos encontrados nos assentamentos foram o Ungulado, o Simples, o Pintado e, em menor proporção, o Escovado. Todos esses tratamentos de superfície são bastante representativos da cultura material Guarani, aparecendo em quase todos os sítios desses indígenas na região sul do Brasil. (PROUS, 1992).

O modo de produção<sup>18</sup> dos vasilhames era o tradicional da maioria dos assentamentos Guarani, o acordelado, baseado na manufatura de pequenos roletes de argila sobrepostos e unidos por alisamento ou corrugado posteriormente, podendo, no caso dos alisados, receber pintura ou permanecer simples. (LA SALVIA & BROCHADO, 1989, p. 11). Como toda a cerâmica do Alto Vale do Sinos segue esse padrão construtivo, não receberá maiores considerações no decorrer da exposição.

Fizemos uma série de desenhos dos perfis das bordas cerâmicas disponíveis de cada um dos sítios, que foram digitalizados e receberam tratamento no *software* CorelDraw 12, para melhor apresentação. Também foram construídas tabelas com as distribuições dos acabamentos, tamanho e espessura dos fragmentos cerâmicos, para entender as características dos vasilhames e o que eles podem contribuir para pensar o modo de vida do Guarani no Sinos.

---

<sup>18</sup> Por “modo de produção arqueológico” entendo, aqui, as “ações exercidas para a fabricação de uma vasilha cerâmica. (LA SALVIA & BROCHADO, 1989, p. 11).



Por fim, nos utilizamos da documentação disponível no MARSUL sobre os assentamentos, que foi importante para entender o ambiente onde os materiais foram encontrados.

Quanto ao lítico, ele não é muito desenvolvido, e as peças encontradas nos sítios não possuem grande refinamento na produção, sendo, porém, plenamente funcionais. Isso, aliás, é uma característica recorrente nos assentamentos desse povo, ao ponto de André Prous (1992, p. 405) considerar os Guarani como “mediócras lascadores de pedra”, com raríssimas exceções. Nos sítios aqui apresentados, a análise do lítico feita por Pedro Ignácio Schmitz e Vagner Perondi, confirma esse padrão de produção mais simples. (NUNES & SCHMITZ, 2017).

Quanto às datas de radiocarbono ( $C^{14}$ ) e termoluminescência (TL), há poucas disponíveis no Vale para a tradição Guarani. Temos uma data AMS<sup>19</sup> para o Baixo Vale do Sinos no sítio Aimoré, em São Leopoldo. Para isso, foram utilizados fragmentos de dois coquinhos e carvão recolhido quando da escavação do sítio, em 1965, por Pedro Ignácio Schmitz e Arthur Blásio Rambo, que foram datados em 2015. Os coquinhos forneceram data calibrada entre 450 e 355 A.P. (1500 a 1595 d.C.), e os grãos de carvão apresentaram data calibrada entre 340 e 295 A.P. (1610 a 1655 d.C.), com uma data média de  $330 \pm 30$  A.P. (1620 d.C.). (Beta 411919).

Outra data AMS disponível é a de um sítio de Estância Velha sem número de catálogo, feita a partir da crosta de alimento carbonizado presente no interior de um fragmento cerâmico. A data é de  $320 \pm 30$  A.P. (1630 d.C.), que foi calibrada como 445 a 360 A.P. (1505 a 1590 d.C.) e 335 a 290 A.P. (1605 a 1660 d.C.). (Beta 431945).

Há, ainda, duas datas TL<sup>20</sup> feitas no Alto Vale, por Adriana Dias, para sua tese de doutoramento, no sítio RS-S-399: Campestre Novo 1, de  $165 \pm 20$  AP (1750 d.C.) (LVD 594) e  $205 \pm 25$  (1745 d.C.) (LVD 595), apontando para assentamentos bastante tardios, já quando da expansão e colonização mais intensa dos portugueses na região. (DIAS, 2003, p. 184).

Com esses dados em mente, pode-se avançar para um conhecimento mais minucioso dos sítios estudados na monografia, que será realizado abaixo.

---

<sup>19</sup> “Espectrometria de Massas com Aceleradores” (AMS em inglês) é um sistema de datação que consiste na detecção do “conteúdo de carbono 14 nas amostras. A datação por EMA incluía [*sic*] aceleração de íons à energias cinéticas extremamente altas, seguida da análise da massa. As amostras são convertidas a grafite antes da datação por carbono pela técnica EMA. Embora seja mais cara do que a datação radiométrica, a datação pela técnica EMA oferece mais precisão e requer pequenas quantidades de amostra”. (BETA, 2019).

<sup>20</sup> Sistema de datação baseado no aquecimento, em laboratório, de artefatos arqueológico (cerâmica e lítico) e no cálculo do tempo de decaimento da radiação induzida no material, conseguindo, com isso, determinar o tempo decorrido desde o momento da fabricação do artefato, até o encontro dele no sítio pelo arqueólogo. Uma explicação mais densa e aprofundada do tema é encontrada em WATANABE *et al.*, 2005.

### 2.3.1 Sítio RS-S-284 – Carvalho, catálogo MARSUL 465

O primeiro dos sítios foi prospectado por Eurico Miller em 28 de Dezembro de 1965, e foi feita apenas coleta superficial do material, sem escavação. Antes de iniciar o estudo do material, é interessante observar a ficha catalográfica<sup>21</sup> e o croqui<sup>22</sup> desse assentamento, disponível no MARSUL, que está abaixo transcrita:

Em terras de Lílio Francisco dos Satos, a nordeste de Santo Antônio da Patrulha, numa chapada abaixo para leste do pico do morro que fica a esquerda do Arroio Carvalho e do qual o sítio dista 1,5 Km e 2 Km do Rio dos Sinos, ao norte em sua margem esquerda. O sítio tem a limitá-lo pelo leste a estrada que vai a Santo Antonio da Patrulha desde as nascentes do Rio dos Sinos. A oeste o pico do morro coberto de mato. O solo é argiloso e coberto de matacões, abóboras e milho. Duas manchas de terra preta na parte superior e ocidental do sítio. Ao centro, grande concentração natural de matacões sobre os quais recolhemos muitos cacos de tamanho médio e pouco erodidos. A chuva despindo o solo deixou os cacos por entre as pedras. Alguns petrefatos. Não escavamos por não encontrarmos focos de cacos em terra escavável. Eurico Th. Miller, 28.12.1965. (MARSUL, 1965).

Deste sítio, estão acondicionados, no MARSUL, 139 fragmentos cerâmicos e seis peças líticas. O antiplástico da cerâmica é a areia média com hematita, algum carvão, e um pouco de caco moído nos fragmentos maiores. O acabamento das vasilhas é Corrugado 3, Ungulado, Simples e Pintado, padrão que se repetirá nos demais sítios, e é bastante característico da cultura ceramista Guarani.

Foram catalogadas 10 bordas corrugadas, duas bordas unguladas, uma borda simples e uma pintada. O corrugado é muito regular e sem impressão de unha. Há manchas escuras<sup>23</sup> nos fragmentos conforme essa distribuição: Corrugado 3: 37 internos, 12 externos, 28 interna e externamente (representando 55.39% dos corrugados); Ungulado: 4 internos, 2 internos e externos (66.66% dos ungulados); Simples: 4 externos, 4 interna e externamente (72.72% dos simples). Na Tabela 1, abaixo, estão apontadas a distribuição dos fragmentos cerâmicos conforme as decorações e tamanho dos cacos:

<sup>21</sup> Fichas de registro montadas quando da catalogação dos sítios no MARSUL, contendo informações básicas de localização do assentamento, dono do terreno, ambiente e material encontrado. Todas as fichas catalográficas originais dos sítios aqui estudados estão disponíveis, de forma digitalizada, no ANEXO 1 dessa monografia.

<sup>22</sup> Os desenhos técnicos contendo as informações sobre o sítio, como tamanho, localização das manchas de terra escura e cerâmica, além das curvas de nível e distância de fontes de água e vegetação, todos feitos por Eurico Miller, se encontram digitalizados no ANEXO 2 dessa monografia.

<sup>23</sup> Manchas escuras nas paredes do vasilhame apontam para marcas de fabricação e uso deles, e, quando internos, podem indicar restos de alimentos ainda impregnados na parede. (LA SALVIA & BROCHADO, 1989).

**Tabela 1** – Sítio RS-S-284 – Distribuição dos fragmentos cerâmicos conforme tamanho e acabamento.

<b>Tamanho</b>	<b>Corrugado 3</b>	<b>Ungulado</b>	<b>Simples</b>	<b>Pintado</b>
<b>2,5 – 5,0 cm</b>	42	1	6	2
<b>6,0 – 7,5 cm</b>	49	7	5	2
<b>7,6 – 10 cm</b>	13	1	–	1
<b>10,1 – 12,5 cm</b>	9	–	–	–
<b>12,6 – 15,0 cm</b>	1	–	–	–
<b>Total</b>	114	9	11	5

Percebe-se, mesmo numa rápida observação da tabela, o domínio exagerado do Corrugado sobre os demais acabamentos, e o predomínio dos fragmentos de tamanhos médios. Na Tabela 2, abaixo, parece haver uma boa representação dos tamanhos das vasilhas, percebida pela espessura dos fragmentos, já que grandes recipientes cerâmicos necessitam de uma parede mais grossa para manter a sustentação e não quebrar no uso diário e no fogo.

**Tabela 2** – Sítio RS-S-284 – Distribuição dos fragmentos cerâmicos conforme espessura e acabamento.

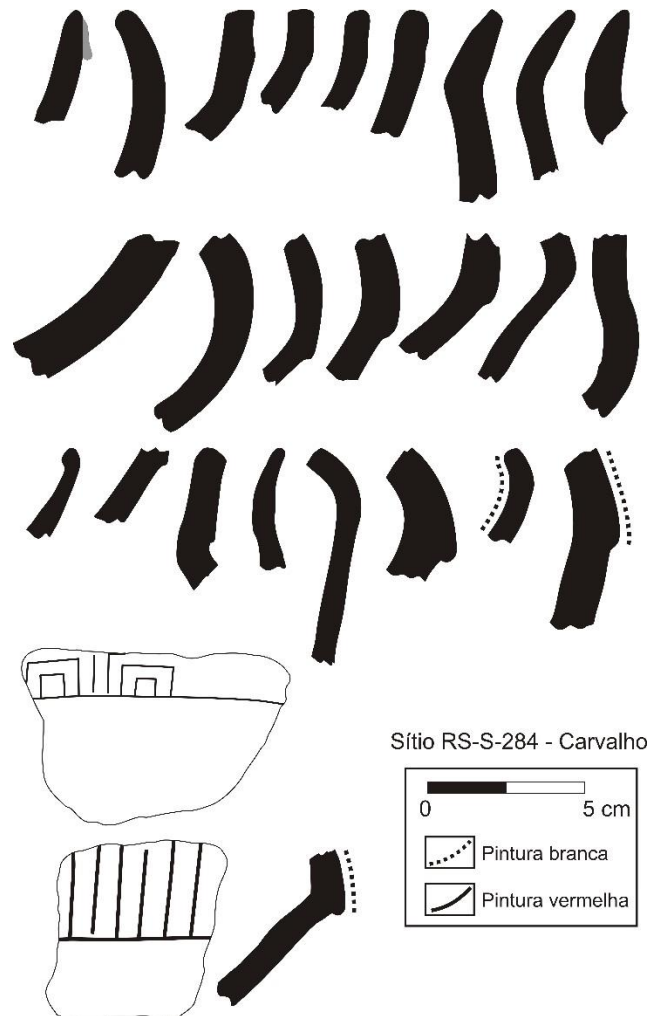
<b>Espessura</b>	<b>Corrugado 3</b>	<b>Ungulado</b>	<b>Simples</b>	<b>Pintado</b>
<b>0 – 0,5 cm</b>	–	–	4	1
<b>0,6 – 0,75 cm</b>	4	5	1	3
<b>0,76 – 1,0 cm</b>	38	2	6	–
<b>1,1 - 1,25 cm</b>	51	2	–	1
<b>1,26 – 1,5 cm</b>	21	–	–	–
<b>Total</b>	114	9	11	5

Quanto ao lítico, este sítio apresentou seis peças, que estão descritas abaixo:

- Um bloco de basalto de córtex amarelo: 12 x 9,5 x 4,9 cm, do qual se tiraram várias lascas longitudinais e transversais. Núcleo pouco aproveitado;
- Um talhador bifacial em basalto, lascado nas duas faces, reduzindo e formando o talão triangular para encabamento; gume transversal bastante grosso. 14,1 x 7,6 x 3,3 cm;
- Um talhador unifacial de basalto, com trabalho em todos os bordos: 11,5 x 8,8 x 3,4 cm;
- Uma lasca triangular de basalto com aresta dorsal, com trabalhos nos dois bordos convergentes, talão cortical. 7,1 x 6,9 x 2,4 cm;
- Uma plaqueta de basalto frágil: 5,0 x 4,4 x 1,8 cm, natural;
- Uma plaqueta de basalto: 4,5 x 2,9 x 0,4 cm. Natural.

Na figura abaixo, estão o perfil das bordas cerâmicas desenhadas para o sítio. Percebe-se que a maioria das formas são mais fechadas, formando vasilhas mais arredondadas, o que é bastante típico de assentamentos Guarani no Sul do Brasil.

**Figura 5** – Perfil das bordas cerâmicas do Sítio RS-S-284



### 2.3.2 Sítio RS-S-285 – Passo da Forquilha-1, catálogo MARSUL 466

O segundo dos sítios foi registrado por Miller no dia primeiro de Janeiro de 1966, sendo feita apenas uma coleta superficial. A ficha catalográfica se encontra abaixo transcrita:

Terras de José Ferreira Rocha. À esquerda do Rio dos Sinos, e a 60 m, sobre uma pequena e baixa elevação, este sítio de habitação se desenvolve do topo para a ladeira descendente a nordeste. Como limite norte e sul, várzea, a oeste o rio, e a leste a estrada de Santo Antônio da Patrulha. Três manchas de terra escura num solo arenoso e fofo, com roça tomada pelo capim. Poucos cacos, pouco erodidos, pequenos a

médios. Alguns petrofatos na parte oriental do sítio. Eurico Th. Miller, 1.1.66. (MARSUL, 1966).

Há, também, uma segunda ficha para o sítio, redigida quando de uma nova visita ao local por Gislene Monticelli e Sirlei Hoeltz, em 24 de Julho de 2001. A descrição feita nessa nova prospecção conta com dados adicionais, como localização por GPS, e é transcrita abaixo:

De acordo com a vistoria de 2001, corresponde a sítio Guarani em superfície, distribuído em duas concentrações. A primeira situa-se em meio à plantação de mandioca ao lado da casa de José Machado da Rosa e em frente ao cemitério, nas seguintes coordenadas 550 535/6704 918. Foram evidenciados fragmentos cerâmicos e 1 artefato lítico. A segunda concentração situa-se na propriedade de Jauri Machado Rosa, em meio à plantação mista de cana e mandioca, onde foram localizados fragmentos cerâmicos nas seguintes coordenadas: 550 424/6704 976. Há informação por parte dos proprietários de pesquisas arqueológicas nesses sítios há mais de 30 anos atrás. Consultas à documentação do MARSUL, indicam pela comparação de croquis que o sítio corresponde ao RS-S-285: Passo da Forquilha 1, pesquisado em 1/1/1966 por Miller durante PRONAPA. Não se evidenciam mais as três manchas de terra preta, mencionadas por Miller na ficha de registro do sítio de 1966. Na época a área também era cultivada. (MARSUL, 2001).

Foram medidas 142 peças, e não foram classificados 19 fragmentos, com oito bordas de Corrugado 3 e três bordas Simples. Os acabamentos da cerâmica foram o Corrugado 2-, Corrugado 3, Ungulado, Simples e Pintado. As manchas escuras se apresentaram conforme essa distribuição: Corrugado 3: 15 internos (representando 32.39% do Corrug. 3); Ungulado: oito internos (17.60% dos ungulados); Escovado: dois internos (2.81% dos escovados); Simples: 15 internos (33.80% dos simples).

O antiplástico consiste de areia fina a média, com fragmentos isolados de hematita, carvão e caco moído; e é denso, produzindo pasta uniforme e compacta. A dureza é 4 na escala de Mohs. Há manchas escuras no vasilhame, conforme essa distribuição: Corrugado 3: 15 internos; Ungulado: oito internos; Escovado: dois internos; Simples: 15 internos.

Na Tabela 3, abaixo, se encontra a distribuição dos fragmentos analisados. Algo que chama a atenção é o aparecimento de acabamentos adicionais ao registrado no sítio anterior, como o Corrugado 2- e o Escovado, além do aumento percentual do Simples e do Ungulado. Os fragmentos são predominantemente médios, mas há um número grande de não classificados.

O aparecimento do escovado é citado na bibliografia (BANDEIRA, 2014, PROUS, 1992), como relacionado a sítios mais recentes, já em um período de contato com o europeu. Considerações mais profundas sobre isso serão realizadas no Capítulo 4 da presente monografia.

**Tabela 3** – Sítio RS-S-285 – Distribuição dos fragmentos cerâmicos conforme tamanho e acabamento.

<b>Tamanho</b>	<b>Corrugado 2-</b>	<b>Corrugado 3</b>	<b>Ungulado</b>	<b>Escovado</b>	<b>Simples</b>	<b>Pintado</b>
<b>0,0 – 2,5 cm</b>	–	10	5	–	7	3
<b>2,5 – 5,0 cm</b>	3	33	20	3	38	10
<b>6,0–7,5 cm</b>	–	3	–	1	3	1
<b>7,6–10,0 cm</b>	–	–	–	–	–	2
<b>Total</b>	3	46	25	4	48	16

Na Tabela 4 estão bem representados os tamanhos médios e também os grandes, o que indicaria um sítio mais bem estruturado e de permanência um pouco mais longa.

**Tabela 4** – Sítio RS-S-285 – Distribuição dos fragmentos cerâmicos conforme espessura e acabamento.

<b>Espessura</b>	<b>Corrug 2-</b>	<b>Corrugado 3</b>	<b>Ungulado</b>	<b>Escovado</b>	<b>Simples</b>	<b>Pintado</b>
<b>0,0 – 0,5 cm</b>	–	–	–	–	–	2
<b>0,6 – 0,75 cm</b>	–	–	6	–	4	11
<b>0,76 – 1,0 cm</b>	–	6	8	1	24	3
<b>1,1 – 1,25 cm</b>	3	27	7	–	11	–
<b>1,26 – 1,5 cm</b>	–	13	4	3	9	–
<b>Total</b>	3	46	25	4	48	16

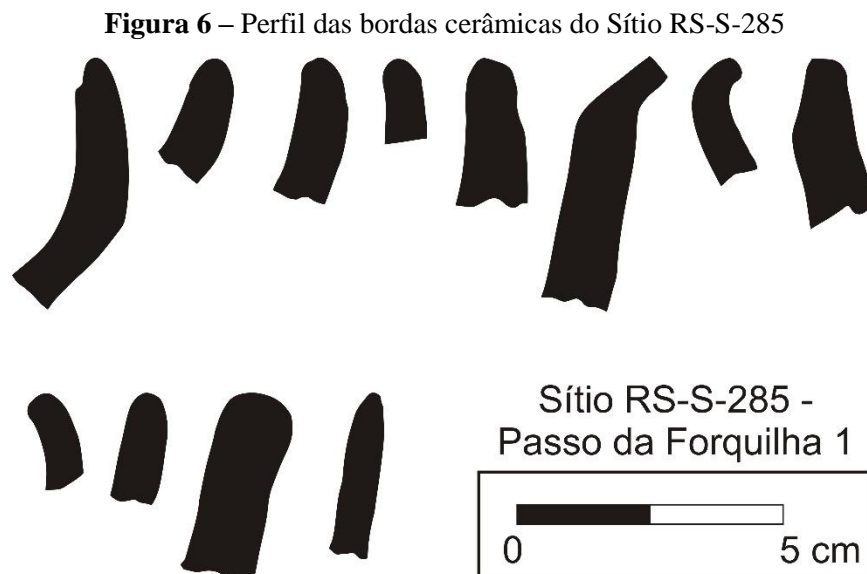
Quanto ao material lítico, foram registradas sete peças, que estão discriminadas abaixo:

- Uma lasca cortical de basalto amidaloide, 11 x 4 x 2,6 cm;
- Um núcleo cúbico de basalto amidaloide, 4,2 x 5,8 x 2 cm com retiradas perpendiculares ao talão em todas as faces, nenhum córtex;
- Uma plaqueta de basalto amidaloide, 11,7 x 10,5 x 2 cm, com os bordos laterais em lado, gume bifacial no bordo transversal, talão com algum ajeitamento;
- Um seixo de basalto amidaloide, com gume grosseiro em extremidade longitudinal, 11 x 8 x 4,3 cm;
- Um seixo alongado (coluna) de basalto amidaloide, com uma retirada longitudinal para redução da espessura e gume bifacial grosseiro numa extremidade, 22 x 6 x 6 cm;

- Uma grande lasca cortical, curva no sentido longitudinal, com trabalho periférico pouco invasivo nos bordos longitudinais e no bordo transversal, formando bonita enxó ou enxada;
- Um seixo triangular de arenito silicificado com gume bifacial grosseiro, 8,3 x 8,7 x 4,6 cm;
- Um seixo pequeno de quartzo.

Na nova visita ao sítio, em 2001, Monticelli e Hoeltz recolheram poucos fragmentos: dois muito erodidos, não classificados, tamanho 2,5-5,0 cm, espessura 0,6-0,75 cm; um fragmento com pintura branca externa, tamanho 2,5-5,0 cm, espessura 0,6-0,75 cm; um fragmento Corrugado 3 (borda), tamanho 6,0-7,5 cm, espessura 0,6-0,75 cm, abertura 24 cm; um talhador bifacial de basalto amidaloide 12,30 x 8,50 x 5,0 cm. Outra amostra do projeto que deu origem ao doutorado de Adriana Dias tem 4 fragmentos inclassificáveis e um fragmento Taquara (acabamento beliscado).

Na figura abaixo estão desenhadas os perfis das bordas cerâmicas do sítio, um pouco mais verticais que no sítio anterior.



### 2.3.3 Sítio RS-S-286 – Castelhana, catálogo MARSUL 467

O terceiro dos sítios foi registrado por Miller no dia dois de Janeiro de 1966, seguindo o padrão das coletas superficiais, conforme a ficha catalográfica abaixo:

Proprietário: Mateus Coelho Munis, morador local. À esquerda do Rio dos Sinos, a 400 m sobre o alto de um morro chamado de Castelhana, encontramos este sítio habitação, pequeno, com uma mancha pouco escura. A noroeste e a 30 m uma vertente, ao norte a 20 m mato, a sudoeste o topo do morro coberto de vassouras, ao sul roça e a oeste capoeira baixa. O terreno é argiloso e duro com matacões espalhados a esmo. Sendo poucos, somente colhemos superficialmente e por toda a área (a cerâmica em cacos pequenos a médios e pouco erodidos). Daí de cima avista-se uma dilatada várzea, principalmente ao lado direito do Rio dos Sinos, que vai até o lugar chamado Monjolo, rio abaixo. (Miller, 2.1.1966). (MARSUL, 1966).

Há disponível para esse sítio, também, um outro relatório, redigido por Monticelli e Hoeltz quando da nova prospecção da área, realizada em 25 de Julho de 2001. As coordenadas de GPS registradas para o sítio foram UTM 22J 552 740 6704 449. A transcrição da descrição sumária do assentamento se encontra abaixo:

Sítio cerâmico a céu aberto associado à Tradição Guarani situado em área de meia encosta a 200 m a sudoeste do arroio Caraá. Está associado à plantação abandonada de milho e mandioca (150 x 50 m), atualmente coberta por gramíneas e vassoural. A área é arada há pelo menos 15 anos, apresentando uma densidade relativa de cerâmica. Na propriedade de Alzemiro Rolim, ao lado do sítio, também há informação de cerâmica em área coberta atualmente por potreiro que corresponderia a um prolongamento deste sítio. Talvez este sítio seja sinônimo do RS-S-286: Castelhana, pesquisado por Miller em 02/02/1966, n° de catálogo PRONAPA/MARSUL 467). (MARSUL, 2001).

Medimos 128 fragmentos cerâmicos, e nove fragmentos não foram classificados. Foram estudadas nove bordas, sendo três bordas com acabamento Corrugado 3, duas bordas unguladas e quatro bordas com pintura externa. Não foi registrado o acabamento Corrugado 2 nesse sítio. O antiplástico consiste de areia fina a média, com grãos isolados de hematita e fragmentos isolados de carvão. O antiplástico é denso, resultando em pasta uniforme e compacta. A dureza é 4 na escala de Mohs.

Quanto aos fragmentos com manchas escuras, foram registrados nessa disposição: Corrugados 3: 45 com escuro interno (representando 63.23% dos fragmentos corrugados); Ungulados: 10 internos (55.55% dos ungulados); Simples: seis internos (23.07% dos simples); Pintado externo: um interno e três com mancha preta junto da borda (30.76% dos pintados).



**Tabela 5** – Sítio RS-S-286 – Distribuição dos fragmentos cerâmicos conforme tamanho e acabamento.

Tamanho	Corrugado 3	Ungulado	Simples	Pintado
0,0 – 2,5 cm	13	4	4	–
2,5 – 5,0 cm	51	12	21	13
6,0 – 7,5 cm	7	2	1	–
<b>Total</b>	71	18	26	13

Na Tabela 5, acima, as proporções dos acabamentos de superfície são regulares e os fragmentos são pequenos a médios. Já na Tabela 6, abaixo, estão presentes as vasilhas de espessura média, faltando as grandes.

**Tabela 6** – Sítio RS-S-286 – Distribuição dos fragmentos cerâmicos conforme espessura e acabamento.

Espessura	Corrugado 3	Ungulado	Simples	Pintado
0,0 – 0,5 cm	–	2	–	–
0,6 – 0,75 cm	36	9	12	12
0,76 – 1,0 cm	35	7	11	1
1,1 – 1,25 cm	–	–	3	–
<b>Total</b>	71	18	26	13

Também foi registrado, entre a cerâmica, um fragmento da tradição Taquara de tamanho 2,5-5,0 cm e espessura 0,6-0,75 cm. Na figura abaixo, se encontram desenhados os perfis das poucas bordas disponíveis para o sítio.

**Figura 7** – Perfil das bordas cerâmicas do Sítio RS-S-286

Sítio RS-S-286 - Castelhanao



Quanto ao lítico, o assentamento apresentou apenas um talhador bifacial sobre seixo de basalto amidaloide, 17 x 9,5 x 6 cm. Há, por fim, uma fotografia disponível para o sítio, que foi feita por Eurico Miller quando do estudo da área. Ela foi publicada no texto de 1967 já citado, e embora a qualidade não seja boa, apresenta uma ideia clara do ambiente em que o sítio se encontrava quando foi prospectado, com o solo bastante escondido pelas gramíneas e vassouras, além da localização em proximidade a uma meia encosta.

**Figura 8** – Sítio RS-S-286



**Fonte:** MILLER, 1967, p. 32.

#### 2.3.4 Sítio RS-S-287 – Passo da Forquilha 2, catálogo MARSUL 468

O quarto sítio foi prospectado por Eurico Miller em três de Janeiro de 1966, e a ficha catalográfica se encontra transcrita abaixo:

Proprietário: Hercílio Francisco da Rosa. À Direita do Rio dos Sinos, a 60 m ao alto de um morre, grande mas baixo, encontramos um extenso sítio de habitação constituído exclusivamente de petrefatos, com excessão [sic] de um caco de cerâmica. Com exceção de uma estreita faixa de terra, este morrinho está rodeado pelo varzedo. A leste do sítio, uma taipa de pedra que o separa da estrada que acompanha o rio e, um pequeno mato, ao sul roça de onde se avista o morro Castelhana, a oeste mato e roça, ao norte a estradinha que leva à casa do proprietário seguido de pequeno mato. O solo é argiloso com grande quantidade de matacões. O sítio tem a aparência sinuosa

pois segue a encosta do morro desde sua parte mais alta pelo declive noroeste. A grosso modo podemos dividi-lo em três partes, os extremos que apresentam principalmente talhadores bifaciais (*Choppers*), o central mais elevado com batedores, pedras bigorna, lascas, polidores etc. Todo o terreno está em roça pouco limpa, piretro, milho, arroz e feijão. 3.1.66. Eurico Th. Miller. (MARSUL, 1966).

Há, novamente, um segundo relatório feito por Monticelli e Hoeltz, quando de nova prospecção na área, em 24 de Julho de 2001. Foi registrada localização de GPS UTM 22J 552 063 6705346, e a descrição sumária do assentamento se encontra transcrita abaixo:

Na primeira visita ao sítio em 1966, localizou-se grande quantidade de artefatos líticos, associados a 1 fragmento de cerâmica Guarani, associado a roças de milho, arroz, feijão e poteiros. O sítio foi associado à Tradição Humaitá, apesar de estar a 30 m de distância do sítio Guarani RS-S-288: Passo da Forquilha 3. Na segunda visita a área em 2001, o atual proprietário informou que haviam sido realizadas pesquisas arqueológicas em sua propriedade há mais de 30 anos atrás, em área de meia encosta, mais ou menos íngreme, com pouca visibilidade de solo coberta por gramíneas e vassoural, em antiga plantação de milho, atrás da sua casa. Nela há blocos rolados de arenito friável e basalto e foi identificado um artefato lítico, sendo classificado como Guarani. Esta corresponde à localização do sítio RS-S-287: Passo da Forquilha 2, por comparação com croqui de Miller. (MARSUL, 2001).

O assentamento, como indicado nas fichas, é todo lítico, e Miller o classificou como associado à tradição pré-cerâmica Humaitá, mas, com base nas informações contidas na nova prospecção de 2001, considero que ele seja, na verdade, um assentamento Guarani. Isso pode ser afirmado considerando a distância curta para o sítio Passo da Forquilha 3 (apenas 30 metros), o que apontaria para uma continuidade natural dos dois assentamentos, que deve ter sido destruída pela colonização da área pelos europeus. Paralelamente a isso, penso que a área onde os artefatos foram encontrados (que corresponde ao Sítio 287) fosse um local do sítio destinado ao trabalho de fabricação das ferramentas líticas, separada do local onde as habitações estariam edificadas, o que indicaria diferentes usos do espaço. O material arqueológico disponível do assentamento, no MARSUL, é apenas uma caixa cheia de peças líticas. Seu conteúdo não foi devidamente analisado pela equipe do IAP, porém, aparenta padrão de fabricação semelhante aos demais líticos do Vale

### 2.3.5 Sítio RS-S-288 – Passo da Forquilha 3, catálogo MARSUL 469

O quinto dos sítios foi prospectado por Miller em quatro de Janeiro de 1966, e a sua ficha catalográfica se encontra transcrita abaixo:

Proprietário: João Manuel da Silva Filho. Ao norte do RS-S-287 e a 20 m sobre estreita faixa de terra que liga o morro onde se situa RS-S-287 ao sistema de morros, ao norte está RS-S-288. A 40 m do Rio dos Sinos, tem a sudoeste uma taipa e um pequeno mato, a sudeste outra taipa a qual encosta, a nordeste outra taipa a 7 m, a noroeste um declive que vai ao vargado. O terreno está em roça de milho e é areno-argiloso. Sítio de habitação de pequenas dimensões possui duas manchas de terra escura. Não escavamos. Os cacos são pequenos a médios, pouco erodidos, em pequena quantidade. Alguns petrefatos (choppers). Eurico Th. Miller, 4.1.1966. (MARSUL, 1966).

Há, uma segunda ficha para o sítio, redigida por Monticelli e Hoeltz quando de nova prospecção na área, em 24 de Julho de 2001, que apontou as coordenadas geográficas UTM 22J 551 920 6705 315. A descrição sumária dessa nova pesquisa está transcrita abaixo:

Em 1966 o sítio correspondia à concentração de cerâmica Guarani em roça de milho, dispersas entre duas manchas de terra preta, situadas a 20 m ao sul do sítio RS-S-287: Passo da Forquilha 2. Na vistoria de 2001 o atual proprietário indicou a posição do sítio em área de pasto, cuja vistoria evidenciou ainda uma concentração de cerâmica Guarani. Não se evidenciam as manchas pretas mencionadas em 1966. A conformação se deu através de consultas a documentação do MARSUL. (MARSUL, 2001).

Foram medidas 305 peças e 8 fragmentos não foram classificados. Registramos 34 bordas com acabamento Corrugado 3, seis bordas unguladas, nove bordas Simples, nove bordas Simples com pintura vermelha interna, 11 bordas com pintura externa, e duas bordas com pintura interna. O antiplástico é de areia com caco moído. O Corrugado é baixo e com acabamento regular.

Quanto aos fragmentos com manchas escuras, foram registrados nessa distribuição: Corrugados 3: 58 com escuro interno, 19 externos (representando 47.48% dos corrugados); Ungulado: 18 com manchas internas, dois externos e um interno e externo (52.26% dos ungulados); Simples: 29 com escuro interno, 14 com manchas externas, um interno e externo, predominantemente nas tigelas (76.67% dos simples); Simples com vermelho interno: quatro

externos (1 tigela só); e Pintado externo: sete com manchas internas, um interno e externo (30.76% dos Pintados externos).

**Tabela 7** – Sítio RS-S-288 – Distribuição dos fragmentos cerâmicos conforme tamanho e acabamento.

<b>Tamanho</b>	<b>Corrugado 3</b>	<b>Ungulado</b>	<b>Simples</b>	<b>Pintado ext.</b>	<b>Pintado int.</b>
<b>0,0 – 2,5 cm</b>	2	26	–	–	–
<b>2,5 – 5,0 cm</b>	94	11	48	18	8
<b>6,0 – 7,5 cm</b>	54	1	17	8	3
<b>7,6 – 10,0 cm</b>	11	–	2	1	1
<b>Total</b>	161	38	67	27	12

Na Tabela 7, acima, se percebe uma distribuição equilibrada das formas de acabamento, com uma predominância maior do Corrugado 3, e o predomínio de cacos de tamanho médio. A Tabela 8, abaixo, confirma esse padrão, pela maior quantidade de fragmentos de espessura média, o que denota a falta de vasilhames grandes, e uma pequena quantidade dos pequenos.

**Tabela 8** – Sítio RS-S-288 – Distribuição dos fragmentos cerâmicos conforme espessura e acabamento.

<b>Espessura</b>	<b>Corrugado 3</b>	<b>Ungulado</b>	<b>Simples</b>	<b>Pintado ext.</b>	<b>Pint. Int.</b>
<b>0,0 – 0,5 cm</b>	10	6	13	8	7
<b>0,6 – 0,75 cm</b>	72	18	40	12	4
<b>0,76 – 1,0 cm</b>	78	13	13	7	1
<b>1,1 – 1,25 cm</b>	1	1	1	–	–
<b>Total</b>	161	38	67	27	12

Foram registrados, ainda, dois fragmentos da Tradição Taquara, ambos com decoração ponteadada, de tamanho 2,5-5,0 cm, espessura 0,6-0,75 cm. A figura abaixo apresenta os desenhos dos perfis das bordas cerâmicas do sítio, que possuem quantidade um pouco maior de variações no formato.

**Figura 9** – Perfil das bordas cerâmicas do Sítio RS-S-288



Quanto ao lítico, foram classificadas sete peças, que estão discriminadas abaixo:

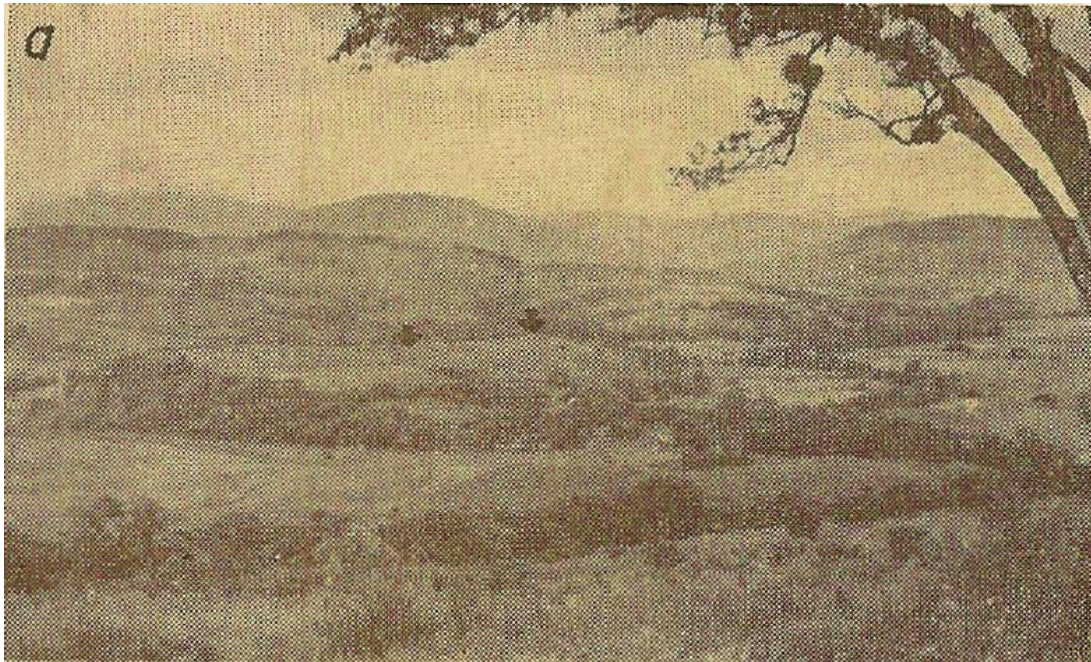
- Quatro lascas de basalto, pequenas: 3,8; 4,3; 5; 5 cm.
- Uma lasquinha de basalto: 2,8 cm.
- Uma lasca boa de basalto com aresta dorsal: 5,3 x 5,0 x 1,6 cm.
- Um seixo em forma de lentilha com retiradas grosseiras em três bordos, na tentativa de criar um pequeno talhador: 6,0 x 5,4 x 1,8 cm.

Por fim, há, para esse sítio e o anterior, uma fotografia disponível, que foi feita por Miller quando de sua prospecção na área, em 1966. Nela, é possível ver, à distância, os sítios



R-S-287 (seta da esquerda) RS-S-288 (seta da direita). É uma foto interessante por indicar a grande proximidade dos dois assentamentos (reforçando a tese de que eles eram, originalmente, apenas um sítio de maiores dimensões), e o ambiente em que eles estavam inseridos, em áreas mais acidentadas de meia encosta, estando próximos tanto às áreas mais baixas alagadiças, e das áreas mais altas e secas.

**Figura 10** – Sítios RS-S-287 (seta da esquerda) RS-S-288 (seta da direita)



**Fonte:** MILLER, 1967, p. 32.

#### 2.3.6 Sítio RS-S-289 – Monte Serrat-1, catálogo MARSUL 470

O sexto sítio foi prospectado por Eurico Miller no dia seis de Janeiro de 1966. Este assentamento, juntamente com o seguinte, o RS-S-290, teve parte de seus dados publicados e analisados em NUNES & SCHMITZ, 2017, p. 29-43, porém, a maioria de suas informações, como a ficha catalográfica, e os elementos lito-cerâmicos, permanece inédito. A ficha catalográfica do sítio está transcrita abaixo:

Proprietário: José Isidório Moura. A 200 m da margem esquerda do Rio dos Sinos, sobre uma lombada. Ao sul o sítio tem um capãozinho e o topo da lombada, a leste é encostado outro matinho com vertente, ao norte descendo a sanga que recebe as águas das vertentes a leste, a oeste a lombada continua descendo sempre paralela ao rio. Nesta região as várzeas são altas e estreitas. A terra é argilosa e está coberta de plantas

como fumo e milho e abóboras. O sítio está separado da sanga por uma faixa de matações. O sítio é de grandes dimensões e por todo ele recolhemos dezenas de choppers mais concentrados na parte centro-oriental, isto é, do caminho de roça às vertentes a leste. Com a mesma disposição encontramos cacos Guarani. Apesar de haver três manchas de terra, os cacos não estão em foco, o que não possibilitou escavação e recolhemos todos os cacos visíveis na superfície. Estes petrefatos quase sempre são acompanhados de cerâmica tipo Morro da Formiga (Taquara) e aqui estão acompanhados de cacos Guarani. Eurico Th. Miller, 6.1.66. (MARSUL, 1966).

Foram medidos 166 artefatos. Registramos 13 bordas com acabamento Corrugado 3, 19 bordas unguladas, e duas bordas Simples. No acabamento Corrugado 3, foram catalogados 23 fragmentos com corrugado regular (4 bordas estavam entre eles), e 45 com corrugado irregular (contendo nove bordas). Quanto ao Ungulado, ele se apresentou variado, ora com marcas bem grandes de unhas distribuídas de forma mais espaçada, ora com marcas pequenas e densamente agrupadas. Às vezes a superfície não foi bem nivelada e pode haver certa confusão com corrugado. Num caso há um corrugado grande complementar junto do lábio. Provavelmente algumas superfícies internas eram vermelhas. Os recipientes ungulados eram bem grandes e complementariam bem as do Corrugado 3.

O acabamento Simples apresentou cinco fragmentos com pintura vermelha interna e externa, e seis cacos indicam serem de um único vasilhame. Quanto aos Pintados, houve um fragmento com pintura externa e branco interno, um pintado externo com vermelho interno, e três pintados internamente.

O antiplástico da cerâmica foi de areia média com bastantes grãos grandes de hematita, e, às vezes, clastos grandes brancos de feldspato, gerando uma superfície áspera e abrasiva. Os fragmentos com manchas escuras se apresentaram conforme esta disposição: Corrugado 3: 28 escuros internos, oito externos, 11 interno e externo; Ungulado: nove fragmentos escuros internos, 10 escuros externos, 18 escuros internos e externos; Simples: quatro escuros internos, e dois escuros externos.

**Tabela 9** – Sítio RS-S-289 – Distribuição dos fragmentos cerâmicos conforme tamanho e acabamento.

Tamanho	Corrugado 3	Ungulado	Simples	Pintado
<b>0,0 – 2,5 cm</b>	–	–	–	–
<b>2,5 – 5,0 cm</b>	29	34	20	2
<b>6,0 – 7,5 cm</b>	25	19	10	2
<b>7,6 – 10,0 cm</b>	12	4	3	1
<b>10,1 – 12,5 cm</b>	2	3	–	–
<b>Total</b>	68	60	33	5



A Tabela 9, acima, mostra uma proporção maior do acabamento ungulado que nos outros assentamentos, e fragmentos médios a grandes. Já a Tabela 10, abaixo, apresenta fragmentos com maiores espessuras, o que aponta para vasilhas de tamanhos médios a grandes.

**Tabela 10** – Sítio RS-S-289 – Distribuição dos fragmentos cerâmicos conforme espessura e acabamento.

Espessura	Corrugado 3	Ungulado	Simple	Pintado
0,0 – 0,5 cm	–	–	–	–
0,6 – 0,75 cm	8	4	2	1
0,76 – 1,0 cm	35	31	14	3
1,1 – 1,25 cm	24	20	17	–
1,26 – 1,5 cm	1	5	–	1
<b>Total</b>	68	60	33	5

A figura abaixo apresenta os desenhos dos perfis das bordas cerâmicas do sítio<sup>24</sup>, onde se percebe a espessura um pouco maior do vasilhame, confirmando os dados da Tabela 10.

**Figura 11** – Perfil das bordas cerâmicas do Sítio RS-S-289



<sup>24</sup> Boa parte desses perfis foram publicados em NUNES & SCHMITZ, 2017, p. 29-43.

O material lítico deste sítio é abundante em comparação aos outros assentamentos dessa área, o que permitiu estudar sua produção<sup>25</sup>, constituindo a referência para os artefatos líticos no projeto para o Vale inteiro. A principal matéria prima para os artefatos são seixos rolados de basalto amidaloide, alongados, estreitos, não muito grossos, de córtex muito fino; e raramente blocos um pouco maiores dos quais se tiraram lascas longas e estreitas, por percussão com apoio. Está presente também um outro basalto, de composição mais fina, com córtex avermelhado mais grosso, que aparece em pequenos blocos, dos quais se tiram lascas curtas e largas. O primeiro podia ser recolhido em cascalheiras próximas, o outro afloraria no solo.

As nascentes do Sinos estão em terrenos arenosos da Formação Botucatu capeados por basaltos da Formação Serra Geral, o que explica a presença dos seixos no Rio e, também, os blocos de basalto diferentes. Neste sítio não aparecem artefatos em arenito silicificado, frequentes em situações de formações semelhantes.

O basalto amidaloide é bastante resistente, e as intervenções com percutor duro produzem cicatrizes de superfícies ásperas. Ele foi usado predominantemente na forma original do seixo com pequenas modificações uni ou bifaciais numa extremidade, ou lado, para criar talhadores. Ele também foi usado para produção de longas e estreitas lascas, que foram transformadas em talhadores com pequenas intervenções uni ou bifaciais na extremidade transversal e reforço nos bordos longitudinais. O segundo tipo de basalto, de composição mais fina e regular, foi usado para produzir lascas curtas e largas com bordo transversal expandido, que foram transformadas em instrumentos semelhantes a enxós ou enxadas.

Foram poucas as intervenções para criar os gumes das peças, geralmente três a cinco golpes duros. Estes gumes são cortantes, mas irregulares, produzidos por golpes numa face e na outra face, sem regularização posterior. Eles se prestariam mal para trabalhar madeira, mas seriam úteis para desbastar vegetação menor e preparar o solo para o plantio. Muitas peças aceitariam um cabo, mas não se visualizam adaptações significativas para isto. Alguma vez se exigia uma redução da largura ou espessura do suporte para dar o formato desejado ao instrumento: isto podia ser feito com um só forte golpe com apoio. Não se percebem marcas de uso nas peças.

Os petrefatos estudados estão relacionados abaixo, e os desenhos técnico de alguns deles (feitos por Vagner Perondi), estão na sequência.

---

<sup>25</sup> O trabalho de análise e desenho do lítico foi efetuado por Pedro Ignácio Schmitz e Vagner Perondi durante o projeto do IAP.

A) Lascas transversais e seixos lenticulares (talhador unifacial ou enxó):

- 470/44. Talhador unifacial ou enxó? Lasca côncava com talão liso, cornija, bulbo saliente, face externa com uma retirada anterior, mas ainda muito cortical. Bordos longitudinais convexos. Basalto tipo 2. Tamanho: 7,5 x 12,7 x 1,6 cm;
- 470/50. Talhador unifacial ou enxó? Lasca côncava com talão liso, cornija, bulbo saliente, face externa com três retiradas, conservando 1/3 de córtex. Basalto tipo 2. Tamanho: 6,5 x 10 x 1,5 cm;
- 470/42. Talhador unifacial ou enxó? Lasca, talão liso, bulbo saliente, uma retirada dorsal mantendo mais da metade cortical, bordo transversal em leque. 10 x 15 x 1,5 cm;
- 470/49. Talhador unifacial ou enxó? Lasca côncava, talão liso, cornija, bulbo saliente, aresta dorsal assimétrica, 1 bordo longitudinal convexo. Basalto tipo 2. 10 x 6,5 x 3 cm;
- 470/37. Talhador unifacial ou enxó? Lasca côncava, talão minúsculo cortical, bulbo saliente, 1 bordo longitudinal lado, o outro convexo retocado, bordo transversal espesso, dorso é superfície interna de outro lascamento. 10,5 x 7 x 2,6 cm;
- 470/33. Talhador unifacial ou enxó? Lasca longitudinal curta, plano de percussão liso, cornija, face interna levemente convexa, face externa com uma retirada longitudinal que retirou 1/3 do córtex. Sem outra intervenção. 3 bordos cortantes. 10 x 8,5 x 4,3 cm;
- 470/40. Lasca/núcleo irregular com uma faceta cortical. Basalto tipo 2. 9 x 7 x 4,3 cm.
- 740/48. Talhador unifacial ou enxó? Seixo aplanado com uma retirada larga numa face e uma curta na outra face do mesmo bordo para criar um gume cortante. Basalto tipo 2. 10 x 9,5 x 2,8 cm;
- 470/41 Seixo lenticular com duas retiradas numa face. Basalto tipo 2. 11 x 8,7 x 1,7 cm.
- 470/19. Seixo plano com 3 retiradas unificiais num dos lados e 1 retirada numa outra ponta natural produzindo bom gume. 15 x 13 x 4,3 cm;
- 470/46. Lasca de basalto amidaloide, com bulbo saliente e bordos trabalhados com retiradas abruptas, pequenos restos de córtex. 6,2 x 7 x 5 cm.

B) Lascas longitudinais (talhador unifacial?):

- 470/8. Lasca longitudinal, talão liso, face interna lisa, bulbo removido, face externa com retirada longa de uma extremidade à outra, com 2 pequenos restos de córtex,

reforço dos bordos longitudinais com pequenas retiradas abruptas, bordo transversal com retiradas nas duas faces. 19,5 x 9,5 x 6,2 cm;

- 470/34. Lasca longitudinal, talão liso, face interna lisa, levemente curva, face externa com aresta dorsal curva, reforço dos bordos longitudinais por pequenas retiradas abruptas, bordo transversal com retiradas bifaciais. 17,8 x 7,5 x 4 cm;
- 470/27. Lasca longitudinal, talão liso, face interna lisa, face externa com retirada dorsal junto ao bordo transversal, mais 2 outras pequenas retiradas, deixando a maior parte cortical, pequeno reforço do bordo transversal para criar gume ogival. 19,5 x 9,2 x 4,2 cm;
- 470/6. Lasca longitudinal com as duas extremidades impactadas por desprendimento bipolar e mais um golpe lateral duro para formatação. Face interna bem irregular, face externa quase toda cortical. As duas extremidades com gumes grosseiros, sem trabalho secundário. 22,5 x 9,1 x 5,5 cm;
- 470/2. Grande lasca bipolar com perfil triangular, redução da aresta dorsal e pequena intervenção bifacial na extremidade oposta ao talão. 22,8 x 8 x 7,2 cm.

C) Seixos alongados de basalto amidaloide transformados em talhadores:

- 470/20. Seixo rachado ao meio por percussão apoiada, com um gume criado, enviezado numa extremidade por 2 retiradas na face externa que, de resto, é cortical. Face interna lisa e reta. 16,6 x 9,8 x 6,3 cm;
- 470/23. Seixo com duas retiradas numa face, 3 pequenas na outra da mesma extremidade. 14,5 x 6,5 x 4,5 cm;
- 470/28. Seixo com uma retirada numa face numa extremidade. 16,1 x 6,7 x 3,5 cm;
- 470/3. Seixo com uma retirada numa face, 3 retiradas na outra face da mesma extremidade. 17,2 x 8,4 x 6,5 cm;
- 470/10. Seixo com um golpe apoiado que produziu duas retiradas, uma em cada face da mesma extremidade e outra numa face da outra extremidade. 18,6 x 9,6 x 4,8 cm;
- 470/7. Seixo com uma extremidade em gume ogival, com 3 pequenas retiradas numa face, uma na outra face e a regularização de um bordo longitudinal por 3 retiradas. 20,3 x 9,3 x 4,6 cm;
- 470/31. Seixo quebrado ao meio transversalmente, com 3 retiradas numa face e duas na outra face num dos bordos longitudinais. 11,5 x 12 x 6 cm;

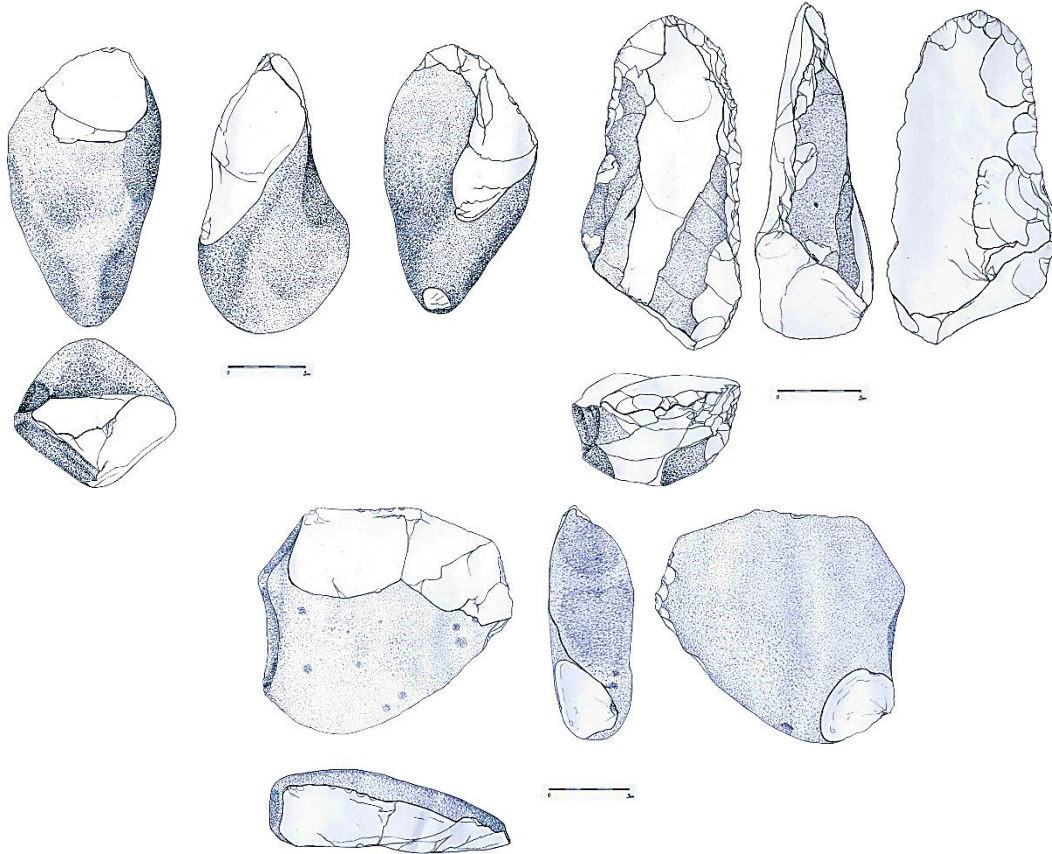
- 470/22. Núcleo bipolar multifacetado com pequeno resto de córtex, uma de cujas extremidades com gume irregular. 15,3 x 88 x 6,7 cm;
- 470/53. Seixo com retiradas bifaciais grosseiras numa extremidade, redução do tamanho por quebra da outra extremidade e redução por quebras irregulares num bordo longitudinal. 11,6 x 9 x 3,8 cm;
- 470/4. Seixo com retiradas bifaciais numa extremidade e redução de um bordo longitudinal. 16,4 x 8 x 5,4 cm;
- 470/45. Seixo com pequeno gume bifacial numa extremidade. 10,7 x 5,1 x 3,2 cm;
- 470/43. Lasca bipolar triangular alongada. Talão liso irregular, face interna muito irregular, redução de dois bordos longitudinais. 10,7 x 6 x 4 cm;
- 470/36. Seixo com uma extremidade apontada por 3 retiradas numa face, a outra face reduzida por um golpe que se estendeu por 2/3 de uma face, retirando uma aresta dorsal. 16,2 x 5,5 x 3,1 cm;
- 470/25. Seixo com pouca interferência criando gume grosseiro num dos ângulos do seixo. Intervenção desastrada. 15,8 x 9,5 x 5,2 cm;
- 470/il. Seixo grande e pesado com intervenções em ambas as faces criando um gume ogival, e intervenções fortes num bordo longitudinal e no dorso alto para formatar um grande talhador. 24 x 9,5 x 7,8 cm.;
- 470/55. Núcleo bipolar em forma de biface com algumas intervenções a partir de um bordo longitudinal, sobrando pequena faixa de córtex. 9,6 x 4,4 x 1,5 cm;
- 470/54. Seixo de arenito silicificado transformado em talhador bifacial. 8,4 x 5,8 x 4,6 cm.

D) Outros:

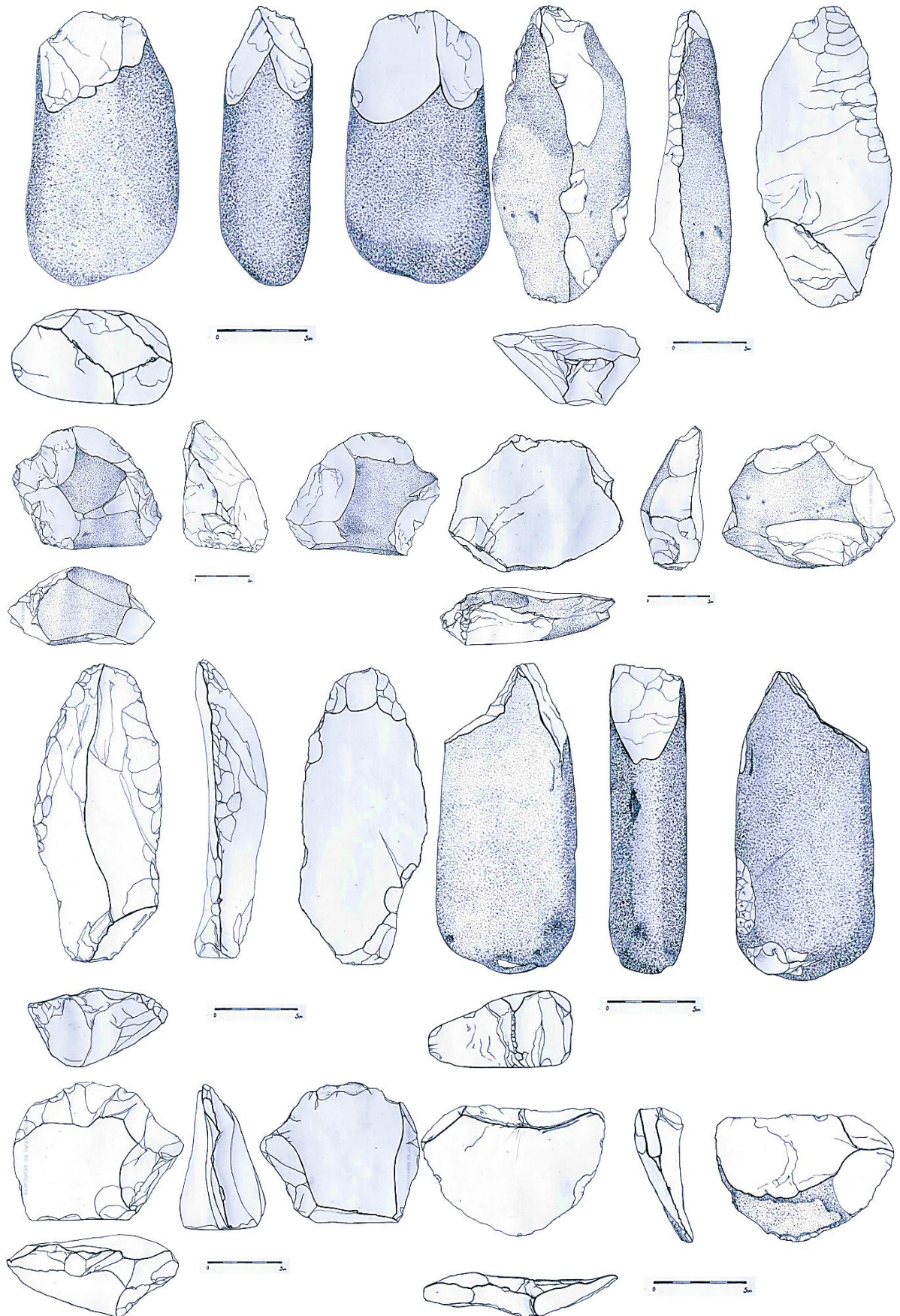
- 470/37. Lasca bipolar de basalto tipo 2 muito meteorizado, talão liso, face interna irregular, face externa com aresta assimétrica. Regularização do bordo longitudinal e transversal. A meteorização do basalto mascara as intervenções. 13,8 x 6 x 2,7 cm;
- 470/39. Plaqueta de basalto tipo 2 com intervenções nas duas extremidades e nos bordos longitudinais produzindo um talhador retangular com gumes nas extremidades opostas. Podia ser encabado. Muito meteorizado. 8,6 x 5,4 x 2,9 cm;
- 470/47. Seixo retangular achatado com uma batida num bordo longitudinal e uma na extremidade. Não instrumento. 9,4 x 6,6 x 2,5 cm;

- 470/25. Fragmento bipolar de basalto amidaloide com típico perfil triangular. 12,3 x 6,9 x 3 cm;
- 470/57. Fragmento de lascamento com uma face cortical. 6,9 x 4,8 x 3,2 cm.

**Figura 12** – Artefatos líticos do Sítio RS-S-289





**Figura 13 – Artefatos líticos do Sítio RS-S-289**

### 2.3.7 Sítio RS-S-290 – Monte Serrat-2, catálogo MARSUL 471

O último dos sítios foi prospectado por Miller no dia sete de Janeiro de 1966, e sua ficha catalográfica está transcrita abaixo:

Proprietário: José Isidório Moura. Ao norte de RS-S-289 e a 18 m da barranca do Rio dos Sinos e a 8 m acima deste, encostado à estrada tem, a oeste a casa do Proprietário, ao sul um taquaral e sanga com capãozinho. Solo fofo areno-argiloso coberto com batata doce e milho, árvores frutíferas. Cacos pouco erodidos, de pequenos a médios, colhidos em toda a superfície do sítio, sem foco de concentração. Uma pequena mancha de terra preta. Eurico Th. Miller, 7.1.66.

Foram medidos 254 fragmentos cerâmicos, com 39 bordas com acabamento Corrugado 3, seis bordas unguladas, e cinco bordas Simples. O antiplástico é areia fina a média, e o corrugado é baixo e bem feito. Quanto aos fragmentos com manchas escuras, foram registrados nesta disposição: Corrugado 3: 90 internos, cinco externos e 13 interno e externo (representando 52.68% dos Corrugados). Das 39 bordas corrugadas, 16 possuem escuro interno, quatro escuro externo, e cinco interna e externamente (representando 64.10% das bordas corrugadas), deixando apenas 14 bordas sem escurecimento. Quanto ao Ungulado, apareceram cinco fragmentos com escuro interno, e três interno e externo (57.14% dos ungulados); nos Simples: oito fragmentos com escuro interno, um externo, seis interno e externo, e seis escuro externo e vermelho interno (67.74% dos Simples). Por fim, dos fragmentos com pintura externa, apenas um fragmento apresentou escuro interno e externo (representando 25% dos pintados externos).

**Tabela 11** – Sítio RS-S-290 – Distribuição dos fragmentos cerâmicos conforme tamanho e acabamento.

<b>Tamanho</b>	<b>Corrugado 3</b>	<b>Ungulado</b>	<b>Simples</b>	<b>Pintado</b>
<b>0,0 – 2,5 cm</b>	4	1	–	–
<b>2,5 – 5,0 cm</b>	128	8	25	4
<b>6,0 – 7,5 cm</b>	64	5	6	–
<b>7,6 – 10,0 cm</b>	8	–	–	–
<b>10,1 – 12,5 cm</b>	1	–	–	–
<b>Total</b>	205	14	31	4

Na Tabela 11, acima, percebe-se o predomínio exagerado do acabamento Corrugado 3 sobre os demais, e os fragmentos são, em sua maioria, pequenos a médios. Já a Tabela 12, abaixo, mostra vasilhas predominantemente de tamanhos médios.



**Tabela 12** – Sítio RS-S-290 – Distribuição dos fragmentos cerâmicos conforme espessura e acabamento.

Espessura	Corrugado 3	Ungulado	Simples	Pintado
0,0 – 0,5 cm	1	2	1	–
0,6 – 0,75 cm	100	12	17	3
0,76 – 1,0 cm	102	–	13	1
1,1 – 1,25 cm	2	–	–	–
<b>Total</b>	205	14	31	4

A Figura abaixo apresenta os perfis das bordas cerâmicas do sítio<sup>26</sup>, com formas variadas.

**Figura 14** – Perfil das bordas cerâmicas do Sítio RS-S-290



O lítico desse sítio, ao contrário do anterior, é muito pouco representativo, contando com apenas quatro artefatos, que estão discriminados abaixo:

<sup>26</sup> Boa parte desses perfis foram publicados em NUNES & SCHMITZ, 2017, p. 29-43.

- Duas lascas secundárias de basalto, grosseiras: 7,2 x 5,3 x 1,5 cm e 2,3 x 2,2 x 1,3 cm;
- Duas lascas semi-corticais: 5,6 x 4,1 x 1,2 cm e 4,7 x 3,4 x 1,0 cm.

Com essa descrição que atende ao método da Arqueologia, apresentamos os dados referentes ao material arqueológico dos assentamentos do Alto Vale do Sinos por nós estudados. A análise mais refinada dessas informações, com a comparação entre os sítios, será realizada no Capítulo 4, buscando integrar os assentamentos em seu contexto ecológico, e com as referências etno-históricas.

#### 2.4 Arqueologia Guarani no Litoral sul-catarinense

Para a complementação do presente capítulo, considero importante realizar uma descrição de um relatório de projeto de salvamento arqueológico<sup>27</sup> realizado pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), na Zona de Processamento de Exportação (ZPE) de Imbituba, SC, em 1999. O estudo foi feito pelo Laboratório de Arqueologia do IPAT/UNESC de Criciúma, SC, e teve como intuito, pela análise de diversos dados (desde composição geológica da região até informações de fontes jesuíticas que discorrem sobre a área), a compreensão do assentamento Guarani e sua relação com o meio circundante. Nessa pesquisa, a equipe chefiada pelo arqueólogo Rodrigo Lavina analisou um espaço de estabelecimento Guarani caracterizada por 25 estruturas de habitação, das quais três foram sistematicamente escavadas, enquanto as outras receberam cortes de 2x4 m. (LAVINA, 1999, p. 4).

Esse trabalho é bastante significativo, para a presente monografia, porque essa área corresponde ao local em que os padres jesuítas, sediados em São Vicente, iniciaram os trabalhos missionários no litoral catarinense nas primeiras décadas do século XVII, o que nos permitirá fazer ligações entre os escritos inacianos e a cultura material Guarani encontrada no projeto. A análise e classificação dos dados e da cerâmica foi feita de forma extremamente minuciosa pela

---

<sup>27</sup> Salvamento arqueológico (inserido dentro do que se denomina popularmente como “Arqueologia de Contrato”) corresponde a projetos realizados para levantamento da cultura material indígena de áreas que serão afetadas por obras, como hidrelétricas, condomínios habitacionais, indústrias etc., e que irão alterar permanentemente o solo da região: “No resgate arqueológico são realizados os trabalhos de salvamento arqueológico nos sítios identificados na etapa de prospecção arqueológica. O resgate ocorre após a obtenção da Licença de Instalação (LI), ou seja, durante a implantação do empreendimento, contemplando escavações exaustivas, registro de cada sítio e seu entorno, coleta de vestígios e material arqueológico. Os materiais coletados em campo passam por trabalhos de laboratório e gabinete, tais como limpeza, triagem, registro, análise, interpretação, acondicionamento adequado, bem como Programa de Educação Patrimonial bem como o Programa de Educação Patrimonial. A guarda do material deve ser garantida pelo empreendedor, seja mediante investimento em unidades existentes, seja pela construção de unidades museológicas próprias. Após a aprovação do relatório comprobatório das atividades executadas durante o resgate/salvamento arqueológico, o empreendimento torna-se apto a obter a Licença de Operação (LO) pelo órgão ambiental competente”. (CTA, 2019).

equipe da UNESCO, e, para evitar repetição das informações, exporei aqui apenas um conjunto resumido dos resultados do projeto.

Primeiramente, o texto se preocupa em construir o pano de fundo ambiental da região, que se constitui em um espaço de junção de diferentes habitats, que forneceriam aos indígenas recursos variados. Ali, há o encontro das praias estreitas e do litoral recortado por enseadas, com o final da Serra do Tabuleiro e a foz do rio D'Una e da desembocadura da Laguna de Mirim. Tudo isso forma um complexo hidrográfico e lagunar importante, que seria explorado pelo Guarani, fornecendo variados recursos de pesca, caça e coleta, além do aumento da mobilidade por facilitar o uso de embarcações. (LAVINA, 1999, p. 8-13).

O procedimento da pesquisa arqueológica consistiu na sondagem a cada 25 m dos 52,2 ha de área total afetada pelas obras da ZPE. Nas 25 manchas de terra escura identificadas, foi realizada sondagem com escavadeira, em poços testes de 70 x 150 cm, e 2 m de profundidade média. Além disso, se escavaram trincheiras com cerca de 70 cm de largura entre as manchas escuras, para encontrar possíveis estruturas externas às habitações. Para um controle do material, todo o solo foi peneirado a cada 20 cm escavados. Nas manchas que haviam sido previamente semidestruídas pelo arado e obras da ZPE, foram feitas escavações sistemáticas de 8 m<sup>2</sup> (dois setores de 2 x 2 m), e em níveis artificiais de 10 cm para constituir amostragem do material e identificar com mais precisão as estruturas internas das casas. Cerca de 10% do total das quadrículas foi escavado, deixando áreas sem escavação para futuras pesquisas. (LAVINA, 1999, p. 62-63; 79).

Quanto ao material encontrado, foram registrados 21.381 fragmentos cerâmicos, recolhido em três das manchas escuras sistematicamente escavadas, sendo que a maioria dos cacos estava disposto na área central destas. O antiplástico predominante nos fragmentos foi o mineral, com menor aparecimento do caco moído. A espessura média das peças foi de sete a 12 mm, e a decoração se dividiu em Corrugado, Ungulado, Pintado e Simples, divididos de forma tradicional, com a predominância do Corrugado e Ungulado sobre os demais. (LAVINA, 1999, p. 98-101). Foram, ainda, encontradas sete estruturas funerárias, com diversas urnas. Algumas estruturas desse tipo foram destruídas pelas obras iniciais da ZPE. Todas possuíam acompanhamento funerário (com exceção de uma urna destruída pela terraplanagem), seja vasilhas cerâmicas menores, lâminas ou fragmentos de machado de diabásio, contas de cerâmica ou concha, além de um tembetá. Nada foi preservado de ossos humanos, pela acidez e umidade do solo da região. (LAVINA, 1999, p. 94).

Com relação ao lítico, ele foi encontrado quantidade razoável, e análise minuciosa permitiu a associação (pelo material de fabricação das peças), ao local de origem das rochas

utilizadas, que eram retiradas tanto das elevações próximas quanto da Serra do Tabuleiro (distante cerca de 70 km dos sítios), o que demonstra a mobilidade dos indígenas em busca de matérias-primas. Além disso, as pedras (quartzo, diabásio, granito, basalto etc.) eram empregadas de formas diversas, desde apoio para painéis em fogueiras, até para fabricação de artefatos para uso diário e acompanhamento funerário. (LAVINA, 1999, p. 147-151; 155-157).

Também foram encontrados alguns restos alimentares, como sementes carbonizadas de palmeira, ossos de tatu, veado, baleias e botos, além de carapaças de moluscos, das quais foram identificadas a *Anomalocardia brasiliana* (berbigão), *Crassostrea* sp. (Ostra de mangue) e *Thais haemastoma* (Búzio de pedra). Em um sepultamento, ainda foram encontrados colares de conchas como acompanhamento funerário, demonstrando o uso desses animais para além do consumo da carne. (LAVINA, 1999, p. 85-89).

Passando para as fontes etno-históricas, o projeto da UNESCO realizou um amplo e detalhado levantamento de todos os dados disponíveis em textos de viajantes e jesuítas sobre o litoral catarinense, desde cronistas como Binot Paulmier de Gonneville, Henrique Montes e Cabeza de Vaca, até os relatos dos inácianos contidos em Serafim Leite, como dos padres Jerônimo Rodrigues e Inácio de Sequeira. Utilizando de conceitos etno-históricos de Bartolomeu Melià, o texto decompõe os documentos históricos em diversas categorias, como o território, demografia, habitações, abastecimento e cultura material, retirando o máximo de informações possíveis sobre o modo de vida dos Carijó (antepassados dos Guarani), no período dos primeiros contatos com os europeus. Para a escolha dos dados dos textos, a equipe procurou aquelas informações que mostrassem pouco ou nenhum contato entre os grupos, para diminuir as possibilidades de falseamento das comparações com o material arqueológico. (LAVINA, 1999, p. 30).

Como síntese desse estudo documental, o texto aponta para o domínio dos Carijó de amplas áreas, desde o litoral até o interior do Paraguai, que se restringiu ao litoral após o início dos contatos com os europeus, seja por causa de doenças, seja pela escravização. As aldeias estariam próximas a fontes de água, contendo até cinco casas, que eram ocupadas por famílias extensas e distantes no mínimo uma légua. (LAVINA, 1999, p. 53).

Na parte de análise integrada dos dados, o trabalho levanta a hipótese de terem existido, na área da ZPE estudada pela UNESCO, duas ocupações distintas (definidas por datação TL): uma mais antiga, datada de 1000 a 1050 A.P. (950 a 900 d.C.), e outra mais recente, datada de 710 a 815 A.P. (1240 a 1135 d. C.)<sup>28</sup>. Esta reocupação teria sido ocasionada pela localização

---

<sup>28</sup> As datações foram realizadas no Laboratório de Vidros e Datação da Faculdade de Tecnologia de São Paulo. Não foi indicado no texto, porém, o número de registro de laboratório das datações efetuadas.

geográfica dos sítios, situados em uma área de transição ecológica, que forneceria, com locomoção a pé ou em canoas, acesso a diversas fontes de abastecimento. Além disso, embora o solo da região não tenha boa fertilidade, forneceria em torno de cinco anos médios de exploração com coivara, que, após o abandono, seria recuperado rapidamente pela vegetação nativa. Aliado a isso, a homogeneidade da cerâmica dos dois assentamentos indicaria a reocupação pelo mesmo grupo, que poderia voltar para a região conforme as necessidades de abastecimento. (LAVINA, 1999, p. 153-155).

Por fim, os dados levantados nas fontes escritas permitiram à equipe da UNESCO uma analogia com os dados arqueológicos, como o número de casas das aldeias, artefatos líticos como os machados, e cerâmica<sup>29</sup>, fontes de abastecimento e mobilidade. Além disso, o cálculo de demografia realizado pelo trabalho (utilizando os pressupostos de Narrol [1962], que determina 10 m<sup>2</sup> por habitante), apontaram para uma média superior a 170 moradores nas habitações (levando em consideração o tamanho das manchas de terra escura), o que estaria de acordo com alguns cronistas, que definiram em torno de 200 pessoas por habitação, divididos em famílias extensas. (LAVINA, 1999, p. 83-84).

É preciso fazer uma ressalva sobre algumas dessas informações. O cálculo do número de pessoas das moradias não condiz com os dados etno-históricos de textos que utilizei como referência (especialmente as relações de Jerônimo Rodrigues e Inácio de Sequeira), que falam de um número menor de habitantes (como será observado no capítulo seguinte). Com relação às datações, o intervalo entre as duas ocupações parece muito grande para se tratar de uma mesma área reocupada. Além disso, datas tão recuadas impedem uma aproximação com o trabalho dos jesuítas na região (datado do início do século XVII), e me parece improvável que o Guarani tenha se estabelecido na região em um período tão antigo, já que essas datas contradizem o modelo tradicional para a expansão desse povo na região, como presente em BONOMO *et al.* 2014, que aponta a chegada desses indígenas no litoral catarinense por volta do século XIV.

Contudo, todos os dados desse projeto permitem uma aproximação dos dados arqueológicos e documentais, que será interessante para minha análise futura. No capítulo seguinte, iniciarei o estudo das fontes documentais, onde esses pressupostos já serão úteis, e onde esses textos serão inseridos em seu contexto histórico.

---

<sup>29</sup> Há poucas referências, nas fontes etno-históricas, de artefatos como vasilhames cerâmicos, mas menções a “panelas grandes”, “alguidares” e “gamelas”, parecem indicar o uso desses utensílios. (LAVINA, 1999, p. 160).

### **3 A EXPANSÃO MISSIONÁRIA JESUÍTICA NO LITORAL SUL-BRASILEIRO E O CONTATO COM OS CARIJÓ (SÉCULOS XVI E XVII)**

O período histórico conhecido como Expansão Marítimo-Comercial Europeia, nos séculos XV e XVI, foi extremamente importante para a formação das Sociedades Moderna e Contemporânea. Nesse momento, a Europa (inicialmente Portugal e Espanha) realizou um amplo movimento de dilatação de suas fronteiras, navegando para além dos já familiares Mar Mediterrâneo e as águas oceânicas litorâneas, adentrando no até então assustador “Mar Tenebroso”.

Dos fatores que impulsionaram essa expansão, estão os econômicos (crise econômica e de desenvolvimento no final do período feudal, falta de capacidade do campo para alimentar as cidades em franca expansão [especialmente em função de guerras, fome e peste], necessidade de novos mercados fornecedores de matérias-primas e para absorver a produção urbana, aumento do comércio que causou a diminuição dos estoques de metais preciosos pelo envio de grandes quantidades de moedas para os italianos e islâmicos que faziam o comércio de especiarias do oriente para o ocidente, gerando a necessidade de encontrar novas jazidas de metais e uma nova rota para diminuir o valor desses produtos), os sócio-políticos (ascensão da burguesia mercantil, que fortaleceu a figura dos monarcas, visando a diminuição das guerras e a estabilidade para os negócios; esse crescimento de renda permitiu a formação de exércitos e expansão dos horizontes comerciais), os religiosos (ideal missionário ibérico e o espírito de cruzada contra os infiéis estava muito presente), e culturais (melhoria da construção naval, surgimento de novos barcos mais eficientes para a navegação em alto mar como as caravelas, e uso de novos instrumentos náuticos [como a bússola e o astrolábio], permitiram o avanço das embarcações para regiões desconhecidas do oceano. (BÉRENGER *et al.* 1980).

Todos esses fatores influenciaram na expansão dos europeus, que fizeram contato, pela primeira vez, com terras até então desconhecidas no Velho Mundo, como a América, Austrália e Nova Zelândia, e com seus nativos e animais considerados exóticos. Foi também o período do Renascimento e das Reformas Religiosas, marcado, especialmente, pela agitação, movimento e dinamismo, com novas descobertas científicas, expansão artística, questionamento de dogmas há muito sedimentados, antropocentrismo e busca de um conhecimento mais profundo do mundo. No campo religioso, a fundação das Igrejas Luterana, Calvinista e Anglicana causou a diminuição da hegemonia da Igreja Católica sobre o Estado, com o apoio de alguns reinos às reformas eclesiásticas e à livre escolha sobre qual religião adotar em seus domínios. Isso gerou a reação da Igreja Católica, caracterizada pela realização

do Concílio de Trento (que definiu rumos a serem tomados pela instituição para estancar a perda de fiéis, como a reafirmação de sacramentos e estabelecimento da Missa Tridentina), a instituição do Tribunal da Santa Inquisição, e a fundação da Companhia de Jesus (os jesuítas), seguidores de Inácio de Loyola. (BÉRENGER et al. 1980).

Os inacianos tiveram um papel privilegiado durante as Grandes Navegações, acompanhando os descobrimentos, sendo responsáveis por parte significativa da assistência espiritual aos colonos que se estabeleciam nas novas terras e trabalhando na conversão dos indígenas que, até então, não tinham contato com o Cristianismo. Sua expansão pelo mundo foi muito mais que uma mera resposta da Contra Reforma ao protestantismo, pois o universalismo marcante da Companhia de Jesus estava presente desde os primórdios da instituição, com a expansão para locais até então fora da esfera de influência das igrejas protestantes, e o reforço da ideia de bem universal. (PEDRO, 2008, p. 12). No Brasil, os inacianos desembarcaram em 1549, e deram início a um longo processo de atividade missionária e pastoral, que seria interrompido em 1759, com as Reformas Pombalinas que perseguiram os jesuítas e que culminaram com a Supressão da Ordem Jesuítica em 1773. (FRANZEN, 1999).

Este é, certamente, um período riquíssimo, que gerou ampla gama de fontes e estudos acadêmicos de vários tipos, que abordam o tema sob diferentes perspectivas e utilizando metodologias muito distintas. Por isso, busquei, na presente monografia, um equilíbrio dos textos, visando perceber a complexidade das questões aqui levantadas por interpretações diversas.

Iniciando com um trabalho clássico, utilizei a obra “O Guarani: Uma bibliografia etnológica”, lançado em 1987 pelo jesuíta Bartolomeu Melià, Marcos Vinícios de Almeida Saul e Valmir Francisco Muraro. Este trabalho é uma referência básica para estudos etno-históricos, com o levantamento exaustivo de toda a bibliografia disponível à época sobre os Guarani, e sua introdução traz diversos elementos metodológicos que serão úteis, aqui, para interpretar os escritos inacianos, especialmente a minuciosa diferenciação dos diversos tipos de escrita do período colonial. (MELIÀ, SAUL, MURARO, 1987).

Outro artigo importante para a compreensão dos escritos jesuíticos foi “Escrevendo Cartas. Jesuítas: Escrita e Missão no Século XVI”, de Fernando Torres Londoño, publicado na Revista Brasileira de História em 2002. Nesse trabalho, o autor analisa a construção do sistema de escrita inaciano, especialmente por Inácio de Loyola, e dos meios utilizados para redigir as missivas com um mínimo de informações pouco edificantes, visando a formação de uma imagem positiva e nobre da Companhia de Jesus e de seu trabalho missionário. (TORRES-LONDOÑO, 2002, p. 11-32).

Para a interpretação das fontes, também consultei o livro “Análise de Conteúdo”, de Laurence Bardin, lançado em 1977. Nessa obra, a autora constrói um método de análise para elementos de comunicação (seja escritos, imagens, entrevistas etc.) que vem sendo utilizado de diversas formas por pesquisas em áreas diferentes. Aqui, foi importante especialmente a Pré Análise e a Exploração do Material, que buscam um tratamento preliminar das fontes, embora não consegui utilizar o método com o máximo de profundidade pelo tempo disponível para a realização da pesquisa. (BARDIN, 2016).

Iniciando pelos textos jesuíticos que são fontes desse trabalho, e contribuíram, aqui, para perceber as relações multifacetadas entre os inacianos e os Carijó, os mais importantes foram aqueles relacionados com o início da expansão missionária dos jesuítas no sul do Brasil, que partiu de São Vicente no final do século XVI e início do XVII. Eles estão reunidos nas obras do padre Serafim Leite, destacado historiador da Companhia. Primeiramente, temos a relação do padre Jerônimo Rodrigues, que missionou entre os Carijó do litoral catarinense com o padre João Lobato, entre 1605 e 1607, e foi publicada, por Leite, no livro “Novas Cartas Jesuíticas (De Nóbrega a Vieira)”, lançado em 1940, que reuniu uma série de escritos até então inéditos. (LEITE, 1940, p. 196-246). Em seguida, temos a relação do padre Inácio de Sequeira, que missionou na mesma região em 1635 com o padre Francisco de Moraes, texto publicado por Leite no Volume VI de sua monumental obra “História da Companhia de Jesus no Brasil”. (LEITE, 1945, p. 493-521). Esses dois escritos são complementados pelos demais relatos dos inacianos que estiveram entre os Carijó de Santa Catarina e nos demais estados da região sul do Brasil no período, e as considerações de Leite sobre eles, presentes em LEITE, 1945, p. 439-560 (a relação de Sequeira estando aqui incluída).

Quanto aos autores cujos trabalhos contribuíram para a presente monografia, uma das mais destacadas foi Beatriz Vasconcelos Franzen. Sua tese de doutoramento, intitulada “Os Jesuítas Portugueses e Espanhóis e sua Ação Missionária no Sul do Brasil e Paraguai (1580-1640): um estudo comparativo”, defendida em 1997 em Lisboa, e publicada pela Editora Unisinos em 1999, realiza ampla análise da expansão jesuítica na América durante o período da União Ibérica (1580-1640), tanto nos domínios de Portugal quanto da Espanha. Este será uma base fundamental, aqui, para entender as relações entre os indígenas com jesuítas e os colonos, e os métodos de catequização dos inacianos. É um trabalho de fôlego importante, que, em certa medida, foi a continuação do esforço iniciado por Serafim Leite para a América portuguesa. (FRANZEN, 1999).

Embora seja uma pesquisa significativa, é preciso que se faça, aqui, uma consideração, já que, como afirmou Jacques Le Goff no prefácio do clássico “Apologia da História, ou o



Ofício de Historiador”, de Marc Bloch, “a fidelidade não exclui a crítica”. (BLOCH, 2001, p. 16). A obra de Franzen, especialmente sua tese, se caracteriza como um trabalho bastante positivista, no sentido em que percebe os escritos dos inacianos como um fim em si mesmos, e encerrando a verdade sobre os acontecimentos do período. Isso se torna evidente na afirmação da autora, presente na Introdução da tese, que não está na versão publicada pela editora Unisinos, mas que contém os fundamentos teóricos-metodológicos utilizados por ela:

Assim sendo, procuramos utilizar as próprias cartas dos jesuítas, no cotejo com outras fontes, entendendo que suas palavras a respeito do que viam, do que faziam e do que pensavam apresentam fidedignidade. Ao incluirmos outros documentos – cartas, relatórios de autoridades civis – o fizemos pela mesma razão. Os documentos falam por si sós. Sua interpretação, a análise do que dizem, eis o que entendemos deva o historiador fazer. (FRANZEN, 1997, p. 36)<sup>30</sup>.

Com isto, percebemos a intenção da autora de tratar as fontes jesuíticas com grande importância, e o foco central de seu trabalho. Essa

preocupação com as fontes foi uma das contribuições da escola histórica alemã e da escola metódica francesa, predominantes no século XIX, para a historiografia mundial. Sob este aspecto, a escrita da história dita positivista ou historicizante representou um avanço que levou a uma revolução nas técnicas de investigação e na coleta e uso das fontes, em oposição aos métodos de trabalho adotados pela historiografia especulativa ou “filosófica”. Por outro lado, essas correntes pressupunham a história como uma verdade objetiva, completa e imutável, que refletia fielmente os fatos documentados do passado, isenta de todo fator subjetivo. (PEDRO, 2008, p. 66).

Embora a atenção com as fontes trazida pela escola Positivista seja extremamente importante, e a base da historiografia contemporânea, fica clara a percepção de Franzen das fontes jesuíticas como receptáculos da verdade sobre o período histórico em que foram redigidas, sem a preocupação com análise mais profunda do contexto de produção das mesmas, das possíveis incoerências que podem apresentar, e das regras que guiavam a escrita dos

---

<sup>30</sup> Esta referência indica o texto original da tese de Franzen, pela Universidade de Lisboa, em 1997. Visto que a Introdução apresenta elementos pertinentes para a discussão sobre fontes jesuíticas e do início da expansão portuguesa para o sul do Brasil, aqui empreendida, citarei, nas Referências Bibliográficas, tanto a versão original da tese quanto a publicada pela Editora Unisinos em 1999.

inacianos, apresentando uma crença ingênua na possibilidade de alcançar a realidade objetiva e definitiva do período colonial por meio delas.

Mesmo com a discussão apresentada, a tese de Franzen possui grande valor pela reunião de uma grande quantidade de dados, a análise bastante minuciosa dos diversos pontos que envolveram a expansão jesuítica (como o relacionamento dos padres com autoridades metropolitanas e locais, colonos e indígenas) e a comparação entre as frentes de expansão missionárias hispânica e portuguesa, que eram distintas mesmo no período da União Ibérica (1580-1640), sendo, como afirmou Pedro Ignácio Schmitz no Prefácio da obra, um trabalho de atualização da monumental obra de Serafim Leite. (FRANZEN, 1999, p. 13).

Outros trabalhos da autora também foram consultados para esta pesquisa. Primeiramente, o artigo “As expedições dos jesuítas portugueses ao sul do Brasil (1553-1640)”, publicado em 1998 na revista Estudos Leopoldenses: série História, que apresenta, em um pequeno texto, elementos bastante semelhantes aos presentes na tese, sobre os primeiros anos de expansão jesuíta para o Sul do Brasil, desde o padre Leonardo Nunes. (FRANZEN, 1998, p. 23-37). Após, o livro “Jesuítas portugueses e espanhóis no sul do Brasil e Paraguai coloniais: novos estudos”, publicado em 2004, que procurou uma atualização das pesquisas que estavam sendo desenvolvidas pela autora após a defesa de doutorado, aprofundando a análise da atuação inaciana na América, como a instituição de colégios na Província Jesuítica do Paraguai e no Brasil, a presença dos padres na Colônia de Sacramento, a participação de Antônio Vieira e seus companheiros no movimento de Restauração do Trono Português etc. (FRANZEN, 2003). Por fim, o texto “A presença portuguesa na região platina”, publicado na revista ARQUIPÉLAGO História, em 2005, que insere o trabalho dos jesuítas em um contexto mais amplo do avanço colonial português e espanhol, com a atuação dos bandeirantes, contrabandistas, soldados, e os tratados de limites que foram sendo tecidos para delimitar este espaço. (FRANZEN, 2005, p. 141-152).

Outro autor fundamental, aqui, para compreender a expansão jesuítica, foi Ruy Ruben Ruschel. No artigo “Localização da sede jesuítica da Missão dos Patos (1605-1607)”, publicado em 1988 na revista Estudos Leopoldenses, o pesquisador analisou, com base no texto do padre Jerônimo Rodrigues, mapas e dados de outros cronistas, a provável localização geográfica da aldeia construída entre os Carijó, apontando o antigo centro histórico de Laguna como local do assentamento descrito pelo inaciano em sua relação<sup>31</sup>. (RUSCHEL, 1988, p. 47-84). Seguindo o trabalho com essa missão, foi publicado *post mortem*, em 2004, o livro “Por Mares Grossos

---

<sup>31</sup> Esta delimitação espacial será melhor discutida no item 3.2 da presente monografia.

e Areias Finas. A Missão dos Carijó: reconstituição de uma aventura seiscentista no litoral sul-brasileiro”, que estuda a relação de Jerônimo Rodrigues em toda a extensão, expondo e analisando os parágrafos do texto. Apesar de ser um trabalho que não traz nenhuma novidade interpretativa, segue sendo interessante por dissecar o texto de Rodrigues como um todo, e não ser apenas uma menção de suas partes principais. (RUSCHEL, 2004).

Um trabalho significativo para pensar o contexto histórico e as relações da expansão missionária jesuítica com a Coroa portuguesa e espanhola, foi “Política Indigenista dos portugueses no Brasil: 1500-1640”, de George Thomas. Aqui, o autor construiu uma interessante argumentação para analisar a influência das metrópoles ibéricas (especialmente a portuguesa) sobre a ação inaciana, além da visão socialmente construída para se referir e tratar os nativos que estavam sendo tocados pela colonização, apontando uma variação muito significativa no tratamento dispensado aos indígenas nos territórios hispânico e português, que se refletiu tanto nas ações da metrópole quanto das autoridades locais e religiosos. (THOMAS, 1981).

Um pequeno texto que consultei para refletir sobre a escrita colonial de forma mais geral, e os pontos de vista que os textos traziam com relação aos indígenas, foi “Olhares e imagens da terra e gentes brasílicas em textos quinhentistas e seiscentistas”, de Ana Maria de Azevedo, publicado pela revista Estudos Leopoldenses: série História, em 1998. Nesse trabalho, a autora decompõe as visões desenvolvidas à época para caracterizar e explicar os nativos vistos pela primeira vez nas terras encontradas pelos europeus durante as Grandes Navegações. Essas perspectivas variavam desde a do “bom selvagem”, de Montaigne, até àquelas que consideravam os indígenas como bárbaros sem lei e suscetíveis aos impulsos mais primitivos da natureza. (AZEVEDO, 1998, p. 39-50).

Por fim, a dissertação de Livia Carvalho Pedro, “História da Companhia de Jesus no Brasil: Biografia de uma obra”, defendida em 2008 na Universidade Federal da Bahia, foi imprescindível para minha compreensão da obra de Serafim Leite. Nesse trabalho, a pesquisadora estudou, em detalhes, a formação civil, religiosa e intelectual de Leite, desde a infância até o momento da redação e publicação de sua monumental obra (já como historiador da Companhia), as fontes, metodologias e percurso para a escrita dos 10 volumes, e a repercussão gerada por eles nos meios intelectuais. Além disso, a descrição de Livia Pedro da construção, consolidação e estrutura da ordem inaciana foi primordial para meu entendimento do ambiente que possibilitou a Leite desenvolver suas ideias e escrever seus livros. (PEDRO, 2008).

Os escritos jesuíticos são fruto do próprio ambiente intelectual e cultural que criou a ordem inaciana, e dos interesses e imagem que os Gerais (a começar por Inácio de Loyola) buscaram perpetuar no papel para a posteridade. Por isso, é interessante iniciar este estudo das fontes da Companhia com uma reflexão sobre a forma de escrita dos padres jesuítas, e dos efeitos dela sobre Serafim Leite.

### 3.1 Os escritos da Companhia de Jesus e o trabalho de Serafim Leite

A constituição da Companhia de Jesus foi marcada, em grande medida, pelo foco nas letras e na formação intelectual, e desde a fundação, em 1534, se incentivou aos integrantes da Ordem (mesmo durante o primeiro passo na Companhia, o noviciado) o estudo das línguas vernáculas, latim, outros idiomas, e na capacidade de ler os textos bíblicos e obras eclesiásticas em grego, latim e até em hebraico. (PEDRO, 2008, p. 11). Essa atenção à erudição foi acompanhada pela exigência do registro de todas as atividades desenvolvidas pelos jesuítas, que nasceu da necessidade de manter o contato e guiar a atuação dos padres espalhados por todo o mundo. Isso foi mediado pela criação de uma série de regras que balizaram a periodicidade e o estilo de redação das missivas a serem enviadas aos superiores, construindo uma enorme rede de informações para acompanhar, controlar e melhorar, permanentemente, a atuação missionária dos inacianos, especialmente nas colônias ultramarinas. (TORRES-LONDOÑO, 2002, p. 15).

Assim, toda a correspondência redigida pelos padres estava baseada em dois pontos comuns: a obrigatoriedade e a censura. As missivas deviam estar integradas aos “objetivos, funções e destinatários definidos legalmente”, sendo que muitas ficavam restritas ao alto escalão da Companhia. (PEDRO, 2008, p. 18; TORRES-LONDOÑO, 2002, p. 15). Isso foi feito para garantir a formação de um discurso comum, e a coesão e unidade da Ordem, permitindo o uso das cartas de forma edificante, tanto para os padres quanto para os de fora dela.

Desse modo, os

jesuítas privilegiaram a correspondência para emitir opiniões, transmitir informações e receber orientações de seus superiores. Usadas como espaço de união, ação, informação, negociação, conflito, comunicação e sociabilidade intelectual, as cartas viabilizaram o governo da Companhia e formação de uma organização mundial, através da escrita. (PEDRO, 2008, p. 29).

Esses documentos eram uma estratégia de comunicação, mas foram utilizados, também, como forma de construção de imaginário sobre as missões coloniais na Europa para aqueles que não tinham contato com as novas terras, mostrando-as sob a ótica e filtro cristãos da Companhia. As epístolas edificantes dos inacianos começaram a ser organizadas em tomos, já em 1548, pelo padre Juan Alfonso de Polanco, secretário do Geral Inácio de Loyola, e publicadas. Assim, “no mundo renascentista, cujo espírito de aventura era uma das características marcantes, estas cartas eram muito apreciadas e estimulavam novas vocações”, destacando o exótico e o desconhecido, que instigavam os homens a buscar desbravar os mistérios da nova terra (FRANZEN, 1997, p. 35-37). Isso aponta para a importância dos relatos dos jesuítas não só para o apoio mútuo entre os padres, mas como forma de dialogar com a sociedade circundante, e divulgar o trabalho da Companhia.

Por isso, já Inácio de Loyola se preocupou em sedimentar uma imagem positiva e edificante da Ordem através das letras, deixando claro a seus companheiros a necessidade do cuidado com a escrita das missivas e com as informações que eram veiculadas nelas. Isso levou (segundo TORRES-LONDOÑO, 18-19 e PEDRO, 2008, p. 18-19, RODRIGUES, 2010, p. 9) ao desenvolvimento de dois tipos de cartas, a Carta Principal, e as Hijuelas. A primeira correspondia a relatos edificantes que podiam ser lidos por qualquer pessoa, inacianos ou não, e continha o conteúdo de sermões, pregações, confissões, exercícios espirituais, obras pias, informações superficiais sobre o povo e as terras onde as missões aconteciam etc., tudo isso permitindo o estímulo da piedade, fé e aperfeiçoamento espiritual no leitor da carta. Já as Hijuelas eram cartas de caráter privado, geralmente anexas às principais, e abrangiam (especialmente àquelas enviadas aos superiores) elementos mais detalhados do cotidiano, e dados pouco edificantes, como os sentimentos reservados dos padres, doenças, negócios, notícias, dificuldades, sofrimento, dúvidas de conduta etc.

A Companhia de Jesus estava, desde seu nascimento, envolta em uma rede de interesses e relações multifacetadas, tanto interna quanto externamente, desde a obediência incondicional ao Papa e a expansão da Fé Cristã, a prestação de serviço religioso aos reis católicos (especialmente ibéricos), a cristianização das colônias e dos nativos, o contato com nobres e famílias ricas da Itália e Espanha, o conflito com outras ordens religiosas como os franciscanos etc.<sup>32</sup> Para manejar bem todos esses vínculos, era importante a construção e manutenção de uma

---

<sup>32</sup> Franzen (1997, p. 40) cita que, nas colônias, as principais relações a que os padres da Companhia estavam integrados eram com os Soberanos (aos quais dependia a autorização e apoio para a missão), com as autoridades locais (com as quais o bom relacionamento garantia as condições de trabalho), e com os colonos (aos quais os inacianos forneciam assistência espiritual, e eram importantes, inicialmente, para a ajuda para a “civilização” dos indígenas trazidos pelos inacianos para próximo das aldeias dos europeus). A deterioração dessas relações,

imagem positiva e um modo de ação característico da Ordem, o que foi feito pelas cartas citadas, que ajudaram a fundamentar a criação de um “imaginário missionário” e um *modus operandi* necessário para se catequizar os infiéis, e geraram a crença no bem universal, a ser implementado pelos inicianos em todo o mundo. (TORRES-LONDOÑO, 2002, p. 21-22).

Dessa forma,

Sob os olhares atentos dos Superiores, os inicianos leram, escreveram e publicaram milhares de livros, adequando a sua capacidade de reflexão ao projeto político, religioso, moral, econômico e intelectual da ordem em cada época e lugar. Nesses moldes Serafim Leite redigiu a História da Companhia de Jesus no Brasil. (PEDRO, 2008, p. 57).

Mesmo assim, havia alguma liberdade de conduta na tomada de decisões, especialmente para os inicianos que missionavam no Brasil e em outros locais afastados, visto que a distância para a Europa impediria uma rápida resolução de problemas. Todas as deliberações, porém, deviam seguir o espírito da Companhia, e refletir a busca pelo bem universal à luz das orientações mais gerais enviadas pelos superiores de Roma (FRANZEN, 1999).

Pensando dentro de uma perspectiva de Etno-História, os escritos dos inicianos podem ser inseridos no que Melià (1987, p. 23-27) definiu como “Etnologia Missionária”, que fornece uma visão esquemática do mundo Guarani antes das reduções, sendo alguns dos primeiros textos a tratarem dos contatos com esse grupo indígena. Embora alguns dos textos posteriores dos inicianos, segundo o autor, possuam problemas por caricaturarem os vícios e costumes Guarani, com os devidos cuidados metodológicos se constituem em fontes importantes para se compreender o modo de vida dos nativos.

Toda essa tradição de escrita inicianiana impactou, diretamente, Serafim Leite na redação de sua monumental obra. O autor, nascido em Portugal em 1890, viveu alguns anos de sua juventude na Amazônia, trabalhando nos seringais em plena expansão nesse período, e, posteriormente, como guarda-livros. Foi ali que começou sua carreira literária, escrevendo em jornais e gazetas locais, e a paixão pelos livros foi um dos motivadores de sua entrada na Companhia de Jesus, em 1914, pouco antes da eclosão da Primeira Guerra Mundial. Na Ordem, encontrou o ambiente propício para os estudos e a dedicação integral às letras, sendo designado para várias funções correlatas, como redator da prestigiada revista Brotéria, em 1929, e a escrita

---

inclusive, foi responsável pela expulsão dos padres de São Paulo, em 1640, e usada por Pombal nos seus ataques que determinaram o afastamento da Companhia de Portugal, em 1759.

em outros periódicos, como O Regional (quinzenário de sua terra natal, da qual Leite era ferrenho defensor), Mensageiro do Coração de Jesus, além de livros. Em 1932, o jesuíta foi designado pelo Provincial de Portugal à época, Padre Cândido Mendes, para redigir uma história da Assistência de Portugal no Brasil, que se tornaria a História da Companhia de Jesus no Brasil. (PEDRO, 2008, p. 30).

Para a escrita e publicação de tão vasta obra, foram necessários 17 anos de trabalho contínuo e intenso, de 1933 a 1950, e a pesquisa em dezenas de arquivos em Portugal, Espanha, Itália, França, Bélgica, Holanda e em vários estados do Brasil, reunindo documentação da ação inaciana na colônia brasileira entre 1549 e 1760 (datas da chegada dos inacianos ao Brasil e de sua expulsão, no período pombalino). Leite foi, no caso do *Archivum Historicum Societatis Iesu* (o principal arquivo dos jesuítas no Vaticano), o primeiro a acessar a documentação referente ao trabalho inaciano no Brasil no século XVII. (PEDRO, 2008, p. 80). Por causa disso, o autor conseguiu reunir um volume monumental de dados, reunidos em muitos tipos de documentos, como cartas<sup>33</sup>, catálogos<sup>34</sup>, relações<sup>35</sup>, Informações da Companhia de Jesus<sup>36</sup>, Crônicas jesuíticas<sup>37</sup> etc. Além disso, Leite também consultou uma grande quantidade de livros de História escritos do século XVI ao XX, tanto de religiosos quanto de leigos, que tratavam da atuação inaciana na América. (PEDRO, 2008, p. 74). Com tudo isso, o autor conseguiu juntar elementos para a escrita de uma narrativa única sobre a atuação da Companhia de Jesus, com informações até então indisponíveis para outros pesquisadores que escreviam sobre o tema, pela dificuldade (ou mesmo impossibilidade total) de acesso aos arquivos da Ordem.

Primeiramente, é preciso frisar que o trabalho do autor foi resultado dos interesses institucionais da Ordem, que visavam o projeto maior de narrar a História da Companhia na Assistência de Portugal, para defender sua atuação global até a supressão de 1773 e rebater os

---

<sup>33</sup> Leite utilizou uma ampla gama de missivas do período de 1549 a 1760, especialmente dos jesuítas Manuel de Nóbrega, José de Anchieta, Antônio Vieira (também seus sermões), Luís da Grã, Cristóvão de Gouveia, Pero Rodrigues, Domingos Coelho, Alexandre de Gusmão e Gabriel Malagrida. (PEDRO, 2008, p. 68).

<sup>34</sup> Listas com informações sobre os membros da Companhia, desde a origem, trabalhos, escritos, datas sobre as viagens, missões e falecimento, além de dados sobre as casas, como livros em suas bibliotecas etc. (PEDRO, 2008, p. 68).

<sup>35</sup> Com o grande aumento do número de inacianos, e, conseqüentemente, do volume de correspondência no século XVII, começou a ser feita a reunião dos dados das epístolas em Relações, textos escritos na Europa que reuniam uma série de informações sobre as missões (PEDRO, 2008, p. 69), como a relação de Jerônimo Rodrigues, que será utilizada nessa monografia.

<sup>36</sup> Escritas como cartas, forneciam dados gerais sobre a atuação inaciana em cada Província. Relatam desde aspectos do cotidiano, conjuntura político-econômico-social das regiões, costumes indígenas, até a atividade missionária desenvolvida, clima e geografia local, se constituindo como um importante registro histórico do Brasil colonial. (PEDRO, 2008, p. 70).

<sup>37</sup> “Narrativas históricas contemporâneas sobre acontecimentos, missões pessoas e lugares”, com grau de escrita e cuidado metodológico de redação podendo as configurar como Relações, Informações ou Notícias. (PEDRO, 2008, p. 71).

constantes ataques do antijesuitismo. Para a efetivação dessa iniciativa, a Ordem forneceu todos os subsídios materiais a seus escritores, como sustento, incentivo, acesso aos arquivos etc. O próprio Serafim Leite enfatizou o papel fundamental dos superiores para a escrita de sua obra. (PEDRO, 2008, p. 58).

Por isso, todos os 10 tomos escritos pelo autor buscam o combate do discurso pombalino, que estava muito forte com a proclamação da República em Portugal, em 1911, e que ocasionou a expulsão da Ordem do país. Quando da escrita e publicação dos livros (1933 a 1950), Portugal vivia o Estado Novo, comandado com punho de ferro por Antônio Salazar, e o reforço feito por Leite, em todos os volumes, do papel civilizador e colonizador de Portugal, atendia aos interesses político-econômicos-coloniais-religiosos desse governo. A retomada religiosa e conservadora da nova administração, após o exílio republicano, fez dos jesuítas defensores do regime de Salazar, e este incentivou projetos como o de Serafim Leite, que demonstravam a “capacidade civilizatória” de Portugal, e favoreciam a política colonialista empregada pelo governo. (PEDRO, 2008, p. 61-65).

Quanto aos fundamentos teórico-metodológicos que balizaram a obra de Serafim Leite, eles marcaram sua filiação com a Companhia de Jesus e ao projeto mais amplo de defesa inaciana. Repetidamente, o autor afirmou usar as fontes originais da Companhia para encontrar a “verdade dos fatos” (PEDRO, 2008, p. 66), e buscou a construção, em sua obra, da História como “verdade definitiva”. Realizou, porém, a escolha e recorte de textos jesuíticos baseado apenas nos princípios edificantes próprios da Companhia, excluindo cartas privadas ou trechos que prejudicassem a sua defesa dos inacianos. Mesmo quando confrontou as ações dos padres com fontes antijesuíticas, se utilizou, apenas, de elementos que pudessem corroborar sua tese em defesa dos jesuítas, nunca questionando suas ações. (PEDRO, 2008, p. 67). Assim,

Na elaboração da obra, Leite partiu de um conjunto de pressupostos relativos à colonização do Brasil e à missão jesuítica: (1) a Fé ocupava o primeiro lugar na empresa marítima portuguesa, antes do comércio e da navegação que impulsionaram os Descobrimentos e o Império português a partir do século XV; (2) Deus reservou à Companhia de Jesus o papel de principal colaboradora na obra universal de “saneamento espiritual” e, em particular, no Império Português; (3) a obra dos Jesuítas Portugueses que teve efeitos mais duráveis foi a do Novo Mundo e se confunde com a própria formação do Brasil; (4) a civilização cristã é boa; (5) a civilização (ou cultura) latina europeia é superior à dos Tupinambá ou dos fetichistas africanos; (6) uma das glórias dos portugueses foi ter comandado a substituição das civilizações inferiores pela superior no Brasil sem violência, agregando os elementos inferiores; (7) enquanto os colonos e administradores portugueses governavam e cultivavam a



terra como fonte de riqueza e elemento de soberania, os jesuítas portugueses amavam a terra brasileira e os seres humanos que nela viviam – da ação de ambos, nasceu o Brasil. Pressupunha também que o fato de o autor do livro pertencer à Ordem dos Jesuítas não prejudicou a elaboração da História e que nada do conteúdo dos documentos contra a Companhia foi omitido ou modificado. (PEDRO, 2008, p. 82).

A visão do autor sobre a História estava em consonância com a escola Positivista, e Leite afirmou que “apesar da existência do elemento subjetivo em toda a história humana, há também a objetividade do documento, que pode ser dissecado e visto por todos com absoluta independência”. (PEDRO, 2008, p. 67). Para ele, a “história científica é e há-de ser sempre, as datas e os homens, com a sua múltipla atividade no tempo e no espaço. Mediante investigação rigorosa, procura desprender de tudo, com nitidez, a linha geral dos acontecimentos”. (LEITE, 1938, p. XVI). Isso está de acordo com as crenças de Leopold Von Ranke, que

fundamentou o positivismo nos seguintes pressupostos: (1) a história é objetiva, completa e imutável; (2) não existe nenhuma interdependência entre o sujeito (o historiador) e o objeto (a história); (3) o historiador é capaz de ser imparcial; (4) a interpretação é aceita de forma passiva e contemplativa; (5) a reflexão filosófica é inútil e prejudicial, pois introduz a especulação na ciência positiva. (SCHAFF, 1983, p. 101-140).

Dessa forma, percebe-se, claramente, os cuidados metodológicos que devem ser tomados para a utilização da obra de Leite. Ela segue sendo, porém, imprescindível, por ter sido pioneira no tratamento de fontes eclesiais, e ter apresentado ao mundo uma enorme quantidade de documentos jesuítas antes restritos aos arquivos da Ordem. Com tudo isso, é possível avançar para a descrição das fontes jesuítas utilizadas aqui, iniciando pela discussão do contexto missionário dos inicianos no sul do Brasil.

### 3.2 A expansão missionária jesuítica no litoral catarinense (Séculos XVI e XVII)<sup>38</sup>

Os jesuítas desembarcaram no Brasil em 1549, em um grupo de seis religiosos<sup>39</sup> liderado por Manuel de Nóbrega, acompanhando a comitiva de Tomé de Souza, que veio para a colônia como primeiro Governador Geral, função criada pela Coroa portuguesa após a falência do

<sup>38</sup> Este item possui alguns elementos presentes em um artigo que escrevi com meu orientador em 2018 (NUNES & SCHMITZ, 2018a, p. 650-659).

<sup>39</sup> O grupo era composto pelos padres Manuel de Nóbrega, Leonardo Nunes, Antônio Pires, João de Azpilcueta Navarro, e os irmãos Vicente Rodrigues e Diogo Jácome (PEDRO, 2008, p. 21).

sistema de Capitânicas Hereditárias. Nóbrega fez a distribuição desses padres entre as diferentes capitânicas, e o trabalho na porção sul do Brasil foi delegado ao padre Leonardo Nunes, que se estabeleceu em São Vicente, litoral paulista, vindo para a região junto com a armada de reconhecimento do litoral brasileiro, de Pero Góis. (FRANZEN, 1999, p. 48; 2003, p. 11).

A região ao sul de São Paulo era ainda muito pouco conhecida nessa época e considerada como “terra de ninguém”, e São Vicente era o limite meridional da colonização portuguesa. A porção sul do Brasil só começou a ganhar importância após a instalação da Colônia do Sacramento, em 1680, e a construção do Forte Jesus, Maria, José de Rio Grande (que daria origem a atual cidade de Rio Grande) em 1737, que podem ser encarados como postos avançados de caráter militar, feitos com a intenção de parar o avanço espanhol na região e garantir o domínio da área pelos portugueses. Por esse motivo, a documentação relativa ao período é bastante escassa, e limitada, geralmente, aos relatos deixados pelos inicianos sobre sua expansão missionária dos jesuítas no final do século XVI e início do XVII. (FRANZEN, 1997, p. 31-33).

Chegando em São Vicente, o padre Leonardo Nunes iniciou os trabalhos pastorais e missionários na área, fundando um colégio para brancos e indígenas. Usando São Vicente como base, o iniciano avançou, paulatinamente, para áreas mais afastadas do sertão, ainda desconhecidas. A região tinha clima mais ameno, semelhante ao europeu, e enorme quantidade de nativos “dóceis”, o que incentivou Leonardo e seus companheiros a aprofundar o trabalho missionário. A pequena quantidade de padres, e os poucos recursos materiais iniciais, porém, dificultavam a tarefa. (FRANZEN, 1999, p. 48).

Com a chegada do padre Manuel de Nóbrega à São Vicente, em 1553, houve um aumento da atividade dos jesuítas, e a visita periódica a regiões do interior se tornou mais comum, não só para a catequese dos nativos, mas para a assistência espiritual aos portugueses que se estabeleciam no sertão. Essa expansão seria acompanhada pela fundação do colégio de São Paulo de Piratininga, nos campos de Piratininga, que se tornou uma base para o trabalho dos inicianos, e o polo ao redor do qual se fundou a Vila de São Paulo, que cresceria até se tornar a atual metrópole brasileira. (FRANZEN, 1999, p. 50, 55).

Com o avanço para o sertão da capitania de São Vicente, os padres começaram a receber uma série de informações sobre a abundância de indígenas esperando para conversão e assistência espiritual no interior do continente. Por considerarem esses nativos mais fáceis de catequizar, os jesuítas demonstraram interesse em aprofundar sua atividade missionária no continente, e abrir uma frente missionária em direção ao Paraguai. Este projeto, porém, foi proibido pelas autoridades metropolitanas e coloniais (segundo FRANZEN, 1999, p. 134), por

três motivos principais: primeiro, a questão político-geográfica (tendo em vista os constantes conflitos pela definição das fronteiras entre as possessões hispânicas e portuguesas, que não eram claras, especialmente no interior do continente), depois, a questão do número diminuto de padres jesuítas na colônia (sendo a Companhia de Jesus ainda incapaz de formar padres na velocidade em que a demanda crescia, o avanço dos inacianos para o sertão deixaria a capitania de São Vicente praticamente desassistida no âmbito espiritual), e, por fim, o risco de abandono das vilas pelos europeus (caso uma nova frente de colonização para o interior fosse aberta). Visto os boatos constantes que circulavam no litoral, sobre a existência de grande quantidade de riquezas no Paraguai (alimentadas, por exemplo, pela viagem a esta região por Alvar Núñez Cabeza de Vaca, pelo Peabiru, um caminho indígena), e do fascínio que estes causavam na população, as autoridades temiam que o avanço missionário para essa região motivasse o êxodo da população em busca de enriquecimento fácil, o que despovoaria a costa, que, à época, ainda tinha uma quantidade pequena de moradores. Isso deixaria este espaço vulnerável aos ataques de outras nações como a França, que faziam incursões periódicas em busca de matérias-primas e tentavam de fundar colônias, o que dificultaria a defesa pela Coroa Portuguesa. Aliado ao tamanho geográfico desconhecido até o Paraguai e aos perigos que poderiam ser encontrados na região (como tribos indígenas hostis e animais agressivos), a expansão missionária dos inacianos para o Paraguai foi repetidamente proibida, tanto pelas Coroas ibéricas, quanto pelas autoridades locais. (FRANZEN, 1999, p. 72-75).

Nesse período, o padre Leonardo Nunes foi incumbido de resgatar um grupo de mulheres espanholas que haviam naufragado na costa catarinense em 1552, e esta viagem foi importante para desenvolver o desejo de aprofundar a missão nos locais mais ao sul de São Vicente. Em 1596, os padres Agostinho de Matos e Custódio Pires foram até Laguna para a devolução de indígenas que haviam sido capturados indevidamente pelo capitão de um navio de São Vicente. A cordial recepção que receberam dos indígenas de Laguna alimentou ainda mais o desejo supracitado. (FRANZEN, 1999, p. 55-58, RUSCHEL, 1988, p. 73).

As informações que vieram junto com esses avanços iniciais ao litoral meridional, de que frades franciscanos haviam percorrido o litoral catarinense em décadas anteriores<sup>40</sup>, deixando muitos indígenas cristianizados desassistidos, e da grande quantidade de nativos mais

---

<sup>40</sup> Os Freis eram Bernardo de Armenta e Alonso Le Breton, que chegaram à região em 1538 com a expedição de Alonso Cabrera, que atracou na costa de Santa Catarina para reparar avarias na nau em que viajavam. Essa viagem estava inserida dentro dos interesses da Coroa Hispânica para parar o avanço português em direção ao sul do Brasil, que estava empurrando a fronteira de Tordesilhas. Esses franciscanos viajaram com Cabeza de Vaca até o Paraguai e, na volta, resolveram se fixar em Laguna, para a evangelização dos indígenas. A morte do frei Bernardo, em 1547, e a captura do frei Alonso por piratas, em 1548, deixou os indígenas com os quais tinham contato desassistidos nos ritos cristãos. (FRANZEN, 1999, p. 44-45, RUSCHEL, 1988, p. 71).

“dóceis”, motivou o interesse no envio de inacianos para estabelecer aldeias ali. Aliado a isso, a criação da Prelazia do Rio de Janeiro, em 1576, que definia o Rio da Prata como limite sul, deu o suporte legal para o avanço dos inacianos para o sul de São Vicente, e criou a intenção de unir essa frente missionária com a dos jesuítas espanhóis que avançavam pelo sertão da América, até o Guairá. (FRANZEN, 1999, p. 55).

A partir de 1605, uma série de expedições foi levada à cabo pelos padres da Companhia sediados em São Vicente, que palmilharam, paulatinamente, o litoral catarinense (e um pouco além), fundando missões entre os Carijó, que eram parentes dos Guarani, considerados pelos inacianos como mais abertos à cristianização (FRANZEN, 1999, p. 58-67):

- **1605-1607** – Os padres Jerônimo Rodrigues e Joao Lobato fundaram a Residência de Embitiba (atual Imbituba), e foram até a região da atual Laguna, Santa Catarina. Seu trabalho gerou a relação de Jerônimo Rodrigues, que será debatida mais abaixo;
- **1609** – Os padres Afonso Gago e João de Almeida penetraram no interior da região, mas as lutas entre as tribos indígenas impediram o estabelecimento de uma missão mais duradoura. Mesmo assim, eles retornaram para São Paulo com mais de 1500 índios cristianizados, fundando a aldeia de Barueri;
- **1617-1619** – Os padres Joao Fernandes Gato e João de Almeida foram além de Santa Catarina, alcançando o Rio Grande do Sul. Eles teriam feito contato com indígenas na região ao sul de Tramandaí. Uma disputa com população de São Vicente e Rio de Janeiro impediu que os inacianos levassem milhares de nativos cristianizados para o sudeste em seu retorno;
- **1622** – Foi feita uma missão com mais padres, visando um aprofundamento no sertão sulista. Houve a tentativa de fundação da chamada Aldeia do Caibi, no Rio Grande do Sul, com o padre Antônio Araújo sendo o superior;
- **1628** – Os padres Francisco Carneiro e Manuel Pacheco são enviados em socorro à missão anterior. Com a hostilidade dos indígenas e dos escravistas que circulavam pela região, os inacianos retornaram ao Rio de Janeiro sem concretizar a intenção original;
- **1635** – Os padres Inácio de Sequeira e Francisco de Moraes avançam novamente para Laguna, em uma expedição patrocinada pelo governador do Rio de Janeiro, sob ordens da Coroa. Seu trabalho missionário gerou a relação de Inácio de Sequeira, que será debatida mais abaixo;

- **1637** – Por fim, os padres Francisco de Moraes e Francisco Banha seguem para a região, e conseguiram reunir uma quantidade de indígenas, mas os tiveram roubados pelos escravagistas no retorno para o sudeste.

Após essa missão de 1637, os jesuítas portugueses não fizeram mais avanços ao litoral sul-brasileiro por algum tempo, especialmente por causa do aumento dos atritos da Ordem com os colonos e autoridades locais, que, muitas vezes, davam suporte e acobertavam a ação dos escravagistas que atacavam o litoral sul em busca de nativos para escravização. Os mercadores de escravos teriam sido os primeiros europeus a explorar a região, em busca de braços para as lavouras no Sudeste, e esse avanço entrará em choque com o trabalho dos Jesuítas, especialmente pela captura dos indígenas reduzidos pelos padres, seja em Santa Catarina ou quando eles retornavam com grupos de nativos cristianizados para viver próximos aos brancos em aldeias, no Sudeste (como a aldeia de Barueri supracitada). O aumento das tensões causaria a expulsão dos inicianos da capitania de São Vicente, em 1640. (FRANZEN, 1999, p.68-69).

### 3.3 O sistema jesuítico de aldeamento e as Relações dos padres Jerônimo Rodrigues e Inácio de Sequeira

Com a ampliação da atividade dos jesuítas em direção ao litoral Sul (especialmente em Laguna), houve a afirmação de um método missionário que seria característico da Ordem na América, as aldeias de redução. Como a maioria dos indígenas da região era seminômade, as incursões temporárias dos inicianos entre os nativos tinham pouco efeito, visto que, logo após a administração dos primeiros sacramentos e de alguns elementos da doutrina cristã, estes retornavam às suas crenças originárias e aos costumes considerados bárbaros (como o canibalismo e a guerra). Por isso, os aldeamentos<sup>41</sup> foram pensados como forma de diminuir o nomadismo indígena, e facilitar o trabalho mais focado e intenso dos inicianos, para formar verdadeiros cristãos, o que passava, necessariamente, pela alteração do sistema econômico-social dos nativos. (LEITE, 1938, p. 42-43).

As aldeias desse tipo já haviam sido recomendadas por D. João III no Regimento entregue a Tomé de Souza, primeiro governador geral da colônia brasileira, mas eram baseadas na proximidade com os brancos, para promover a convivência dos nativos com os europeus cristãos, que lhes serviriam como exemplo. Assim, Franzen (1999, p. 154) apontou dois tipos

---

<sup>41</sup> Serafim Leite os define como a “modalidade mais eficaz e original de colonização cristã no Brasil, primeira semente das célebres reduções”. (LEITE, 1938, p. 45).

de aldeamento desenvolvidos pelos jesuítas: os afastados, em locais como Laguna, onde havia a redução de indígenas, a administração dos primeiros sacramentos como batismo e comunhão, e a preparação para uma vida cristã; e os aldeamentos localizados no Sudeste, próximos a São Vicente e Rio de Janeiro, onde os nativos eram instalados para ficar perto aos portugueses, e teriam, no exemplo dos brancos, o modelo para assumir um espírito cristão.

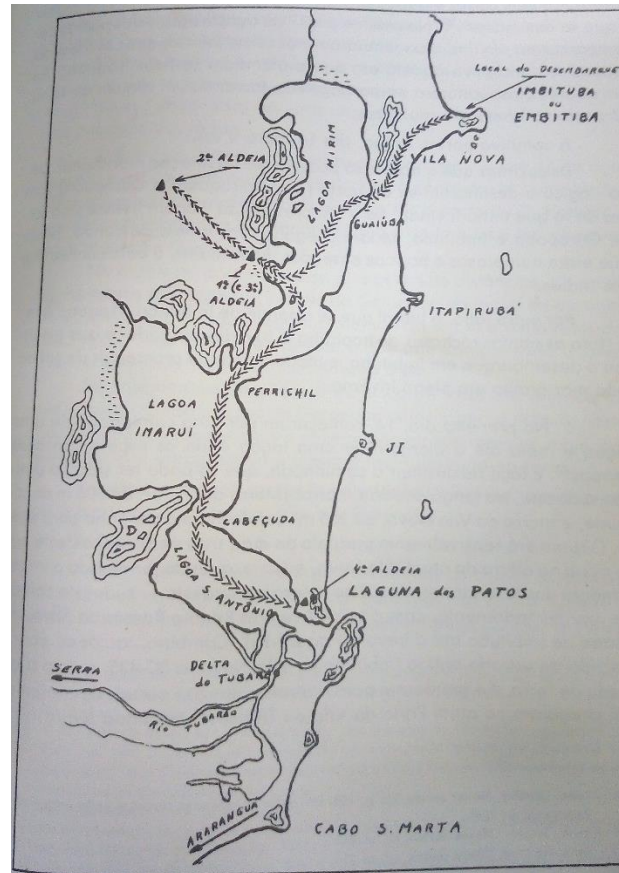
Essas aldeias eram consideradas, pelos inacianos e autoridades, como um local para a civilização e europeização dos nativos, com a proibição constante de todos os traços culturais considerados selvagens pelos portugueses (como a antropofagia e as bebedeiras rituais), que impediriam a absorção de modos cristãos e mesmo a vida coletiva próximo aos europeus. (FRANZEN, 1999, p. 148). As dificuldades de instalação delas, e as conexões que suscitaram com os colonos e autoridades serão discutidos no Capítulo 4.

Antes de avançar para a descrição dos textos dos padres jesuítas que missionaram nesse período, que serão aqui utilizados, um comentário deve ser feito sobre a localização geográfica de Santa Catarina em que os inacianos atuaram nesse período, já que, como bem apontou Ruy Ruben Ruschel (1988, p. 48), “eventos históricos não devem prescindir de seu fator espacial. A localização das sedes e das bases de operações das Missões Jesuíticas aperfeiçoa o conhecimento acerca das circunstâncias de sua atuação, elas casuais e efeitos decorrentes”. A definição exata dos locais de desembarque e missão dos inacianos nesse período é difícil de ser feita, pela falta de dados geográficos confiáveis do período, e podemos, inicialmente, apenas nos basear nos relatos deixados pelos padres da Companhia.

Usando como base a Relação de Jerônimo Rodrigues, e cartas geográficas do exército, Ruy Ruben Ruschel (1988, p. 47-84) calculou o deslocamento médio que os viajantes poderiam ter percorrido em cada dia, e, utilizando as informações geográficas apresentadas no texto, comparou esses dados com os mapas atuais para a região, com pontos de referência como montanhas, que podiam corresponder àquelas descritas por Rodrigues. Assim, o autor definiu o local de construção da aldeia entre os Carijó como sendo o antigo centro histórico da cidade de Laguna, próximo da antiga igreja católica matriz (Figura 15).

Pela falta de outros estudos que tentem fazer esse exercício interpretativo, não encontrei elementos suficientes para refutar ou confirmar a hipótese de Ruschel. De qualquer forma, acredito que a atuação dos inacianos foi importante em toda a região descrita por ele, desde Embitiba até a foz de Laguna, reduzindo e afetando diretamente os Carijó de todo esse espaço.

**Figura 15** – Itinerário de Imbituba até a aldeia dos Patos



Fonte: RUSCHEL, 1988, p. 65.

Legenda: Caminho hipotético que teria sido percorrido pelos padres Jerônimo Rodrigues e Joao Lobato, desde o desembarque em Imbituba até o local onde fundaram a aldeia entre os Carijó, em 1605.

Assim, houve o avanço dos padres da Companhia para o litoral Sul de forma mais intensa a partir de 1605 para a instituição das primeiras aldeias. Desse trabalho, se conservaram dois textos importantes: as Relações dos padres Jerônimo Rodrigues e de Inácio de Sequeira. A primeira é fruto da aldeia pioneira feita em Laguna pelos inacianos de São Vicente, entre 1605 e 1607; e a segunda advém da missão de 1635, três décadas depois. Ambas as missivas apresentam grande riqueza de informações sobre o modo de vida e cultura dos indígenas, e da forma como o trabalho missionário foi desenvolvido, além do impacto ocorrido em 30 anos de contatos. (NUNES & SCHMITZ, 2017a, 2018a).

Esses escritos apresentam, porém, algumas diferenças. O texto de Jerônimo Rodrigues expõe o início do processo missionário inaciano entre os Carijó, e embora o avanço dos escravagistas já fosse perceptível, o modo de vida desses indígenas ainda estava suficientemente preservado para a observação de traços culturais do cotidiano, desde a forma de construção das habitações até a alimentação. Já o relato de Inácio de Sequeira, escrito trinta

anos depois, já demonstra o impacto profundo dos contatos sobre os indígenas, como o despovoamento causado pelos ataques dos escravagistas, e as doenças que ceifaram aldeias inteiras. Além disso, há uma preocupação menor em descrever elementos do cotidiano como as habitações, e um foco maior em xamanismo, lideranças e antropofagia.

O relato de Sequeira apresenta, porém, algumas dificuldades de trabalho. Ele foi um sertanista que missionou em vários locais do Brasil, e isso moldou sua visão sobre os grupos indígenas. Por isso, como destaca Leite (1945, p. 495), em diversos momentos é difícil separar, no texto de Sequeira, o que é verdadeiramente descrição do modo de vida dos Carijós, e o que pertence a outros povos que ele teve contato. Um exemplo disso é a descrição de rituais antropofágicos, que não encontra ressonância em outros textos da época, e, como George Thomas destacou, o canibalismo talvez não fosse conhecido pelos Carijó e Guaianás no Sul. (THOMAS, 1981, p. 15).

Por este motivo, esse relato deve ser lido com cuidado, e, para reduzir os riscos, utilizei, aqui, somente os trechos que permitissem o complemento das informações encontradas em Jerônimo Rodrigues, não inserindo os trechos problemáticos. Assim utilizada, a relação de Sequeira oferece riqueza de detalhes úteis para se pensar o padrão de assentamento Carijó no início do XVII, um período permeado por muitas mudanças e desestruturação social do grupo. (NUNES & SCHMITZ, 2017a).

Quanto aos agentes citados nesse processo missionário, Jerônimo Rodrigues, nascido em 1552 em Lamego, Portugal, era filho dos nobres Gonçalo do Vale e Margarida Fernandes<sup>42</sup>, entrando na Companhia em 1572, aos 20 anos de idade. Foi enviado ao Brasil em 1575, realizando os votos finais em 1594, na Vila de Vitória, Espírito Santo, recebidos do Pe. José de Anchieta. Se dedicou ao trabalho com os indígenas, tendo aprendido a língua deles (provavelmente o Tupi). Era tido como um homem ameno e que buscava o correto seguimento dos ritos religiosos. Foi o responsável pela escrita da relação supracitada que leva seu nome, falecendo em 1561 no Espírito Santo. (LEITE, 1949a, p. 86-87).

Seu companheiro nessa missão, João Lobato, nasceu por volta de 1546 em Lisboa, tendo entrado para a Companhia em 1563 e feito os votos finais em 1586 no Rio de Janeiro. Foi um grande missionário e sertanista, trabalhando com os Carijó e os Goitacazes, sendo considerado santo ainda em vida, e tendo penetrado no sertão da colônia pelo menos sete vezes. Faleceu em 1629, no Espírito Santo. (LEITE, 1949, p. 318-319).

---

<sup>42</sup> A definição dos genitores só foi possível no caso de Jerônimo Rodrigues e Francisco de Moraes, não sendo encontrado esse dado para Joao Lobato e Inácio de Sequeira.



Inácio de Sequeira nasceu em Resende, Portugal, em 1581. Entrou para a Ordem na Bahia, em 1598, realizando os votos finais no Rio de Janeiro em 1626. Mestre em Humanidades, Sequeira foi superior de Ilhéus, Vice-Reitor e Procurador do Colégio do Rio de Janeiro. Seu conhecimento da língua geral<sup>43</sup> facilitou suas incursões ao sertão, que lhe renderam a fama de grande sertanista. Ele tentou o avanço para a Serra das Esmeraldas, em Minas Gerais, e conseguiu penetrar no Sertão dos Goitacazes, grupo indígena que “pacificou”. Também avançou para o sul, em 1635, missionando entre os Carijó, e escrevendo a relação que leva seu nome, citada anteriormente. (LEITE, 1949a, p. 121-122).

O companheiro de Sequeira nessa última missão foi Francisco de Moraes, que nasceu em São Paulo por volta de 1601, sendo filho de Fernão Dias Pais e Catarina Camacho. Ele ingressou na Ordem em 1621, na Bahia, prestando os votos finais em 1639, no Rio de Janeiro. Conhecia muito bem a língua Tupi, e foi reconhecido como um grande sertanista, indo até o Carijó, no Sul, e aos Gesseraçus, na região do rio Paraíba do Sul. Foi colega de estudos de Antônio Vieira, relação que foi mantida no desejo de Vieira de que Moraes fosse trabalhar no Maranhão e Pará. Esteve ainda na guerra de Pernambuco e trabalhou em diversas aldeias, sendo designado, em 1662, como Reitor do Colégio de São Paulo, onde faleceu em 1681. (LEITE, 1949, p. 381-382).

Esses quatro padres foram os que guiaram as atividades missionárias entre os Carijó nos relatos que serão abaixo abordados. Para ler os textos de forma mais clara, e conseguir extrair informações que permitissem uma analogia com o registro arqueológico do Alto Vale do Sinos, me utilizei do conceito de Laurence Bardin (2016, p. 125-132) de palavras indutoras, definindo alguns termos que me permitiram mapear os textos em busca de dados para compreender melhor o modo de vida dos Carijó do litoral catarinense à época dos primeiros contatos com os europeus. Os termos utilizados foram: Da construção das habitações, das aldeias, dos cultivares, da forma de cultivar, do modo de preparo de alimentos, das pragas, das chefias, da queda demográfica. Esses conceitos unidos permitiram retirar dos escritos inacianos o máximo de informações sobre os costumes dos Carijó, e construir inferências para fazer associações com o Guarani no Alto Vale do Sinos. Dessa forma,

Estes dados, assim recuperados, permitem uma melhor compreensão dos artefatos, estruturas e outras informações recuperadas no contexto da ocupação pré-histórica, possibilitando a formulação de hipóteses de trabalho e auxiliando a compreensão da

---

<sup>43</sup> Serafim Leite (1949a, p. 121) a denomina “língua brasílica”.

dinâmica do sítio arqueológico, ou seja, da sua instalação, de seu funcionamento e do seu abandono por parte das populações que o construiu. (LAVINA, 1999, p. 31).

Com todas essas considerações feitas, é possível seguir para a descrição dos trechos dos Relatos de Jerônimo Rodrigues e Inácio de Sequeira que me permitiram compreender de forma mais clara como viviam os Carijó contatados e reduzidos pelas missões dos inacianos no início do XVII.

### 3.4 O modo de vida do Carijó histórico<sup>44</sup>

#### 3.4.1 Da construção das habitações

Dos elementos que, tradicionalmente, são registrados em sítios arqueológicos a céu aberto no território brasileiro, raramente são encontrados restos das habitações, como madeira, palha ou pedra. As ocorrências são esparsas, e, geralmente, se resumem a manchas de terra escurecida, que marcariam o espaço que teria sido ocupado pelas casas dos nativos, como registrado nos sítios do Alto Vale do Sinos descritos no capítulo anterior. Atualmente, com a mecanização da agricultura, até esses elementos são dificilmente encontrados, o que limita o conhecimento das formas de assentamentos dos indígenas.

Quando me voltei para o relato de Jerônimo Rodrigues, foi possível perceber como o Carijó construía suas habitações, e do porquê há dificuldades de preservação desses dados no contexto arqueológico:

As casas dos índios, como não haja terra [para revestir a armação de madeira para transformá-la em taipa], são todas de jeçara [juçara = uma palmeira] a pique. [...] E assim dizíamos muitas vezes missa com a porta fechada, e comíamos sem abrir a porta, vendo da mesa quantos passavam e o mesmo nos viam de fora. E como os ventos cá são grandíssimos de dia nem noite estávamos sem ele. (LEITE, 1940, p. 237).

Esse trecho aponta para a construção relativamente frágil das habitações, que não eram feitas para se conservarem por longos períodos. Esse material, facilmente encontrado no mato circundante aos assentamentos, tornaria a edificação das casas mais fácil e rápida, fornecendo

---

<sup>44</sup> Este item possui alguns elementos presentes em um artigo que escrevi com meu orientador em 2017 (NUNES & SCHMITZ, 2017a, p. 884-896).

uma proteção mais básica das intempéries. Em se tratando de um povo extremamente móvel como o Guarani, que se deslocava constantemente em territórios amplos para obter recursos, seria dispendioso demais, e mesmo desnecessário, a edificação de habitações com materiais mais resistentes e que permitissem a ocupação mais duradoura, pois o tempo de permanência curto tornaria a tarefa inútil. Pensando no contexto do Alto Vale do Sinos, essa referência apontaria para a forma como as habitações seriam edificadas, já que o mesmo tipo de palmeira está presente nas florestas da Bacia, podendo ser facilmente manejada pelos indígenas da região.

### 3.4.2 Das aldeias

Essas habitações estavam inseridas em aldeias, que são melhor descritas no texto de Jerônimo Rodrigues do que no de Sequeira. No trecho abaixo é possível perceber não só a forma de estabelecimento das aldeias, mas, também, um pouco da organização social do Carijó:

E assim nos metemos na primeira casa da primeira aldeia, que segunda nem terceira e outra alguma tinha. E assim são cá todas as aldeias, de maneira que, a uma casa, chamam uma aldeia. E esta não tinha dentro em si mais de três moradores, ou para melhor dizer três casais com três ou quatro filhos. [...] O pai do inocente Fernando, que é o senhor daquela [outra] aldeia, não havendo nela mais que ele e um seu genro, nos mandou convidar por uma, de quatro mulheres que tem, com obra de um punhado de farinha, e uns pequenos feijões [...] E nos fomos à quarta aldeia, que tinha duas casinhas, com alguns 9 ou 10 moradores [umas 40 a 50 pessoas, visto que, em geral, só se registrava o cabeça da casa]. E nesta fizemos nossa morada e igreja, por ser maior, e haver nela alguns cristãos antigos, que uns Frades, a quem Deus perdoe, haverá 50 anos pouco mais ou menos fizeram Cristãos, deixando-os sem doutrina, em seus vícios e desventuras. E todos [os moradores] estavam amancebados e cheios de filhos, com diversas mulheres. (Leite, 1940: 216). (LEITE, 1940, p. 216-218).

Com essas informações, fica claro que a densidade populacional desse grupo à época não era alta, e os nativos estariam espalhados pelo território em pequenas aldeias, o que facilitaria na mobilidade e na coleta de recursos. Isso se encaixa com o registro arqueológico encontrado no Alto Vale do Sinos, onde os sítios apresentam poucas manchas de terra escura, como se verá no capítulo seguinte.

Está presente, ainda, a referência à presença de frades franciscanos na área em anos anteriores, que, como visto anteriormente, eram Bernardo de Armenta e Alonso Lebrón, que

cristianizaram Carijó na região, mas não deram seguimento ao trabalho pela sua morte e desaparecimento.

### 3.4.3 Dos cultivares

Sobre a alimentação dos indígenas (e, no período de permanência das missões, dos padres), tanto Rodrigues quanto Sequeira descreveram os cultivares efetuados pelos Carijó. Algo interessante, no relato de Rodrigues, é a referência a todo o ciclo anual de plantio e consumo de alimentos:

Os índios [de Imbituba] neste tempo comiam gesaras [palmito?] com peixe e mexilhões. E o que tinha algumas folhas de mandiiba [mandioca], e alguns olhinhos de abóbora tinha que comer [...] Tem o ano repartido em quatro partes, scilicet três meses comem milho [fim da primavera e começo do verão], outros três favas e aboboras [alto verão], outros três alguma mandioca [outono], outros três [inverno] comem farinha de uma certa palmeirinha, que é assaz de fome e miséria (LEITE, 1940, p. 219-220, 230).

O relato de Sequeira reitera esses dados, ao registrar que “o que dá aos naturais é mandioca, feijões em grande cópia, milho, batatas, abóboras sem número e de estranha grandeza” (LEITE, 1945, p. 496). Após, sobre o consumo de palmito, ele aponta

[...] levávamos a palma a todos os manjares do mundo, porque tôdas nossas iguarias são palmitos, que são os olhos das palmeiras. E como tais os têm elas tão guardados e vestidos de túnicas, que o primeiro que se lhe chegue à camisa interior, que é a que se lhe come, sua o corpo a que traz vestida, com um machado nas mãos. Ainda que depois desta dureza, se desfazem todos em iguarias, por que, cozidos com a carne, ficam nabos e couves, com o peixe ficam salsa, moídos e torrados são biscoito; e desfeitos em farinha ficam pão; comidos só no talo são regalo de toda fruta; e, temperados com a fome, sabem a tudo (LEITE, 1945, p. 497).

Com esses trechos, é possível perceber como a dieta do Carijó era manejada ao longo de todo o ano, e da variedade de plantas a que tinham acesso. Aliado ao plantio, se percebe como o extrativismo de elementos como o palmito complementava a dieta, especialmente nos momentos de escassez dos cultivos.

#### 3.4.4 Da forma de cultivar

A agricultura é um dos traços básicos da cultura guarani, e o texto de Rodrigues nos dá indicativos sobre como o Carijó a realizava:

[...] E como as árvores são pequenas e pau mole, facilmente fazem sua roça, a qual, acabante de a queimarem, logo prantam, sem fazerem coibara nem fazem covas para a mandiiba [mandioca]; mas com o *cabo de cunha* [grifo nosso] com que derribaram a roça, fazem um buraquinho no chão e ali metem o pau de mandiiba; e muitas vezes sem lhe fazerem buraco (LEITE, 1940, p. 230).

Aqui fica indicado o corte do mato para o plantio direto, semelhante às coivaras, mas, aparentemente, não colocavam fogo no terreno. A referência a uma “cunha” para a derrubada do mato e para abrir um pequeno buraco para o plantio das ramas de mandioca, parece indicar o uso de ferramentas de pedra para o cultivo (já que, à época desses contatos iniciais, dificilmente as ferramentas em metal estivessem presentes em profusão na área), como os machados e talhadores muito comuns na cultura Guarani, e que são encontrados no Alto Vale do Sinos.

#### 3.4.5 Do modo de preparo dos alimentos

Após o plantio, é interessante mapear como os alimentos eram consumidos. Além das referências presentes nas citações anteriores, há, ainda, um importante dado fornecido pelo texto de Rodrigues, que marca como o Carijó consumia a mandioca:

Não comem farinha relada, nem tem espremedores, nem tatapecoabas [abano de fogo], nem o sabem fazer. A mandioca, depois de estar podre, trazem-na da roça. E fazendo uma nova cova na areia, do tamanho de meio barril, fora de casa, põe-lhe umas folhas debaixo e ali a botam; e toda a que cai na areia com a mesma areia a botam com a outra; e quando cansam põem o pilão na areia; tornando a socar leva uma boa quantidade de areia, com outras sujidades que não são pera escrever; e, coberta com umas folhas e com areia a deixam daquela maneira, e pouco a pouco a vão tirando; e, pisando-a em um pilão a desfazem e põem em uma urupema [peneira] ao sol e depois a cozem, mal cozida, e às vezes depois de cozida, vem pedaços tamanhos como a cabeça dum dedo, crus, que parecem minicurueras [raspa grossa] e com tanta

areia, que se não fosse a necessidade, ou se houvera outra, ainda que não tão boa, se não comera. (LEITE, 1940, p. 233).

Nesse trecho se percebe que os indígenas armazenavam a mandioca retirada da roça em uma espécie de silo feito no chão e coberto por folhas, para ser utilizada gradualmente, sem necessitar de outros recipientes para depositar a raiz. A própria descrição da forma como utilizavam a planta indica o processo de produção da mandioca puba, uma massa de mandioca gerada pela fermentação da mandioca em água, para ser cozida posteriormente. O mesmo processo é indicado em um texto do padre Anchieta, que utilizo aqui para complementar o dado trazido por Rodrigues:

O principal mantimento desta terra é uma farinha de pau, que se faz de certas raízes, que chamam mandioca, as quais são plantadas e lavradas a este fim, e se se comem cruas ou assadas ou cozidas, matam, porque é necessário deixá-las em água até que apodreçam, e depois de apodrecidas se fazem em farinha: este é o principal mantimento, com alguns legumes e folhas de mostarda. (ANCHIETA, 1988: 136-137)<sup>45</sup>.

Essa forma de consumo não torna necessário o uso dos torradores de base plana típicos da tradição Tupi, pois não há a produção do beiju e da farinha de mandioca, sendo preferível o uso de recipientes cerâmicos arredondados e com base convexa ou cônica para o cozimento, como os encontrados no Alto Vale do Sinos e em toda a Subtradição Corrugada Guarani da região sul do Brasil, o que me indica que o modo de utilização dessa raiz na Bacia devia ser o mesmo, ou muito semelhante.

Sobre a utilização de outros artefatos além da cerâmica para o armazenamento e consumo de alimentos, se encontra uma referência no texto de Rodrigues: “Todas suas riquezas e felicidade é terem muitos cabaços e muitas cuias, e assim entrar em suas casas é entrar em uma tenda, mas de cabaços” (LEITE, 1940: 239). Detalhe mais interessante foi encontrado no relato de Sequeira, logo após a citação das grandes abóboras que os Carijó plantavam:

[...] e estas são as maiores delícias dos Carijós, por que não somente as estimam por tais para seu mantimento, mas o que mais prezam são os cascos de certa casta delas, de que fazem suas vasilhas, em que recolhem, bem como em pipas e tonéis, seu mantimento, e, como em caixas bem lavradas, todas suas alfaias. E estes vasos têm

---

<sup>45</sup> A referência à farinha, aqui, se dá pela consistência da mandioca, que após deixada em água para apodrecer por alguns dias, se esfarinha, facilitando o consumo.

em tanta estima, que ao tempo que se embarcam [para a viagem para o Rio de Janeiro, quando do retorno da missão de 1635 para o sudeste para fundar uma aldeia indígena], para se despedirem de sua pátria, estes são os grilhões, que mais os prendem e detêm, e antes deixarão um filho em terra que uma peça destas (LEITE, 1945, p. 496).

Esse uso das cascas das abóboras, cabaças e porongos como vasilhas demonstra o emprego de elementos vegetais para o trabalho diário, e explica a falta de conservação de muitos artefatos no registro arqueológico, visto que esse tipo de material se deteriora rapidamente no solo ácido brasileiro. Por fim, a indicação da relação próxima que os Carijó desenvolviam com esses utensílios demonstra a ligação única que os indígenas possuem com o meio circundante, considerando os seus bens como seres vivos que são integrantes do grupo, como está considerado no perspectivismo indígena de Viveiros de Castro e em Mariana Neumann (NEUMANN, 2014).

#### 3.4.6 Das pragas

Há diversas referências, especialmente no texto de Rodrigues, sobre o cotidiano dos Carijó e dos próprios padres durante o tempo de missão. Há muitas citações sobre o frio e vento intensos que assolavam as aldeias no inverno, mas, dos empecilhos do cotidiano, o que mais chama atenção são as pragas domésticas:

Há nesta terra grandíssimo número de imundícies, scilicet, bichos dos pés e muito mais pequenos que os de lá, de que todos andam cheios. E alguns meninos trazem os dedinhos das mãos, que é uma piedade, sem haver quem lhos tire. [...] Pulgas não se pode crer, se se não experimentar, como nós experimentamos estes dous anos, assim no verão, como no inverno, porque grande parte do dia, se nos ia em matar pulgas. E elas foram a perdição de nossas camisas e ceroulas, que pareciam as pintas do sangue delas como pele de lixa [...]. Além desta, há outra praga de grilos que nos destruíram os vestidos e livros, e são tantos, que matando cada dia grandíssima multidão [...] Mas sobre tudo isto as baratas, que havia, não se pode crer, porque o altar, a mesa, a comida, e tudo, era cheio delas (LEITE, 1940, p. 237-238).

Esse trecho indica a dificuldade da permanência dos indígenas muito tempo em um mesmo local, e pode apontar para o porquê as casas eram sistematicamente abandonadas por eles, talvez em busca de maior salubridade. O registro arqueológico expõe o acúmulo de lixo (como panelas cerâmicas e artefatos líticos quebrados) dentro das habitações, o que, certamente,

contribuiria para a multiplicação dos insetos e outros animais indesejáveis, e dificultaria o cotidiano, exigindo medidas para sua diminuição, como a própria troca de casa.

### 3.4.7 Das chefias

Sobre a organização social dos Carijós, ambos os textos trazem diversas informações relevantes. No de Rodrigues existe uma certa ambiguidade ou confusão, porque, em alguns momentos, ele indica a presença de chefes para os receber nas aldeias que visitavam, e, em outro trecho, afirma que “principais, nenhum há entre estes Carijós dos Patos” (LEITE, 1940, p. 218-9). Mais adiante no relato, Rodrigues expõe o encontro com o indígena Tubarão:

Este índio é o afamado Tubarão, o qual não é o principal, nem tem gente, mas tem grande fama entre estes por ser feiticeiro e ter três ou quatro irmãos, todos, feiticeiros, e todos eles são grandíssimos tiranos e vendedores, e de quem os brancos fazem muito caso, porque estes lhes enchem os navios de peças (LEITE, 1940, p. 222).

O relato segue narrando a má recepção que Tubarão (que era aliado dos escravagistas, e os auxiliava fornecendo cativos) dispensou aos jesuítas, possivelmente por ser contrário aos métodos missionários destes. No texto de Sequeira um foco maior é dispensado às chefias, e ele descreve como estaria organizada a região em que missionavam:

[...] se há-de advertir que tôda esta província dos Carijós estava dividida em dois senhores idólatras, que a seu querer, a governavam. O primeiro é o *Anjo*, de que já falamos, que por outro nome se diz também *Ara Abaeté*, que quer dizer *Dia do Juízo*. O outro era um índio parente, mui chegado do mesmo Anjo, chamado *Moranaguaçu*, que quer dizer o *Grande Papagaio* [...] como na repartição das terras lhe coube a parte do Norte, que fica mais vizinha ao comércio dos Portugueses, com o trato destes lhe foi crescendo tanto o bico [ele é apelidado papagaio], que por seu meio estava já mui venerado e temido de seus vassallos e pouco afeiçoado aos Padres da Companhia, e por seu meio tiraram os mesmos Portugueses acima de cento e vinte mil Carijós. (LEITE, 1945, p. 508-509) [grifos no original].

Sobre o líder Papagaio e suas relações com os demais grupos da região, especialmente os Guaianás, Sequeira ainda aponta:



[...] enquanto o *Papagaio* teve junto a si muitas povoações e aldeias de sua gente, fazia algumas entradas, levando consigo bons guerreiros, nas terras dos *Guaianás* [populações da tradição cerâmica Taquara do planalto], e com ciladas que lhes armavam trazia alguns deles cativos, para conforme a sua brutal fereza matarem em terreiro, armando-se cavaleiros, e depois desta solenidade os comiam em ódio e vingança, por serem inimicíssimos seus. (LEITE, 1945, p. 509) [grifos no original].

Sobre o Tubarão citado por Rodrigues, há a seguinte referência no texto de Sequeira:

Entretanto, alguns moradores de São Vicente recados a seus compadres, como foram ao grande *Tubarão* e por outro nome “*Torvão*”, senhor das chuvas e tempestades, o qual se intitula senhor de todas aquelas terras e mais dos *Arachãs*, e terras dos castelhanos até Santa Catarina, grande feiticeiro, que diz que sabe as coisas antes que sucedam e que Deus lhas diz; e, assim, que Deus lhe dissera como nós havíamos de ir lá, mas que lhe não dissera havia de vir conosco. Faz-se também senhor do peixe, e ele manda de lá o que cá vem aos brancos. O mesmo foi ao *Conta-Larga* e ao *Papagaio* e ao *Grande Anjo (Caraibebe)*, outro grande principal de lá, do meio do sertão, grande feiticeiro; este, dizem eles que não nasceu de mulher. Dá filhos e o mais que lhe pedem. E assim o temem e obedecem a qualquer recadinho.” (LEITE, 1945, p. 478- 479) [grifos no original].

Há, ainda, a descrição de outro líder importante da região, que seria simpático aos inacianos:

E por este nome [Caraibebe: homem que voa] se nomeia este [...] Este não tem mais que uma só mulher, e estranha muito aos seus vassallos usarem de tão grande multidão que todos têm. Preza-se muito de ser amigo dos Padres da Companhia, e assim nos faz mercê de nos comunicar seu nome e chamar-nos *Anjos*. A intenção, que todos os Carijós têm, em oferecer estas primícias e virem dos fins de todo o Reino, a obedecer-lhe, não é outra mais senão por que ele os bafeje, porque tem em seu bafo tanto que firmemente creem que qualquer pessoa, que por ele for bafejada, leva para sua casa todas as boas fadas, e muitos anos de vida, além daqueles que ordinariamente houvera de viver. É tanto isto assim, que os Carijós Cristãos, que entre nós residem, se à sua pátria tornam, por nenhum caso perdem os perdões do bafo santo. (LEITE, 1945, p. 500-501) [grifo no original].

No relato de Sequeira (como demonstrado nas últimas citações) há um foco importante na descrição do caráter xamânico dos líderes Carijó (como a “bafejada” do Caraibebe, que eu,

de forma bastante superficial, conecto com os toques dos monarcas absolutistas europeus, que eram tidos como milagrosos, interligando o poder temporal com um contato com o divino), e uma descrição demorada sobre os diferentes tipos de feiticeiros que haveria entre eles, além da relação destes com forças sobrenaturais e com os demais indígenas do grupo:

Terceiro gênero de feiticeiros é daqueles que fazem crer ao povo que são filhos de Anjos e não têm Pai na terra. [...] o seu Príncipe, que os governa a todos, é um muito assinalado em profecias e por isso estranhamente obedecido e adorado. Reside nas ribeiras de um rio, chamado por excelência o Rio Grande [a Laguna ou a Lagoa dos Patos?]; aqui é venerado e visitado de toda a província e de todas as novidades que se colhem, se lhe oferecem as primícias como a um Melquisedé [um sacerdote citado na Bíblia cristã]. (LEITE, 1945, p. 500)

Haveria, dessa forma, a convergência dos papéis político e religioso nos líderes do Carijó, que Sequeira descreve a partir de uma ótica e moral cristãs, os definindo como idólatras, e associando-os constantemente a amigos do demônio. O que fica claro é a extensão da área de influência desses principais, que parecia ir até o sertão e a região do atual Rio Grande do Sul.

#### 3.4.8 Da queda demográfica

Por fim, comparando as descrições sobre a população Carijó dos relatos de Rodrigues, de 1607, e de Sequeira, de 1635, se percebe, claramente, uma queda demográfica significativa, que parece indicar o aprofundamento da desestruturação social causado pelos contatos com os europeus. Isso fica aparente na referência abaixo:

[...] Chegamos à Aldeia onde cuidávamos tínhamos a gente para carregar o navio, e na verdade estava mas era a peste do sarampão. Achamos só as sepulturas de muitos gentios e poucos deles vivos, e os mortos todos sem receberem água de Baptismo. [...] De feição que não achamos vivas mais que até 100 pessoas, as quais logo catequisamos e baptizamos, e considerando que se viéramos dois meses antes, pudéramos levar três navios carregados de almas, não havia sofrimento nem alívio, que nos mitigassem a grande dor que nos partia os corações (LEITE, 1945, p. 506).

Aqui, podem-se retirar informações significativas. A primeira é a indicação do “sarampão”, que aponta para a disseminação incontrolável de doenças dos europeus entre os indígenas, que, não tendo os anticorpos necessários para enfrenta-las, acabavam falecendo, e,

dessa forma, aldeias inteiras desapareceram. O segundo ponto é o avanço cada vez mais intenso dos escravagistas sobre a área, visando o abastecimento das fazendas do sudeste, que careciam de braços para o trabalho, especialmente por causa dos ataques cada vez mais intensos dos holandeses, que tomaram Pernambuco e colônias portuguesas na África, limitando a obtenção de escravizados africanos.

Embora a ação dos escravagistas já fosse percebida no relato de Rodrigues, na época de Sequeira parece ter se intensificado, dizimando boa parte da população Carijó, e diminuindo a possibilidade da continuidade do trabalho de redução dos inacianos na área. Assim, os relatos de 1605 e 1635 demonstram uma sociedade indígena sendo gradual e profundamente afetada pela ação lusitana, e em estado cada vez mais avançado de desestruturação.

#### 4 ARTEFATOS ARQUEOLÓGICOS E RELATOS JESUÍTICOS: EM BUSCA DE UM PADRÃO DE ASSENTAMENTO GUARANI NO ALTO VALE DO SINOS

Com a exposição dos elementos lito-cerâmicos dos sítios arqueológicos Guarani no Alto Vale do Sinos (realizada no Capítulo 2) e dos dados etno-históricos sobre os Carijó reunidas em relatos jesuíticos (realizado no Capítulo 3), é possível avançar para a junção dos dados dessas fontes distintas, tentando construir um modelo básico para a ocupação Guarani na área aqui enfocada.

##### 4.1. Os dados arqueológicos no Alto Vale do Sinos: uma comparação entre os sítios

Primeiramente, é preciso debater um pouco sobre os dados apresentados no Capítulo 2, e comparar os resultados para os acabamentos cerâmicos dos sítios, que estamos privilegiando em nossa pesquisa, seguindo o método histórico-culturalista. Analisando, primeiramente, a implantação dos assentamentos aqui enfocados, percebe-se um padrão muito semelhante. (Tabela 13).

**Tabela 13** – Comparação da implantação dos sítios no Alto Vale do Rio do Sinos.

Sítios	Implantação	Solo	Manchas	Água	Vegetação
RS-S-284	Chapada	Argiloso	Duas	Arroio	Florest. Estac. Semidecidual
RS-S-285	Elev. Pequena	Arenoso	Três	Rio	Florest. Estac. Semidecidual
RS-S-286	Morro	Argiloso	Uma	Arroio	Florest. Estac. Semidecidual
RS-S-287	Morro grande	Argiloso	Não consta	Rio	Florest. Estac. Semidecidual
RS-S-288	Elev. Pequena	Ar/argil.	Duas	Rio	Florest. Estac. Semidecidual
RS-S-289	Lombada	Argil.	Três	Rio	Florest. Estac. Semidecidual
RS-S-290	Várzea	Ar/argil.	Uma	Rio	Florest. Estac. Semidecidual

Adaptado de: NUNES & SCHMITZ, 2017.

Em primeiro lugar, se percebe que a instalação das aldeias foi feita sempre em pequenas elevações do terreno, que seriam mais secas, evitando as várzeas úmidas do Sinos. A única exceção é o sítio RS-S-290, que estava bem próximo ao rio, em uma área de varzeado. Como indicado anteriormente, todos os sítios estavam inseridos na área de Floresta Estacional Semidecidual, porém, teriam um acesso fácil às demais vegetações da Bacia. O solo variou

entre arenoso e argiloso, e todos os assentamentos estavam próximos a fontes de água, seja o Rio dos Sinos, ou afluentes e córregos menores, garantindo bom abastecimento dos meios básicos de sobrevivência. Cabe ressaltar que todos estavam a uma distância relativamente curta do Sinos, o que indica a ligação forte com este que era, certamente, um meio fundamental para obtenção de recursos e de mobilidade. O sítio RS-S-290, supracitado, ainda estava situado ao lado de uma cascalheira no rio, como indicado no croqui desenhado por Eurico Miller, o que aponta para a instalação de aldeias próximo a uma fonte importante de recursos, a saber, seixos para fazer ferramentas através do lascamento (Anexo 2, p. 139).

Quanto às manchas de terra escura, que indicam o local das habitações, elas variaram de uma a três nos assentamentos estudados, sugerindo populações relativamente pequenas, provavelmente formadas por pequenas comunidades unidas por laços de parentesco, como está apontado na bibliografia arqueológica sobre o Guarani. (SCHMITZ, 2006, DIAS, 2003, NOELLI, 1993, dentre outros).

Passando para a análise da cerâmica desses assentamentos, construí uma tabela comparativa com a porcentagem de cada acabamento cerâmico encontrado nos sítios, além do antiplástico e tamanho dos vasilhames, que ajudou a pensar como se dava o trabalho diário desses indígenas. (Tabela 14).

**Tabela 14** – Comparação dos acabamentos cerâmicos entre os sítios do Alto Vale do Rio dos Sinos

Sítios	Corrug. 2	Corrug. 3	Ungulado	Simples	Pintado	Escov.	Antipl.	Tamanho
<b>RS-S-284</b>	–	82.01%	6.47%	2.91%	3.59%	–	Areia	Variado
<b>RS-S-285</b>	2.11%	32.39%	17.60%	33.80%	10.88%	2.81%	Areia	Médio/Gr.
<b>RS-S-286</b>	–	55.46%	14.06%	20.31%	10.15%	–	Areia	Médios
<b>RS-S-287</b>	Lítico	Lítico	Lítico	Lítico	Lítico	Lítico	Lítico	Lítico
<b>RS-S-288</b>	–	54.09%	12.45%	21.96%	12.78%	–	Areia	Médios
<b>RS-S-289</b>	–	40.96%	36.14%	19.87%	3.01%	–	Areia	Médio/Gr.
<b>RS-S-290</b>	–	80.70%	5.51%	12.20%	1.57%	–	Areia	Médios

Fonte: NUNES & SCHMITZ, 2017.

Analisando a tabela acima, se percebe, em primeiro lugar, a uniformidade do antiplástico utilizado na pasta da cerâmica. Embora houvesse alguns outros elementos presentes (como clastos de feldspato, algum caco moído, carvão e hematita), a areia predominou na mistura, demonstrando uma estratégia semelhante dos assentamentos para a fabricação da pasta,

já que a areia deveria ser mais abundante na área, ao contrário do Baixo Vale do Sinos, onde o caco moído é o antiplástico mais utilizado. O tamanho do vasilhame variou um pouco, mas partiu dos tamanhos médios, com apenas dois sítios apresentando vasilhas maiores, e não houve o registro de peças pequenas.

Em relação ao acabamento, apareceram algumas discrepâncias notáveis. Primeiro, os acabamentos Corrugado 2- e Escovado só foram registrados em um dos sítios, o RS-S-285. Como visto anteriormente, o Corrugado 2- se constitui de um relevo mais acentuado e marcado dos gomos da cerâmica, enquanto o Corrugado 3 apresenta uma forma mais baixa e desgastada, e foi esse último que predominou nos sítios estudados. Isso pode indicar um menor tempo para a produção da cerâmica, que deveria ser feito com menos capricho e cuidado. De qualquer forma, este último acabamento teve uma porcentagem semelhante nos sítios, com a exceção do RS-S-284 e RS-S-290, que apresentaram mais de 80% de aparecimento. Essa disparidade com relação aos demais assentamentos é curiosa, e pode indicar algum fator desestruturante nesses locais, que dificultou a reprodução do modo de vida tradicional do grupo. O acabamento Ungulado também teve uma porcentagem regular, com exceção do sítio RS-S-289, onde ele alcançou 36% do total. Quanto ao Simples e ao Pintado, houve um aparecimento considerado estável para os padrões do grupo, com exceção dos sítios com excesso de Corrugado 3, onde foram menos representativos.

O perfil das bordas cerâmicas apresentadas nas figuras 5, 6, 7, 9, 11 e 14 é bastante representativo da cultura material do Guarani, mostrando formas clássicas na literatura arqueológica (LA SALVIA & BROCHADO, 1989; NEUMANN, 2014) como Cambuchi (para fermentação de bebidas), o Cambuchi Caguabá (para servir bebida), a panela (Yapepó) e a Caçarola (Ñaetá) para cozinhar o alimento, a tigela (Ñaembé ou Tembiru) para servir comida. Embora algumas dessas categorias estejam menos representadas que outras, são todas partes da tradição arqueológica Guarani. Chamo atenção para a falta de formas mais abertas e planas como os torradores do Tupi.

Quanto ao lítico, ele segue o padrão de fabricação tradicional encontrado em outros assentamentos do Guarani na região sul-brasileira. Toda a produção se dá por alguns golpes duros, com poucos retoques, formando peças relativamente grandes e pouco refinadas, mas plenamente funcionais. O basalto amidaloide permaneceu como a matéria-prima por excelência para lascamento na área, pela própria formação geológica da Bacia, e um outro basalto de granulação mais fina também foi encontrado. Muito desse material advinha de seixos rolados pelo Sinos, e a indicação anterior do Sítio RS-S-289 instalado próximo a uma cascalheira no

rio confirma que os Guarani utilizavam ativamente as fontes de água para obter recursos líticos, para além da mobilidade e da pesca.

Todos esses dados sobre a implantação dos sítios e a fabricação da cerâmica no Alto Vale do Sinos entram em acordo com a bibliografia arqueológica que descreve o modo de vida Guarani, como Noelli (1993), Rogge (1996), Dias (2003), Schmitz (2006), Prous (1992), dentre outros, que caracterizam os assentamentos a céu aberto do grupo como rasos e constituídos por poucas casas, com um modo de vida baseado na agricultura em florestas subtropicais. Esses sítios seriam ocupados por famílias extensas, integradas por laços de parentesco e reciprocidade. Isso está no cerne do conceito de Tekoá, de Francisco Noelli, e penso que, embora os dados atuais sejam insuficientes para a definição de uma dessas unidades na área, seja interessante refletir, no contexto mais amplo do Sinos, na existência de pelo menos uma dessas unidades se movimentando pelo espaço.

#### 4.2 A expansão missionária jesuítica no litoral catarinense: dificuldades, resultados e efeitos sobre os indígenas

Passando para a análise dos dados trazidos pelos textos jesuíticos, percebe-se uma série de informações pertinentes para o debate. Primeiramente, é necessário considerar que a escrita inaciana estava inserida dentro do contexto do Renascimento e das grandes descobertas marítimas, e, portanto, era perpassada por uma série de conceitos que ressaltavam o maravilhoso, o exótico e o diferente nas colônias. Dentro da visão sobre os indígenas, se percebe, claramente, a tentativa de descrever o outro como em oposição ao modo de vida europeu, partindo do ponto de vista cristão para interpretar as ações e costumes dos nativos. (AZEVEDO, 1998). Portanto, embora eu esteja utilizando, no trabalho, de elementos da analogia direta, é preciso ponderar que

qualquer observação surge num contato intercultural marcado historicamente e é noticiada num determinado discurso, que por sua vez, é uma “lógica” de lugar e tempo. Pela escrita [...] o índio Guarani torna-se necessariamente um índio etnológico, e quem diz etnologia, diz também história e ideologia. (MELIÀ, SAUL, MURARO, 1987, p. 19).

Dessa forma, é importante considerar que todas as informações sobre os indígenas, trazidas pelos missionários, são fruto do ambiente intelectual, político, religioso e social em que

os inacianos estavam inseridos, e dos interesses próprios da Companhia, como afirmei no capítulo anterior. Todos os estudos sobre o Guarani são históricos, e, nesse sentido, as informações que contêm e que são apresentadas aqui, também.

Feita essa consideração, gostaria de refletir, brevemente, sobre as dificuldades enfrentadas pelos inacianos na instalação das missões no século XVII. Essas reduções passaram por uma série de problemas ao longo do tempo, como a relação conturbada dos jesuítas com as autoridades locais e os colonos, que, não raro, retiravam os indígenas cristianizados dos padres para utilizar como escravos em suas lavouras. Além disso, a ação escravagista no litoral Sul era constante e dificultava, de todas as formas, a segurança e estabilidade dos assentamentos. (FRANZEN, 1999, p. 77). Aliado a isso, a ação dos colonos e escravistas fazia os indígenas apresentarem desconfiança e, não raro, resistência ao trabalho dos jesuítas, já que, muitas vezes, o nativo não distinguia o padre do colono, já que ambos interferiam no modo de vida tradicional dos grupos. (FRANZEN, 1999, p. 81).

Quanto ao dia-a-dia nas reduções, os inacianos estavam sujeitos a uma série de infortúnios, como as habitações precárias supracitadas, a falta de higiene, a alimentação deficiente (não raro fome), a presença de animais ferozes e/ou peçonhentos, as doenças, o número reduzido de padres para dar conta do trabalho, e a hostilidade de alguns nativos, que chegaram a assassinar jesuítas, como Cristóbal de Mendoza Orellana em 1635, que é citado no texto de Inácio de Sequeira. (FRANZEN, 1999, p. 88-90).

Por causa da insegurança e desses outros problemas, essas missões eram relativamente curtas (com, no máximo, dois anos de permanência na área), e, após esse período, se efetuava a realocação dos indígenas já cristianizados para aldeias no Sudeste. Além disso, algumas missões fracassaram, como a de 1622 que se aprofundou até o território do atual Rio Grande do Sul, tentando fundar a Aldeia do Caibi, e que falhou pela grande distância para assentamentos portugueses, que poderiam fornecer alguma segurança para o trabalho dos padres, pela agressividade de alguns grupos indígenas próximos, e pelos ataques constantes de escravagistas que circulavam pela região. A manipulação desses últimos, que falavam para os indígenas que os inacianos os estavam reunindo em aldeias fixas para mais facilmente dominá-los, também contribuiu para a deterioração da missão. (FRANZEN, 1999, p. 60).

Mesmo com a proximidade dos assentamentos portugueses, os conflitos com autoridades e colonos eram constantes, e a defesa que os jesuítas fizeram da liberdade e direitos dos nativos, baseados na reafirmação que o Papa Urbano VIII fez da Bula de Paulo III, de 1545, limitando a exploração dos indígenas pelos portugueses, foi um dos motivos para a expulsão da



Companhia de Jesus de São Vicente em 1540<sup>46</sup>. (FRANZEN, 1999, p. 162). Além disso, a ideia original de instalar os indígenas próximos aos colonos, para estes servirem como exemplo de vida cristã a ser absorvida pelos nativos foi logo descartada pelos padres, pelo mal comportamento e vícios morais dos portugueses, que atrapalhavam o processo de cristianização. Assim, os jesuítas começaram a tentar afastar um pouco as aldeias dos indígenas dos europeus, para evitar interferência no processo de catequização.

Pensando nos efeitos que a expansão missionária jesuítica teve sobre o Carijó, penso, inicialmente, que, na época em que os padres Jerônimo Rodrigues e João Lobato estabeleceram missão entre os Carijó, em 1605, os jesuítas espanhóis avançavam pelo interior do Guairá, e chegaram a se estabelecer próximo ao rio Piquiri, tentando juntar as duas frentes missionárias (LEITE, 1945, p. 441), e frades franciscanos já haviam contatado essas populações, o que demonstra que o relacionamento com os indígenas da região era anterior aos primeiros contatos com os inacianos portugueses, e o processo de desestruturação da sociedade Carijó já havia iniciado. (LINO, 2007, p. 128). Mesmo assim, as informações trazidas por Rodrigues apresentam uma sociedade ainda bastante preservada, e com a manutenção de muitos traços tradicionais.

Ao longo das sucessivas missões que seriam efetivadas pelos padres até 1637, se percebe, claramente, uma profunda desestruturação social no grupo indígena. Na escrita inaciana, nota-se a constante condenação de hábitos do indígena como preguiça, antropofagia, bebedeiras, caráter interesseiro, ritos religiosos originários etc. Muitas vezes, porém, o exame desses traços era, na verdade, a afirmação de uma série de percepções morais rasas e equivocadas sobre a forma de vida dos nativos. A consideração desses hábitos como vícios a serem extirpados fazia os padres e autoridades locais proibirem os indígenas de praticá-los, pois, na sua opinião, dificultaria sua absorção de um modo cristão. (FRANZEN, 1999, p. 123-124). Nos escritos de Rodrigues e Sequeira, e na obra de Serafim Leite, é perceptível como a ação jesuítica estava muito voltada para a europeização desses, onde a prática de traços originários tivesse um espaço cada vez menor. Embora os inacianos muitas vezes tenham se preocupado em aprender as línguas desses povos, e utilizado traços das culturas nativas para tornar a catequização mais efetiva, o impacto das missões foi grande, e ajudou na desestruturação social desses povos.

---

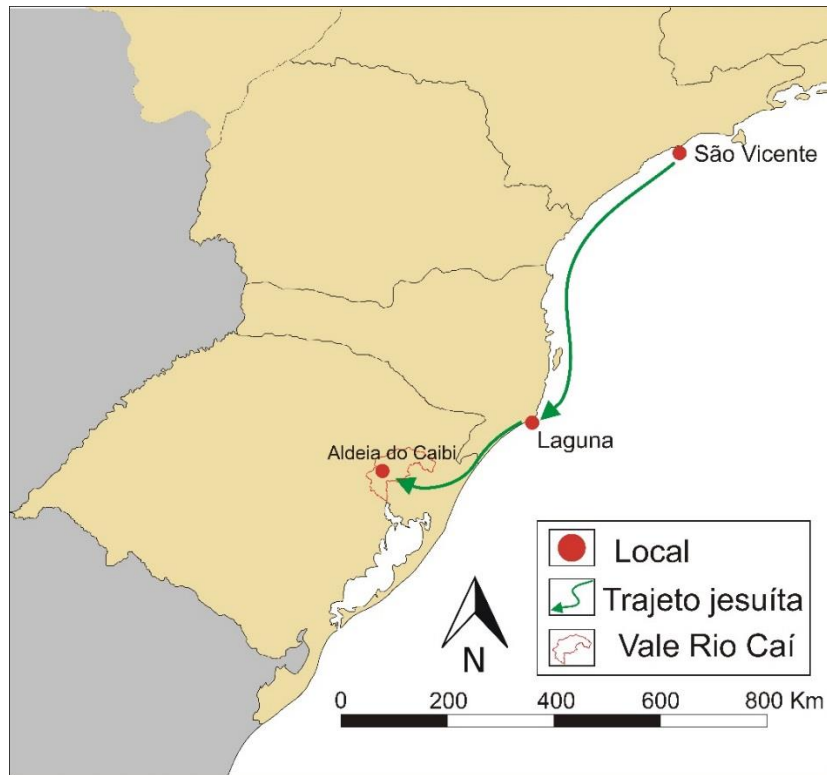
<sup>46</sup> Estando, aqui, ciente de que o papel destacado da Companhia no movimento de caráter nacionalista que causou a Restauração da Coroa Portuguesa após o fim da União Ibérica, em 1640, que foi um fator fundamental para o ataque dos colonos e autoridades de São Vicente à Ordem, já que as autoridades locais acusaram os inacianos de incitar revoltas e dificultar o trabalho dos portugueses com os nativos. (FRANZEN, 1999, p. 164-165).

Além disso, a transferência dos indígenas para aldeias próximo a São Vicente e Rio de Janeiro pelos padres, após ministrar os primeiros sacramentos, foi mais um fator que contribuiu para o desenraizamento desses de seu local tradicional, a repressão de traços culturais e a formatação a um modo de vida católico europeu. Esse deslocamento era importante porque, na visão dos inacianos, o nativo não seria verdadeiramente livre em seu estado natural, mas somente quando aldeado e integrado a um modo de vida cristão, próximo aos europeus (FRANZEN, 1999, p. 123).

É importante ressaltar que não estou, aqui, considerando os contatos como essencialmente nocivos, visto que as regiões de fronteira são, naturalmente, causadoras de enfrentamentos, trocas de elementos culturais, perdas, miscigenação e construção de novas sociedades, como autores como Peter Burke (2016), Jairo Rogge (2003), Mariana Thompson Flores (2012) e Eduardo Neumann (2004) ressaltam. Logo, a cultura do Carijó e de outros grupos nativos continuou seu desenvolvimento e se adaptou à conjuntura do período, assim como a europeia. Os contatos forçados, porém, contribuíram, inegavelmente, para a destruição de muito do modo de vida tradicional deles e a morte de aldeias inteiras (seja por doenças, escravização etc.). O papel dos jesuítas para o despovoamento do litoral Sul, com suas migrações de grandes quantidades de nativos para o Sudeste, e a destruição de muitos elementos culturais pela imposição da europeização, foi, portanto, tão nocivo quanto a ação dos escravagistas, mesmo que os padres da Companhia tivessem, muitas vezes, a intenção de salvar almas e proteger os indígenas da escravização.

Analisando, portanto, a expansão jesuítica portuguesa no Sul do Brasil no final do século XVI e início do XVII, pude perceber, nesta pesquisa, o grande aprofundamento que os padres da Companhia tiveram na região nesse período, chegando até o Vale do Rio Caí, o que demonstra um grande esforço para efetivar o projeto missionário. (Figura 16). Eles foram alguns dos primeiros europeus a avançarem para essa área, e deram início ao contato com diversos grupos indígenas, mesmo que em alguns casos estes encontros tenham sido, num primeiro momento, tensos. Seu trabalho deixou marcas presentes até hoje, como as cidades que se desenvolveriam nos locais onde eles missionaram, como Laguna e Imbituba.

**Figura 16** – Expansão missionária jesuítica no século XVII



#### 4.3 O assentamento Guarani no Alto Vale do Sinos: uma proposta de modelo de ocupação do espaço

Por fim, partindo para uma análise dos dados sobre o Carijó levantados no capítulo anterior, se percebe, inicialmente, um padrão de ocupação do espaço muito claro. As aldeias seriam pequenas, habitadas por poucas famílias extensas, e estavam em permanente mobilidade (a própria ideia inaciana de redução em um único espaço tinha o intuito de evitar a dispersão dos indígenas e dos padres no sertão, como visto anteriormente). As casas seriam construídas com elementos vegetais como os troncos de palmeiras, e instaladas próximo a fontes de água e alimento. Esse tipo de habitação deveria ter uma duração média de três a quatro anos (FRANZEN, 1999, p. 146), e a qualidade de vida nesses locais não parecia ser adequada, dada a referência às pragas que estavam em todos os lugares, e ao vento que entrava pelas frestas das paredes, o que denotaria trocas periódicas em busca de maior salubridade.

A economia seria baseada na agricultura, caça e no extrativismo de plantas como a palmeira-juçara. A forma de cultivo se apresentou semelhante às coivaras, porém, aparentemente, sem a queima do solo. A mandioca seria um recurso importante para a alimentação, e consumida cozida, e não em forma de farinha ou beiju. Haveria o uso de vários elementos vegetais como utensílios e para o trabalho diário, dos quais se destacam as cabaças

e as cascas de abobaras. Chama atenção a falta de referências a vasilhames cerâmicos e urnas funerárias nos textos, o que acreditamos, no projeto, ser causada pela intenção dos padres de registrar, no papel, especialmente os elementos singulares das culturas nativas, e não aqueles que eles teriam maior familiaridade, visto que o espírito da época era de ressaltar o exótico e os traços que ajudassem a compreender os povos diferentes dos europeus, para mais fácil catequização.

Além disso, o estudo arqueológico realizado pela UNESCO na região de Imbituba ressalta a presença de elementos cerâmicos Guaranis no mesmo espaço que foi percorrida pelos inacianos durante suas missões. (LAVINA, 1999). Isso aponta para a existência desse material no mesmo período, e a presença de muitas urnas funerárias pode indicar a morte de vários indígenas durante

A organização do grupo parecia seguir um sistema de chefias fortes, nas quais os poderes temporal e espiritual se juntavam. Esses líderes seriam responsáveis pelo contato com os europeus e a administração das diversas aldeias espalhadas pelo território. Eles teriam relações conflituosas com grupos vizinhos, como os do Planalto, e algumas das chefias contribuiriam com os escravagistas fornecendo cativos para a escravização.

Quando pensamos esses dados no contexto do Alto Vale do Rio dos Sinos, percebo uma série de semelhanças. Primeiro, a forma de assentamento é bastante similar, com poucas casas, o que apontaria para populações menores. A exploração do ambiente se daria pela junção da agricultura, caça, pesca e extrativismo.

Nesse contexto, a mandioca assume destaque, pois a referência ao uso da mandioca puba pelos Carijó forneceu uma pista importante para pensar o consumo desse produto entre o Guarani no Sinos. A forma de preparo e ingestão dessa raiz era muito variado entre essa população, mas, em geral, estava ligada à produção das bebidas fermentadas, mingaus, pirão, como acompanhamento no cozimento de carne de caça ou peixe, bolo, beiju, farinha etc. A produção destas duas últimas, porém, em geral requeria pratos mais planos ou tigelas rasas, além de espremedores para retirar o líquido venenoso (no caso da mandioca amarga). (BROCHADO, 1977, p. 37-42). Como destacado no relato de Rodrigues, os Carijó pareciam não possuir esses espremedores, e nenhuma referência é feita a pratos ou discos planos para a produção de farinha. Quando analisei a cerâmica do Alto Vale do Sinos, todas as formas se apresentaram como mais fechadas, e parecem repetir as indicações do texto jesuíta, o que é um forte indicativo de que a mandioca, aqui, era consumida de forma muito similar aos Carijó de Santa Catarina.

Pensando no contexto ecológico do Sinos, exposto no Capítulo 2, percebo que as plantas do Vale ainda podiam fornecer recursos diversos para a manutenção dos assentamentos. Em toda a bibliografia sobre o Guarani, é citado o uso de elementos vegetais para a fabricação de artefatos, desde flechas, arcos, lanças e utensílios, até fibras para confecção de trançados e construção da cobertura de casas. (LAVINA, 1999, p. 13). Em se tratando da riqueza ambiental exposta para a Bacia, esses recursos certamente seriam muito variados, e permitiriam aos assentamentos excelente subsídio para o trabalho no dia-a-dia. Isso está de acordo com as referências para o Carijó, que utilizava diversos elementos vegetais para a confecção de utensílios.

Uma utilidade adicional das plantas é seu uso para facilitar a caça. O guaimbé (ou banana-de-macaco), por exemplo, podia ser usado como toxina para entorpecer os peixes na água e facilitar sua captura, o que amplia o leque de usos para a flora, e ajudaria na obtenção da subsistência dos sítios. Assim, os assentamentos do Alto Vale teriam acesso tanto à rica várzea do Sinos e de seus afluentes, como das áreas mais secas de altitude, ampliando seu leque de recursos.

Quanto à organização social, como falado anteriormente, o conceito de Tekoá de Noelli é bastante interessante, já que abarca a ideia de pequenos grupos administrando o manejo do território e se movimentando de uma forma gradual no tempo/espço. Nossos dados, porém, se mostraram insuficientes para a aplicação do modelo, embora, pensando no contexto mais amplo do Vale do Sinos, acredito que seja possível refletir sobre pelo menos uma dessas unidades se desenvolvendo na área, com ramificações como a da ocupação do Vale do Paranhana, afluente importante do Médio Sinos, que foi estudado na tese de Jefferson Dias. (DIAS, 2015).

Para perceber esse modelo de ocupação de uma forma mais visual, considero interessante a inserção de uma imagem retirada de um assentamento Mbyá-Guarani no Vale do Ribeira, São Paulo, que apresenta uma disposição muito sugestiva para a análise aqui desenvolvida (Figura 17).

**Figura 17** – Assentamento Mbyá-Guarani no Vale do Ribeira



Fonte: HERRERO, 2016, p. 8-9.

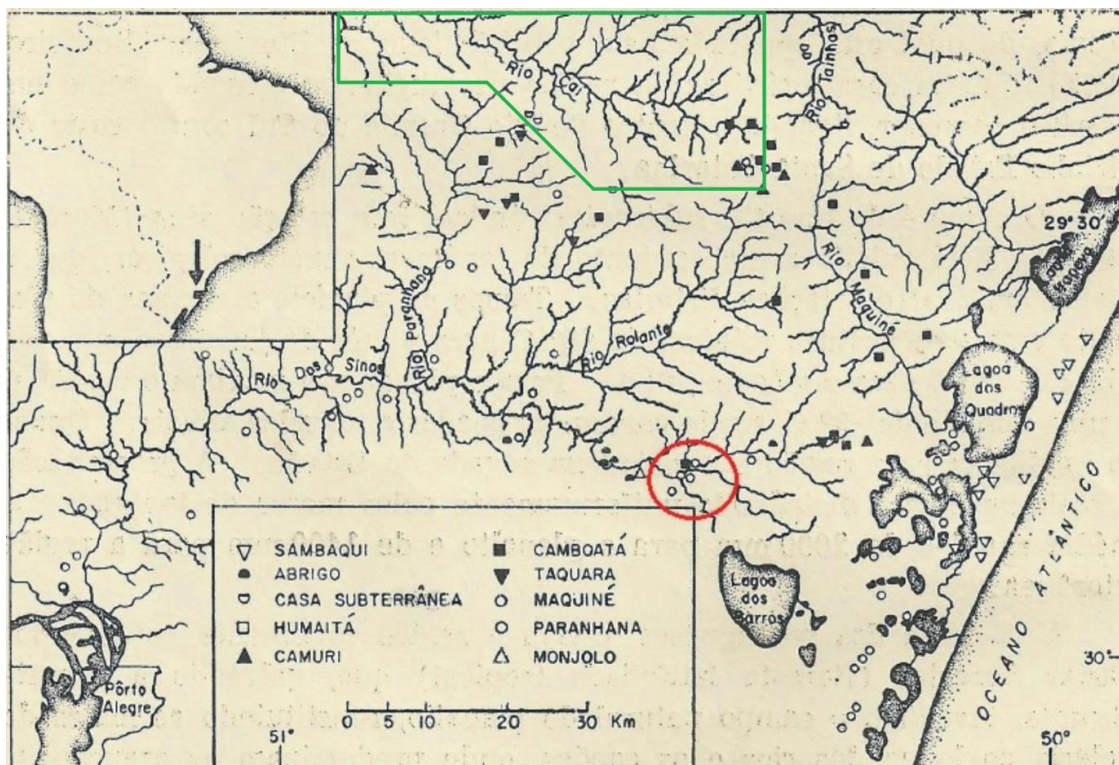
Na imagem, se percebem, em primeiro lugar, três construções próximas, que parecem se adequar ao modelo proposto. Elas se encontram próximas a um córrego, que, pela disposição de algumas pedras em dois lugares de seu curso, parece ser utilizado para algumas atividades como lavagem de roupas. Além disso, é perceptível uma série de plantas ao redor da fonte de água, que claramente foram plantadas pelo grupo, como as bananeiras, a cana, a mandioca (no canto inferior direito), uma árvore que parece ser frutífera, além de uma série de ervas. Ao fundo do assentamento, é visível uma mata com vários exemplares de uma espécie de palmeira. Tudo isso aponta para a utilização integral da área, com o aproveitamento da fonte de água tanto para o abastecimento quanto para atividades do cotidiano e para o sustento de plantas. O mato próximo ainda fornece elementos para extrativismo, como o palmito, lenha etc.

Com isso, se tem a definição de uma unidade básica de ocupação, que se adequava ao território conforme as condições apresentadas. Ao observar os croquis dos sítios (Anexo 2), se percebe muitas semelhanças com esse modelo, e se pode pensar na tentativa do grupo de manter uma estrutura básica para exploração do espaço, que seria facilmente reproduzida.

Pensando no contexto geográfico mais amplo que envolve os assentamentos e integrando-os aos escritos jesuíticos, demarqueei, no mapa de Eurico Miller de 1967 sobre suas pesquisas arqueológicas na região, tanto o espaço dos sítios aqui estudados, quanto o Vale do Rio Caí, para uma análise rápida (Figura 18).



**Figura 18** – Limite da expansão jesuítica e o Vale do Sinos.



Adaptado de: MILLER, 1967.

Legenda: Localização dos sítios arqueológicos pesquisados por Eurico Miller na região nordeste do Rio Grande do Sul na década de 1960, com destaque nosso para a área dos sítios aqui estudados (em vermelho), e o Vale do Rio Caí (em verde).

O Vale do Rio Caí, indicado, representa o limite da expansão missionária inaciana na área. Percebendo a localização dessa região com relação ao Vale do Sinos e, mais especificadamente, para o espaço dos sítios estudados, se nota uma distância muito curta. Ao se pensar que povos como o Guarani eram seminômades, e se deslocavam continuamente pelo espaço em busca de recursos e expansão territorial, é lícito afirmar que toda essa região tenha sido impactada pela chegada dos inacianos de alguma forma, mesmo que eles não tenham, nesse momento, chegado ao Vale do Sinos. Desta forma, doenças, notícias, artefatos, práticas religiosas e culturais, teriam facilmente se disseminariam na área, impactando de forma profunda todo o espaço dominado pelo Guarani à época, e atingiriam essas populações.

Quando adicionamos no modelo as datas médias de Carbono-14 que foram obtidas para o Vale ( $330 \pm 30$  A.P. [1620 d.C.] para o assentamento do Estádio do Aimoré, e a 290 A.P. [1605 a 1660 d.C.] para o sítio de Estância Velha), percebemos que o Guarani estava em franco processo de expansão pela Bacia, e, portanto, seria diretamente impactado pelo avanço jesuítico

e escravagista. Autores como Adriana Dias (2003), Jefferson Dias (2015), Bonomo *et al.* (2015) apontam que a dilatação das fronteiras do grupo se deu da foz em direção às nascentes dos rios da região, o que encontra reflexo no modelo aqui proposto. Dessa forma, acredito conseguir abranger todos os pontos propostos no início do trabalho, e dar conta tanto do sistema de assentamento Guarani do Sinos, quanto de suas ligações com as frentes inaciana e escravagista de colonização.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A chegada do Guarani ao Vale do Sinos esteve integrada ao início de sua expansão que, para autores como Schmitz (2006) e Prous (1992), teve origem no ambiente amazônico por volta de 5000 anos atrás. Essa difusão pelo território teria alcançando o litoral do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina na época do desembarque dos primeiros europeus no Brasil. Sua cultura cerâmica e o domínio do território estariam plenamente desenvolvidos nesse período, e a sociedade manteria contatos com os demais grupos da região, como as populações Taquara do Planalto, que estão representados nos sítios estudados pela presença de alguns fragmentos cerâmicos. Embora estes encontros sejam considerados apenas belicosos por alguns autores como Adriana Dias (2003), e possam ser interpretados dessa forma em trechos dos escritos jesuítas, creio que eram mais complexos, e deviam envolver a troca de traços culturais como a cerâmica, alimentos e outros elementos.

O aparecimento dos europeus na área, no final do século XVI e início do XVII mudaria completamente as relações sociais e de poder, e causaria impacto profundo em todos os pontos da cultura desses indígenas. A expansão dos jesuítas ganha, nesse contexto, destaque, já que eles foram alguns dos primeiros europeus a descreverem o modo de vida dos nativos, e como se deram os primeiros contatos. Por isso, considero pertinente inserir esses missionários no conceito de Homem-Fronteira, de Hartog (2004), já que eles eram representantes de seu mundo ocidental, que estavam indo até a fronteira não só física, mas cultural com os nativos, realizando contatos, trocas, embates, misturas e aprendizado de novos elementos. Embora tivessem a intenção de cristianizar e europeizar os indígenas, os jesuítas também eram tocados nessas missões, e absorviam traços deles, como o consumo de plantas típicas da colônia, palavras e costumes novos, o que teria impacto para a formação do europeu em toda a Colônia.

Os indígenas, neste contexto, também eram vetores de conexões, e estavam manejando interesses e absorvendo traços europeus que lhes eram interessantes. A localização desses assentamentos em meio às frentes de colonização portuguesa e espanhola permite a integração ao contexto de Fronteira Tripartida, de Eduardo Neumann (2004), que percebe o elemento nativo como fator de negociação e disputa pelo espaço da região. Se tem, assim, a ligação com o conceito de Fronteira Manejada, de Mariana Thompson Flores (2012), no qual esse espaço de conexão não seria uma barreira intransponível, mas um ambiente fluido onde todos os traços culturais estariam interligados, e onde os indivíduos poderiam fazer valer seus próprios interesses ou o de seu grupo.

Mesmo com a consideração desse protagonismo indígena nas relações, e da complexidade dos contatos fronteiriços, é importante a percepção que essa conexão foi, também, tensa, e que a ação conjunta não intencional de jesuítas e escravistas tenha contribuído para o despovoamento do litoral Sul-brasileiro e a morte de muitos nativos. Embora os indígenas tenham manejado seus interesses na medida do possível, a escravização e a transferência de grandes quantidades deles para aldeamentos no Sudeste, além das doenças e guerras contra rivais estimuladas pelos escravistas, contribuiu para a morte de milhares de indivíduos, e a alteração forçada do padrão de assentamento e de muitos dos traços tradicionais.

No contexto do Alto Vale do Rio do Sinos, percebi, ao longo da pesquisa, como a área foi indiretamente afetada pela ação dos escravagistas e missionários. A predominância do acabamento cerâmico Corrugado 3, que é menos bem acabado, e se desgasta mais facilmente, além das discrepâncias encontradas em outros pontos da cerâmica, apontam para uma desestruturação social que dificultava a manutenção do modo de vida tradicional. O modelo proposto, de que os indígenas teriam se expandido da foz, no Lago Guaíba, em direção às nascentes, encontra ressonância em trabalhos arqueológicos anteriormente citados, e demonstra que o Guarani subiu o Vale do Sinos para áreas cada vez menos favoráveis para a manutenção de seu modo de vida. Considero, com base no trabalho, que o motivo para isso tenha sido, em parte pela pressão dos escravagistas e o avanço cada vez mais intenso de outros europeus na área, como os missionários.

Pensando nos outros elementos do cotidiano como a construção das casas e os hábitos alimentares, foi fundamental o uso dos textos jesuítas para cobrir lacunas não preenchidas apenas com o conhecimento arqueológico. Dessa forma, percebi que a utilização de duas fontes distintas pode contribuir, positivamente, para o avanço do conhecimento sobre os hábitos dos indígenas e, mais especificadamente, do Guarani, corroborando o trabalho de Fabiane Rizzardo.

Busquei, nesta monografia, demonstrar a riqueza da cultura desse grupo, e de como ela foi diretamente afetada pela chegada dos europeus. A sua forma de ocupação do espaço buscava a integração de todo o ambiente e a utilização integral dos recursos disponíveis na área, e pode auxiliar, na atualidade, a pensar uma nova forma de se relacionar com a natureza, que respeite seus limites e produza riqueza sem a destruição da terra. Analisar, portanto, o passado nativo brasileiro e entrar em contato com os grupos indígenas que ainda resistem aos retrocessos e aos ataques cruéis do agronegócio e daqueles que tentam apagar sua contribuição fundamental para a sociedade brasileira é, também, repensar nas nossas ações no presente, e planejar um futuro melhor. A colaboração para esse esforço é o legado que espero que este trabalho venha a alcançar.

## 6 FONTES

### Material arqueológico:

- Sítio RS-S-284, Carvalho, catálogo MARSUL 465;
- Sítio RS-S-285, Passo da Forquilha 1, catálogo MARSUL 466;
- Sítio RS-S-286, Castelhana, catálogo MARSUL 467;
- Sítio RS-S-287, Passo da Forquilha 2, catálogo MARSUL 468;
- Sítio RS-S-288, Passo da Forquilha 3, catálogo MARSUL 469;
- Sítio RS-S-289, Monte Serrat-1, catálogo MARSUL 470;
- Sítio RS-S-290, Monte Serrat-2, catálogo MARSUL 471.

### Fontes escritas:

- Relação do Padre Jerônimo Rodrigues, da missão entre os Carijós, ocorrida entre 1605 e 1607. Disponível em: LEITE, Serafim. *A Missão dos Carijós – 1605-1607*. In: **Novas Cartas Jesuíticas (De Nóbrega a Vieira)**. *Coleção Brasileira (Série 5-a)*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1940, p. 196-246.
- Relação do Padre Inácio de Sequeira, da missão entre os Carijós, ocorrida entre 1635 e 1637. Disponível em LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil. Tomo VI – Do Rio de Janeiro ao Prata e Guaporé. Estabelecimento e assuntos locais. Século XVII e XVIII**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Lisboa: Livraria Portugália, 1945, p. 439-560.

## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGEITEC–EMBRAPA. **Cambissolos Háplicos Eutróficos gleissólicos**. Disponível em: <[http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/solos\\_tropicais/arvore/CONT000gn1sf65m02wx5ok0liq1mqzx3jrec.html](http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/solos_tropicais/arvore/CONT000gn1sf65m02wx5ok0liq1mqzx3jrec.html)>. Acessado em: 10 de Março de 2019.

\_\_\_\_\_. **Chernossolos Háplicos Órticos Típicos**. Disponível em: <[http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/solos\\_tropicais/arvore/CONT000gn230xhp02wx5ok0liq1mqw9406pc.html](http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/solos_tropicais/arvore/CONT000gn230xhp02wx5ok0liq1mqw9406pc.html)>. Acessado em: 10 de Março de 2019.

\_\_\_\_\_. **Gleissolos Háplicos**. Disponível em: <[http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/solos\\_tropicais/arvore/CONT000gn230xhn02wx5ok0liq1mqmwvavn5.html](http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/solos_tropicais/arvore/CONT000gn230xhn02wx5ok0liq1mqmwvavn5.html)>. Acessado em: 10 de Março de 2019.

\_\_\_\_\_. **Neossolos Flúvicos**. Disponível em: <<http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/territoriomatasulpernambucana/arvore/CONT000gt7eon7k02wx7ha087apz246ynf0t.html>>. Acessado em: 10 de Março de 2019.

ANCHIETA, José de. **Cartas, Informações, fragmentos históricos e sermões**. Belo Horizonte: Itatiaia e USP, 1988.

ANSCHAU, Carla. **Atlas do Projeto VerdeSinos**. Porto Alegre: Ed. do Autor, 2016.

AZEVEDO, Ana Maria de. Olhares e imagens da terra e gentes brasílicas em textos quinhentistas e seiscentistas. In: **Estudos Leopoldenses: série História**. v. 2, n° 2. São Leopoldo: Unisinos, 1998, p. 39-50.

BANDEIRA, Dione da Rocha. Arqueologia Guarani em Santa Catarina: Litoral Norte. In: MILHEIRA, Rafael Guedes; WAGNER, Gustavo Peretti (Orgs.) **Arqueologia Guarani no Litoral Sul do Brasil**. Curitiba, Appris, 2014, p. 15-38.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70, 2016.

BAUERMAN, Jéssica. **Geologia e Geomorfologia da Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos**. Disponível em: <<https://prezi.com/exuiy1bzpsph/geologia-e-geomorfologia-bacia-do-rio-dos-sino>>. Acessado em: 9 de Março de 2019.

BÉRENGER, Jean; CONTAMINE, Philippe; DURAND, Yves; RAPP, Francis. **História Geral da Europa II – A Europa do começo do Século XIV ao fim do século XVIII**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1980.

BETA. **Datação por Radiocarbono por Espectrometria de Massas com Aceleradores**. Disponível em: <<https://www.radiocarbon.com/portugues/acelerador-massa-espectrometria.htm>>. Acessado em: 23 de Março de 2019.

BINFORD, Lewis R. **En Busca del Passado. Decifrando el registro arqueológico**. Barcelona: Editorial Crítica, 1988.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BONOMO, Mariano; ANGRIZANI, Rodrigo Costa; APOLINAIRE, Eduardo.; NOELLI, Francisco. A model for the Guarani expansion in the La Plata Basin and litoral zone of Southern Brazil. In: **Quaternary International**, nº 356, 2015, p. 54-73.

BORGES-MARTINS, M.; P. COLOMBO; C. ZANK; F.G. BECKER & M.T.Q. MELO. In: BECKER, F.G.; R.A. RAMOS & L.A. MOURA (Orgs.) **Biodiversidade: Regiões da Lagoa do Casamento e dos Butiazais de Tapes, Planície Costeira do Rio Grande do Sul**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2007, p. 276-291.

BROCHADO, José Proenza. **Alimentação na floresta tropical**. Porto Alegre: UFRGS, 1977.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2016.

CASTRO, Maria Alberta Rovisco Garcia Menéres de Melo e. **As Pedras**. Disponível em: <<https://www.escritas.org/pt/maria-alberta-meneres>>. Acessado em: 05 de Março de 2019.

COMITESINOS. Disponível em: <<http://www.comitesinos.com.br/>>. Acessado em: 20/03/2019.

CTA. **Resgate/Salvamento Arqueológico**. Disponível em: <<http://www.cta-es.com.br/o-que-fazemos/69/Resgate-Salvamento-Arqueologico.html>>. Acessado em: 07 de Março de 2019.

DECKMAN, Eliane Cristina. Ensaio sobre Etno-História. In: **Estudos Leopoldenses** v. 24, nº 106. São Leopoldo: Unisinos, 1988, p. 39-46.

DIAS, Adriana Schmidt. **Sistemas de Assentamento e Estilo Tecnológico: Uma proposta interpretativa para a Ocupação Pré-colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos**. (Tese de Doutorado). São Paulo: USP, 2003.

DIAS, Adriana Schmidt; SILVA, Sérgio Baptista da. Arqueologia Guarani no Lago Guaíba: Refletindo sobre a territorialidade e a mobilidade pretérita e presente. In: MILHEIRA, Rafael Guedes; WAGNER, Gustavo Peretti (Orgs.) **Arqueologia Guarani no Litoral Sul do Brasil**. Curitiba, Appris, 2014, p. 81-114.

DIAS, Jefferson Luciano Zuch. **Arqueologia no Médio Vale do Rio dos Sinos e Vale do Rio Paranhana: O Processo de Ocupação pelos grupos ceramistas das tradições Taquara e Tupiguarani**. (Tese de Doutorado). São Leopoldo: Unisinos, 2015.

FAUNA DIGITAL RS. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/faunadigitalrs/>>. Acessado em: 21 de Março de 2019.

FLORA DIGITAL. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/fitoecologia/florars/index.php>>. Acessado em: 21 de Março de 2019.

FLORES, Mariana Thompson. **Crimes de Fronteira: a criminalidade na fronteira meridional do Brasil (1845-1889)**. Porto Alegre: PUCRS (Tese de Doutorado), 2012.

FRANZEN, Beatriz. **Os Jesuítas Portugueses e Espanhóis e sua Ação Missionária no Sul do Brasil e Paraguai (1580-1640): um estudo comparativo.** (Tese de Doutorado). Lisboa: Universidade de Lisboa, 1997.

\_\_\_\_\_. As expedições dos jesuítas portugueses ao sul do Brasil (1553-1640). In: **Estudos Leopoldenses: série História. v. 2, n° 2.** São Leopoldo: Unisinos, 1998, p. 23-37.

\_\_\_\_\_. **Os Jesuítas Portugueses e Espanhóis e sua Ação Missionária no Sul do Brasil e Paraguai (1580-1640): um estudo comparativo.** São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1999.

\_\_\_\_\_. **Jesuítas portugueses e espanhóis no sul do Brasil e Paraguai coloniais: novos estudos.** São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003.

\_\_\_\_\_. A presença portuguesa na região platina. In: **ARQUIPÉLAGO. História, 2ª série, V. IX-X.** Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 2005, p. 141-152.

FROSE, R.; PAULY, D. (Editores). **FishBase** version (02/2019). Disponível em: <[www.fishbase.org](http://www.fishbase.org)>. Acessado em: 23 de Março de 2019.

FUNDAÇÃO ZOOBOTÂNICA DO RS. Disponível em: <<http://www.zoo.fzb.rs.gov.br/>>. Acessado em: 21 de Março de 2019.

HARTOG, François. **Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga.** Belo Horizonte: UFMG, 2004.

HERPETOLOGIA UFRGS. 2010. **Laboratório de Herpetologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.** On line. Versão 1.0, Novembro 2010. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/herpetologia>>. Acessado em: 22 de Março de 2019.

HERRERO, Railda. Ribeira: Vale do sonho Guarani. In: **Porantim**, n. 384. Brasília: CIMI, 2016, p. 8-9.

IBAMA. **Lista de peixes de água doce permitidos à captura.** Disponível em: <<http://www.ibama.gov.br/biodiversidade-aquatica/aquariofilia/lista-de-peixes-de-agua-doce-permitidos-a-captura>>. Acessado em: 22 de Março de 2019.

KAHN, J. S. **El Concepto de Cultura: Textos fundamentales.** Barcelona: Editorial Anagrama, 1975.

KROEBER, Alfred Louis. **Anthropology.** Nova York: Harcourt and Brace, 1948.

LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, José Proença. **Cerâmica Guarani.** Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LAVINA, Rodrigo. **Projeto de Salvamento Arqueológico da ZPE Imbituba, SC. Relatório Final.** Criciúma: UNESC, 1999.

LEAL, Mateus Evangelista; BREMM, Camila de Queiroz; SCHULZ, Uwe Horst. Lista da Ictiocenose da Bacia do Rio dos Sinos, Sul do Brasil. In: **Boletim do Instituto de Pesca**, v. 35(2). São Paulo: Instituto de Pesca, 2009, p. 307-317.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil. Tomo I – Século XVI – O estabelecimento**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Lisboa: Livraria Portugália, 1938, p. 315-331.

\_\_\_\_\_. **História da Companhia de Jesus no Brasil. Tomo II – Século XVI – A Obra**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Lisboa: Livraria Portugália, 1938, p. 42-46.

\_\_\_\_\_. **História da Companhia de Jesus no Brasil. Tomo VIII – Escritores: de A a M. Suplemento Bibliográfico – I**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Lisboa: Livraria Portugália, 1949.

\_\_\_\_\_. **História da Companhia de Jesus no Brasil. Tomo IX – Escritores: de N a Z. Suplemento Bibliográfico – II**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Lisboa: Livraria Portugália, 1949a.

LINO, Jaisson Teixeira. **Arqueologia Guarani na Bacia Hidrográfica do Rio Araranguá, Santa Catarina**. (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre, UFRGS, 2007.

MANSUR, Maria C. D.; PEREIRA, Daniel. Bivalves límnicos da bacia do rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, Brasil (Bivalvia, Unionoidea, Veneroidea e Mytiloidea). In: **Revista Brasileira de Zoologia** 23 (4). Curitiba: Sociedade Brasileira de Zoologia, Dezembro de 2006, p. 1123–1147

MEGGERS, Betty. **Evolución y Difusión Cultural. Enfoques Teóricos para la Investigación Arqueológica. Tomo 1**. Quito: Abya-Yala, 1998.

MEGGERS, Betty; EVANS, Clifford. **Como interpretar a linguagem da Cerâmica. Manual para Arqueólogos**. Washington D. C.: Smithsonian Institution, 1970.

MELIÀ, Bartolomeu; SAUL, Marcos Vinícios de Almeida; MURARO, Valmir Francisco. **O Guarani: Uma bibliografia etnológica**. Santo Ângelo: Fundação Missioneira de Ensino Superior, 1987.

MILLER, Eurico Theofilo. Pesquisas arqueológicas efetuadas no Nordeste do Rio Grande do Sul. In: **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, 6. Belém: Museu Emílio Goeldi, 1967, p. 15-34.

NEUMANN, Eduardo Santos. Uma fronteira tripartida: a formação do continente de Rio Grande – Século XVIII. In: GRIJÓ, Luiz Alberto; KUHN, Fabio; GUAZELLI, César Augusto Barcellos; NEUMANN, Eduardo Santos (Orgs.). **Capítulos de História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 2004, p. 25-46.

NEUMANN, Mariana Araújo. A cerâmica Guarani do Litoral Norte do Rio Grande do Sul. In: MILHEIRA, Rafael Guedes; WAGNER, Gustavo Peretti (Orgs.) **Arqueologia Guarani no Litoral Sul do Brasil**. Curitiba, Appris, 2014, p. 63-80.

NOELLI, Francisco Silva. **Sem Tekohá não há tekó: em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no delta do Jacuí, Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: PUCRS, (Dissertação de Mestrado), 1993.

NUNES, Jefferson Aldemir. O guarani no Alto Vale do Rio dos Sinos. In: **Anais da XXIII Mostra Unisinos de Iniciação Científica e Tecnológica.** São Leopoldo: Casa Leiria, 2016, p. 820-821.

\_\_\_\_\_. Como eram os assentamentos Guarani do Alto Vale do Rio dos Sinos. In: **Anais da XXIV Mostra Unisinos de Iniciação Científica e Tecnológica.** São Leopoldo: Casa Leiria, 2017, p. 694-695.

\_\_\_\_\_. Jesuítas, indígenas e europeus: uma análise da tese de Beatriz Vasconcelos Franzen no contexto do Alto Vale do Sinos. In: **Anais da XXV Mostra Unisinos de Inovação Científica e Tecnológica.** São Leopoldo: Casa Leiria, 2018. p. 642-643.

\_\_\_\_\_. Jesuítas entre os índios Carijó do sul do Brasil, segundo Beatriz Franzen. In: **Blog Instituto Anchieta de Pesquisas**, 18 jun. 2018, 2018a. Disponível em: <<http://institutoanchietanodepesquisas.blogspot.com/2018/06/jesuítas-entre-os-índios-carijó-do-sul.html>>. Acessado em: 04 de Abril de 2019.

\_\_\_\_\_. Fontes arqueológicas e cartas jesuítas na construção da história do guarani no Vale dos Sinos. In: **Anais da XIV Mostra de Pesquisa APERS – Produzindo História a partir de fontes primárias.** Porto Alegre: APERS, 2018b. p. 72.

\_\_\_\_\_. A Ação Missionária dos Jesuítas entre os índios Carijó do litoral sul brasileiro no século XVII. In: **XVII Jornadas Internacionais Sobre as Missões Jesuíticas – A Ação Global da Companhia de Jesus: Embaixada Política e Mediação Cultural em Um Cenário Mundial.** São Leopoldo: PPGH Unisinos, 2018c.

NUNES, Jefferson Aldemir; SCHMITZ, Pedro Ignacio. Um sítio guarani no alto vale do Rio dos Sinos. In: **Caderno de resumos [do] X Encontro do Núcleo Regional Sul da Sociedade de Arqueologia Brasileira: desconstruindo assimetrias.** Pelotas: Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2016, p. 63.

\_\_\_\_\_. O guarani no Alto Vale do Rio dos Sinos: um panorama da implantação do grupo. In: **Anais do II Colóquio Discente de Estudos Históricos Latino-Americanos – CEHLA 2016.** Porto Alegre: Forma Diagramação, 2017, p. 29-43.

\_\_\_\_\_. O sistema de assentamento Guarani no Alto Vale do Rio dos Sinos e a visão dos missionários jesuítas. In: **Anais do II Congresso Internacional de Estudos Históricos Latino-americanos (CI-EHILA).** São Leopoldo: PPGH-UNISINOS, 2017a, p. 884-896.

\_\_\_\_\_. O Guarani no Alto Vale do Rio dos Sinos: uma analogia com relatos Jesuítas setecentistas. In: **Caderno de Resumos do III Congresso Internacional de Arqueologia da Bacia do Prata.** São Leopoldo, 2018. p. 102.

\_\_\_\_\_. A ação Jesuíta entre os Carijó e a desestruturação de sua sociedade no contexto do Alto Vale do Rio dos Sinos. In: **Anais do III Colóquio Discente de Estudos**



**Históricos Latino-Americanos: Polaridades, conexões Brasil e América Latina (III CEHLA).** São Leopoldo: UNISINOS, 2018a, p. 650-659.

PEDRO, Livia Carvalho. **História da Companhia de Jesus no Brasil: biografia de uma obra.** (Dissertação de Mestrado). Salvador: Universidade Federal da Bahia (UFBA), 2008.

PETRY, Maria Virginia; SCHERER, Janete de Fátima Martins. Distribuição da avifauna em um gradiente no Rio dos Sinos, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil. In: **BIODIVERSIDADE PAMPEANA**, Uruguaiana, 6(2). Porto Alegre: PUCRS, 2008, p. 19-29.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira.** Brasília/DF: UNB, 1992.

RIBEIRO, Berta (Org.). **Suma etnológica brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Vol. 2 – Tecnologia Indígena.** Petrópolis: Vozes/FINEP, 1987.

RIZZARDO, Fabiane Maria. **Sepultamentos dos mortos entre antigas populações do tronco tupi: Confrontando arqueólogos e cronistas quinhentistas.** (Dissertação de Mestrado). São Leopoldo: Unisinos, 2017.

RODRIGUES, Luiz Fernando Medeiros. *A Formula Scribendi* na Companhia De Jesus: Origem, Leitura Paleográfica e Fonte Documental para o estudo da ação dos Jesuítas. In: HARRES, Marluza Marques; SCOTT, Ana Silvia Volpi (Orgs.). **Anais do X Encontro Estadual de História – O Brasil no Sul: cruzando fronteiras entre o regional e o nacional.** Porto Alegre: ANPUH-RS, 2010.

ROGGE, Jairo Henrique. Adaptação na Floresta Subtropical: A tradição Tupiguarani no médio Jacuí e Rio Pardo. Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. In: **Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos 6.** São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1996, p. 3-156.

\_\_\_\_\_. Fenômenos de fronteira: um estudo das situações de contato entre os portadores das tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul. In: **Pesquisas, Antropologia, Nº 62.** São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 2005.

RUSCHEL, Ruy Ruben. Localização da sede jesuítica da Missão dos Patos (1605-1607). **Estudos Leopoldenses.** Vol. 24, nº 106. São Leopoldo: Unisinos, 1988, p. 47-84.

\_\_\_\_\_. **Por Mares Grossos e Areias Finas. A Missão dos Carijó: reconstituição de uma aventura seiscentista no litoral sul-brasileiro.** Porto Alegre: EST, 2004.

SCHAFF, Adam. **História e verdade.** 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. Migrantes da Amazônia: a Tradição Tupiguarani. In: **Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos 5.** São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 2006, p. 31-66.

SCHMITZ, Pedro Ignacio; ROGGE, Jairo Henrique; RATHKE, Ranieri; NUNES, Jefferson Aldemir. A ocupação Guarani do Vale do Rio dos Sinos: uma proposta de pesquisa. In: **Pesquisas Antropologia**, v. 73. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 2017, p. 235-250.

SCHMITZ, Pedro Ignácio *et al.* Uma Aldeia Guarani. Projeto Candelária, RS. In: **Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos 4**. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1990.

SOARES, André Luís. **Guarani: Organização social e Arqueologia**. Porto Alegre: EdiPucrs, 1997.

SOUZA, Luiz Fernando de. Estudo acerca da cobertura vegetal e uso do solo nas zonas ciliares dos principais corpos hídricos da Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos. **DOCUMENTO DAT-MA Nº 0616/2008**. Porto Alegre, 2008.

STRECK, Edemar Valdir *et al.* **Solos do Rio Grande do Sul**. 3 ed. Porto Alegre: EMATER/RS-Ascar, 2018.

THOMAS, Georg. **Política Indigenista dos portugueses no Brasil: 1500-1640**. São Paulo: Ed. Loyola, 1981.

TORRES-LONDOÑO, Fernando. Escrevendo Cartas. Jesuítas: Escrita e Missão no Século XVI. In: **Revista Brasileira de História**, v. 22, nº 43. São Paulo: ANPUH, 2002, p. 11-32.

TRIGGER, Bruce G. **História del Pensamiento Arqueológico**. Barcelona: Editorial Crítica, 1992.

WATANABE, S.; TATUMI, S. H.; FARIAS, T. M. B.; SOUZA, S. O.; GENNARI, R. F.; KUNZL, R.; FARIAS, D. S. E. Testes de confiabilidade dos métodos de datação por termoluminescência (TL) e luminescência opticamente estimulada (OSL). In: **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, 15. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia, 2005, p. 383-391.

WAGNER, Gustavo Peretti. O Povoamento Guarani do Litoral Norte do Rio Grande do Sul e suas relações com os demais ocupantes da região. In: MILHEIRA, Rafael Guedes; WAGNER, Gustavo Peretti (Orgs.) **Arqueologia Guarani no Litoral Sul do Brasil**. Curitiba, Appris, 2014, p. 39-62.

WHITE, Leslie. **The Science of Culture. A study of man and civilization**. Nova York: Grove Press, Inc., 1949

## ANEXO 1 – FICHAS CATALOGRÁFICAS

Nesse primeiro anexo, estão reunidas, em forma digitalizada, as Fichas Catalográficas disponíveis no MARSUL para os assentamentos Guarani estudados. Estão presentes tanto as fichas originais de registros dos sítios, feitas por Eurico Miller na década de 1960, quanto aquelas redigidas pelas pesquisas que revisitaram alguns dos sítios, em 2001.

### Sítio RS-S-284 – Carvalho, catálogo MARSUL 465

S-284 N.º do Sítio	superf. N.º de Corte	Carvalho Nome do Sítio e Profundidade da Escavação	465 N.º de Catálogo
<p>Em terras de Lílio Francisco dos Santos, a nordeste de Santo Antonio da Patrulha, numa chapada abaixo para leste do pico do morro que fica a esquerda do Arroio Carvalho e, do qual o sítio dista 1,5Km e 2Km do Rio dos nos ao norte em sua margem esquerda. O sítio tem a limita-lo pelo leste a trada que vai a Santo Antonio da Patrulha desde as nascentes do Rio dos Si. A oeste o pico do morro coberto de mato. O solo é argiloso e coberto de ma cões, abóboras e milho. Duas manchas de terra preta na parte superior e oc dental do sítio. Ao centro grande concentração natural de matacões sobre o quais recolhemos muitos cacos de tamanho medio e pouco erodidos. A chuva e dindo o solo deixou os cacos por entre as pedras. Alguns petrefatos. Não e cavamos por não encontrarmos focos de cacos em terra escavável.</p>			
		Eurico Th. Miller coletor	28/12/65 data

**Sítio RS-S-285 – Passo da Forquilha-1, catálogo MARSUL 466**

S-285 N.º do Sítio	superf. N.º de Corte	Passo da Forquilha-1 Nome do Sítio e Profundidade da Escavação	466 N.º de Catálogo
-----------------------	-------------------------	---	------------------------

Terras de José Ferreira Rocha. A esquerda do Rio dos Sinos, e a 60m, sobre uma pequena e baixa elevação, este sítio de habitação se desenvolve do topo para a ladeira descendente a nordeste. Como limite norte e sul, várzea, a oeste o rio e a leste a estrada de Santo Antonio da Patrulha. Três manchas de terra escura num solo arenoso e fofo, com roça tomada pelo capim. Poucos cacos, pouco erodidos, pequenos a medios. Alguns petrefatos na parte oriental do sítio.

Eurico Th. Miller  
coletor

1/1/66  
data

**LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO PASAP/ ALTO RIO DOS SINOS  
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO (MODELO IPHAN RESUMIDO)**

Equipe Responsável: Eurico Miller (1966); Gislene Monticelli, Sirlei Hoeltz (2001)

Data: 01/01/1966; 24/07/2001.

1. Sigla do Sítio (Catálogo MARSUL): **RS-S-285: Passo da Forquilha-1**
2. Localidade: Passo da Forquilha
3. Município: Santo Antônio da Patrulha.
4. Nome do Proprietário: José Machado Rosa e Jauri Machado da Rosa.
5. Endereço/Telefone para contato: Estrada Passo da Forquilha, s/n. Passo da Forquilha. Santo Antônio da Patrulha
6. Descrição Sumária, tipo e afiliação cultural provável: De acordo com a vistoria de 2001, corresponde a sítio Guarani em superfície, distribuído em duas concentrações. A primeira situa-se em meio à plantação de mandioca ao lado da casa de José Machado da Rosa e em frente ao cemitério, nas seguintes coordenadas 550 535/6704 918. Foram evidenciados fragmentos cerâmicos e 1 artefato lítico. A segunda concentração situa-se na propriedade de Jauri Machado Rosa, em meio à plantação mista de cana e mandioca, onde foram localizados fragmentos cerâmicos nas seguintes coordenadas: 550 424/6704 976. Há informação por parte dos proprietários de pesquisas arqueológicas nestes sítios há mais de 30 anos atrás. Consultas à documentação do MARSUL, indicam pela comparação de croquis que o sítio corresponde ao RS-S-285: Passo da Forquilha 1, pesquisado em 1/1/1966 por Miller durante PRONAPA. Não se evidenciam mais as três manchas de terra preta, mencionadas por Miller na ficha de registro do sítio de 1966. Na época a área também era cultivada.
7. Coordenadas Geográficas: UTM 22J 1ª concentração - 550 535 6704 918, 2ª concentração - 550 424 6704 976.
8. Documento Cartográfico/ Escala: Carta de Osório - Escala 1:50.000/ Serviço de Cartografia do Exército.
9. Acessibilidade: Boa, a partir da estrada Passo da Forquilha.
10. Condições do terreno: Erodido pela ação de arado de boi.
11. Tipo de vegetação atual: Plantações de mandioca e cana.
12. Topografia: Pequeno platô elevado sobre planície de inundação do rio dos Sinos que em direção sudeste configura-se enquanto meia encosta de morraria.
13. Altitude (nível do mar): 25 m
14. Distância de curso d'água mais próximo: 60 m a leste do Rio dos Sinos
15. Dimensões e tipo de medição: 40 x 20 m no sentido nordeste-sudoeste (1966); dimensões indeterminadas pelas condições do terreno em 2001.
16. Grau de integridade: Baixo já em 1966
17. Uso atual do sítio: Cultivo
18. Fatores de destruição (naturais/antrópicos): Erosão e ação de arado de boi.
19. Documentação produzida: 1 croqui (1966); 1 foto PB (1966); 3 fotos do sítio Gislene Monticelli (2001).
20. Atividades desenvolvidas no local: Foram realizados croqui e coleta de superfície em 1966, totalizando uma coleção de 10 artefatos líticos e 191 fragmentos de cerâmica (nº de catálogo PRONAPA/MARSUL 466). Em 2001 foi realizada plotagem em carta, bem como coleta de material em superfície (nº de catálogo PASAP/MARSUL: P624).



**Sítio RS-S-286 – Castelhana, catálogo MARSUL 467**

S-286 N.º do Sítio	superf. N.º de Corte	Castelhana Nome do Sítio e Profundidade da Escavação	467 N.º de Catálogo
<p>Proprietário: Mateus Coelho Munis, morador local. A esquerda do Rio dos Sinos à 400m sobre o alto de um morro chamado de Castelhana, encontramos este sítio habitação, pequeno, com uma mancha pouco escura. A noroeste e a 30m uma vertente, ao norte a 20m mato, a sudoeste o topo do morro coberto de vassouras, ao sul roça e a oeste capoeira baixa. O terreno é argiloso e duro com matacões espalhados a esmo. Sendo poucos, somente colhemos superficialmente e por toda a área (a cerâmica em cacos pequenos a médios e pouco erodidos). Daí de cima avista-se uma dilatada várzea, principalmente ao lado direito do Rio dos Sinos que vai até o lugar chamado Monjolo, rio abaixo.</p>			
		Eurico Th. Miller coletor	2/1/66 data

**LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO PASAP/ ALTO RIO DOS SINOS  
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO (MODELO IPHAN RESUMIDO)**

Equipe Responsável: Sirlei E. Hoeltz e Gislene Monticelli.  
Data: 25/07/2001

1. Sigla do Sítio (Catálogo MARSUL): **Sítio Guarani D**
2. Localidade: Carará
3. Município: Carará.
4. Nome do Proprietário: Paulo Giovanni Boneira Reis.
5. Endereço/Telefone para contato: Estrada Carará, s/n. Carará.
6. Descrição Sumária, tipo e afiliação cultural provável: Sítio cerâmico a céu aberto associado à Tradição Guarani situado em área de meia encosta a 200 m a sudoeste do arroio Carará. Está associado à plantação abandonada de milho e mandioca (150 x 50 m), atualmente coberta por gramíneas e vassoural. A área é arada há pelo menos 15 anos, apresentando uma densidade relativa de cerâmica. Na propriedade de Alzemirolim, ao lado do sítio, também há informação de cerâmica em área coberta atualmente por potreiro que corresponderia a um prolongamento deste sítio. Talvez este sítio seja sinônimo do RS-S-286: Castelhana, pesquisado por Miller em 02/1/1966, nº de catálogo PRONAPA/MARSUL 467).
7. Coordenadas Geográficas: UTM 22J 552 740 6704 449
8. Documento Cartográfico/ Escala: Carta de Osório - Escala 1:50.000/ Serviço de Cartografia do Exército.
9. Acessibilidade: A partir da estrada Carará, tem-se acesso ao sítio situado atrás das residências dos proprietários.
10. Condições do terreno: Áreas de cultivo abandonadas.
11. Tipo de vegetação atual: Gramíneas e vassoural.
12. Topografia: meia encosta de morro.
13. Altitude (nível do mar): 74 m.
14. Distância de curso d'água mais próximo: 200 m a sudoeste do arroio Carará.
15. Dimensões e tipo de medição: Indeterminado devido à cobertura vegetal.
16. Grau de integridade: Possivelmente baixo, tendo em vista ação de arado, erosão e declividade do terreno.
17. Uso atual do sítio: Agrícola.
18. Fatores de destruição (naturais/antrópicos): Erosão e arado de boi.
19. Documentação produzida: Plotagem em carta e 1 foto (Gislene Monticelli).
20. Atividades desenvolvidas no local: Vistoria das áreas de cultivo abandonadas através de linhas de caminharmento paralelas, distantes 10 m entre si. Coleta de material em superfície (nº de catálogo PASAP/MARSUL P627).



**Sítio RS-S-287 – Passo da Forquilha-2, catálogo MARSUL 468**

S-287 N.º do Sítio	superf. N.º de Corte	Passo da Forquilha-2 Nome do Sítio e Profundidade da Escavação	468 N.º de Catálogo
-----------------------	-------------------------	---	------------------------

Proprietário: Bercílio Francisco da Rosa. A direita do Rio dos Sinos a 60m ao alto de um morro, grande mas baixo, encontramos um extenso sítio de habitação constituído exclusivamente de petrefatos, com excessão de um caco de cerâmica. Com excessão de uma estreita faixa de terra, este morrinho está rodeado pelo varzedo. A leste do sítio, uma taipa de pedra que o separa da estrada que acompanha o rio e, um pequeno mato, ao sul roça e capoeira de onde se avista o Morro Castelhana, a oeste mato e roça, ao norte a estrada que leva a casa do proprietário seguido de pequeno mato. O solo é argiloso com grande quantidade de matacões. O sítio tem a aparência sinuosa pois segue a encosta do morro desde sua parte mais alta pelo declive noroeste. A grosso modo podemos dividi-lo em três partes, os extremos que apresentam principalmente talhadores bifaciais (Choppers), a central e mais elevada com bateadores, pedras bigorna, lascas, polidores, etc. Quase todo o terreno. Está em roça pouco limpa, pietro, milho, arroz e feijão.

Eurico Th. Miller 3/1/66  
coletor data

**LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO PASAP/ ALTO RIO DOS SINOS  
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO (MODELO IPHAN RESUMIDO)**

Equipe Responsável: Eurico Miller (1966); Gislene Monticelli, Sirlei Hoeltz (2001)  
Data: 03/01/1966; 24/07/2001

1. Sigla do Sítio (Catálogo MARSUL): **RS-S-287: Passo da Forquilha-2**
2. Localidade: Passo da Forquilha
3. Município: Santo Antônio da Patrulha.
4. Nome do Proprietário: Orides da Silveira Nunes.
5. Endereço/Telefone para contato: Estrada Passo da Forquilha, s/n. Passo da Forquilha. Santo Antônio da Patrulha.
6. Descrição Sumária, tipo e afiliação cultural provável: Na primeira visita ao sítio em 1966, localizou-se grande quantidade de artefatos líticos, associados a 1 fragmento de cerâmica Guarani, associado a roças de milho, arroz, feijão e poteiros. O sítio foi associado à Tradição Humaitá, apesar de estar a 30 m de distancia do sítio Guarani RS-S-288: Passo da Forquilha 3. Na segunda visita a área em 2001, o atual proprietário informou que haviam sido realizadas pesquisas arqueológicas em sua propriedade há mais de 30 anos atrás, em área de meia encosta, mais ou menos íngreme, com pouca visibilidade de solo coberta por gramíneas e vassoural, em antiga plantação de milho, atrás da sua casa. Nela há blocos rolados de arenito friável e basalto e foi identificado um artefato lítico, sendo classificado como Guarani. Esta corresponde à localização do sítio RS-S-287: Passo da Forquilha 2, por comparação com croqui de Miller.
7. Coordenadas Geográficas: UTM 22J 552 063 6705 346
8. Documento Cartográfico/ Escala: Carta de Osório - Escala 1:50.000/ Serviço de Cartografia do Exército.
9. Acessibilidade: Boa, a partir da estrada Passo da Forquilha.
10. Condições do terreno: Erodido pela ação de arado de boi.
11. Tipo de vegetação atual: Gramíneas e vassoural em área de antiga plantação de milho.
12. Topografia: Platô em meia encosta de morraria que se estende para norte, acima de planície de inundação do rio dos Sinos
13. Altitude (nível do mar): 60 m
14. Distância de curso d'água mais próximo: 60 m do rio dos Sinos
15. Dimensões e tipo de medição: 120 x 60 m (1966); dimensões indeterminadas pela cobertura vegetal em 2001.
16. Grau de integridade: Baixo devido à erosão e ação de arado de boi.
17. Uso atual do sítio: Área de cultivo de milho abandonada.
18. Fatores de destruição (naturais/antrópicos): Arado de boi.
19. Documentação produzida: croqui de sítio (1966) 1 foto PB (1966).
20. Atividades desenvolvidas no local: Foi realizada coleta de superfície em 1966 de 69 artefatos líticos e 3 fragmentos cerâmicos (nº de catálogo PRONAPA/MARSUL 468). A vistoria de 2001 permitiu plotagem em carta.



**Sítio RS-S-288 – Passo da Forquilha-3, catálogo MARSUL 469**

S-288 N.º do Sítio	superf. N.º de Corte	Passo da Forquilha-3 Nome do Sítio e Profundidade da Escavação	469 N.º de Catálogo
<p>Proprietário: João Manuel da Silva Filho. Ao norte de S-287 e a 20m sobre estreita faixa de terra liga o morro onde se situa S-287 ao sistema de morros ao norte está S-288. A 40m do Rio dos Sinos, tem a sudoeste uma taipa e um pequeno mato, a sudeste outra taipa a qual encosta, a nordeste outra taipa a 7m, a noroeste um declive que vai ao varzedo. O terreno está em roça de milho e é areno-argiloso. Sítio de habitação de pequenas dimensões possui duas manchas de terra escura. Não escavamos. Os cacos são pequenos a médios, pouco erodidos, pequena quantidade. Alguns petrefatos (choppers)</p>			
Eurico Th. Miller coletor			4/1/66 data

**LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO PASAP/ ALTO RIO DOS SINOS  
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO (MODELO IPHAN RESUMIDO)**

Equipe Responsável: Eurico Miller (1966); Gislene Monticelli, Sirlei Hoeltz (2001)

Data: 04/01/1966; 24/07/2001

1. Sigla do Sítio (Catálogo MARSUL): **RS-S-288: Passo da Forquilha-3**

2. Localidade: Passo da Forquilha

3. Município: Santo Antônio da Patrulha.

4. Nome do Proprietário: Orides da Silveira Nunes.

5. Endereço/Telefone para contato: Estrada Passo da Forquilha, s/n. Passo da Forquilha. Santo Antônio da Patrulha.

6. Descrição Sumária, tipo e afiliação cultural provável: Em 1966 o sítio correspondia à concentração de cerâmica Guarani em roça de milho, dispersas entre duas manchas de terra preta, situadas a 20 m ao sul do sítio RS-S-287: Passo da Forquilha 2. Na vistoria de 2001 o atual proprietário indicou a posição do sítio em área de pasto, cuja vistoria evidenciou ainda uma concentração de cerâmica Guarani. Não se evidenciam as manchas pretas mencionadas em 1966. A conformação se deu através de consultas a documentação do MARSUL.

7. Coordenadas Geográficas: UTM 22J 551 920 6705 315

8. Documento Cartográfico/ Escala: Carta de Osório - Escala 1:50.000/ Serviço de Cartografia do Exército.

9. Acessibilidade: Boa, a partir da estrada Passo da Forquilha.

10. Condições do terreno: Erodido pela ação de arado de boi.

11. Tipo de vegetação atual: Pasto.

12. Topografia: Platô em meia encosta de morraria que se estende para norte, acima de planície de inundação do rio dos Sinos

13. Altitude (nível do mar): 60 m

14. Distância de curso d'água mais próximo: 30 m do rio dos Sinos

15. Dimensões e tipo de medição: 40 x 20 m (1966); dimensões indeterminadas pela cobertura vegetal em 2001.

16. Grau de integridade: Baixo devido à erosão e ação de arado de boi.

17. Uso atual do sítio: Área de pasto utilizada para criação de gado.

18. Fatores de destruição (naturais/antrópicos): Arado de boi.

19. Documentação produzida: croqui de sítio (1966) 1 foto PB (1966).

20. Atividades desenvolvidas no local: Foi realizada coleta de superfície em 1966 de 9 artefatos líticos e 319 fragmentos cerâmicos (nº de catálogo PRONAPA/MARSUL 469). A vistoria de 2001 permitiu plotagem em carta e coleta de material na superfície (nº de catálogo PASAP/MARSUL: P625).



Sítio RS-S-289 – Monte Serrat-1, catálogo MARSUL 470

S-289 N.º do Sítio	superf. N.º de Corte	Monte Serrat-1 Nome do Sítio e Profundidade da Escavação	470 N.º de Catalogo
<p>Proprietário: José Isidório Moura. A 200m a margem esquerda do Rio dos Sinos, sobre uma lombada. Ao sul o sítio tem um capãozinho e o topo da lombada, a leste e encostado outro matinho com vertente, ao norte descendo a sanga que recebe as águas das vertentes a leste, a oeste a lombada continua descendo sempre paralela ao rio. Nesta região as varzeas são altas e estreitas. A terra é argilosa e está coberta de plantas como fumo e milho e abóbora. O sítio está separado da sanga por uma faixa de matações. O sítio é de grandes dimensões e por todo ele recolhemos dezenas de choppers mais concentrados na parte centro oriental, isto é, do caminho de roça às vertentes a leste. Com a mesma disposição encontramos cacos Guarani. Apesar de haver três manchas de terra os cacos não estão em foco, o que não possibilitou escavação e, recolhemos todos os cacos visíveis na superfície. Estes petrefatos quase sempre são acompanhados de cerâmica* e aqui estão acompanhados de cacos Guarani. *tipo Morro da Formiga (Taquara)</p>			
		Eurico Th. Miller coletor	6/1/66 data

Sítio RS-S-290 – Monte Serrat-2, catálogo MARSUL 471

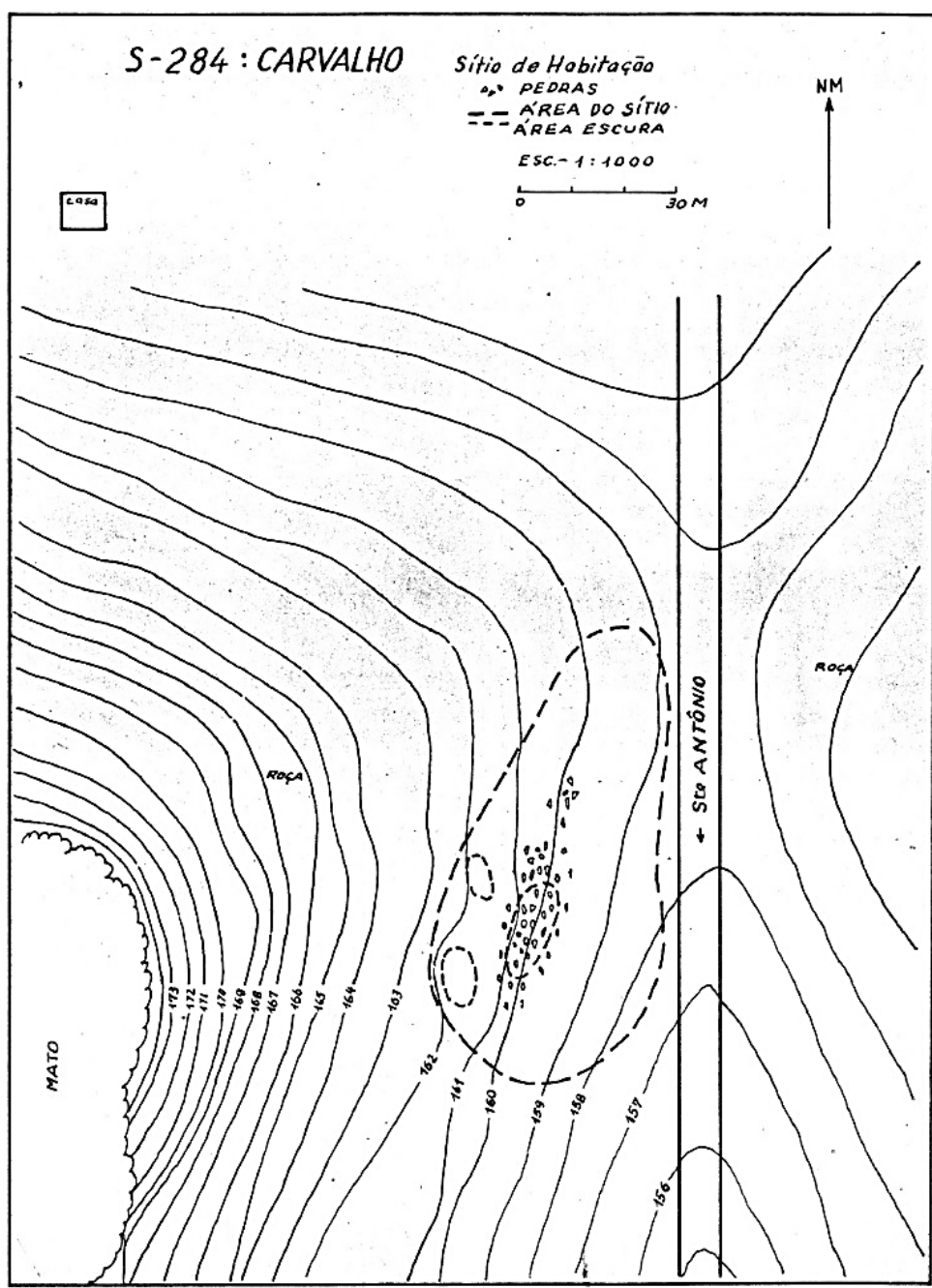
S*290 N.º do Sítio	superf. N.º de Corte	Monte Serrat*2 Nome do Sítio e Profundidade da Escavação	471 N.º de Catalogo
<p>Proprietário: José Isidório Moura. Ao norte de S*289 e a 18m da barranca do Rio dos Sinos e a 8m acima deste, encostado a estrada tem, a oeste a casa do proprietário, ao sul um taquaral e sanga com capãozinho. Solo fofo areno-argiloso coberto com batata doce e milho, árvores frutíferas. Cacos pouco erodidos, de pequenos a medios, colhidos em toda a superf. do sítio, sem foco de concentração. Uma pequena mancha de terra preta.</p>			
		Eurico Th. Miller coletor	7/1/66 data



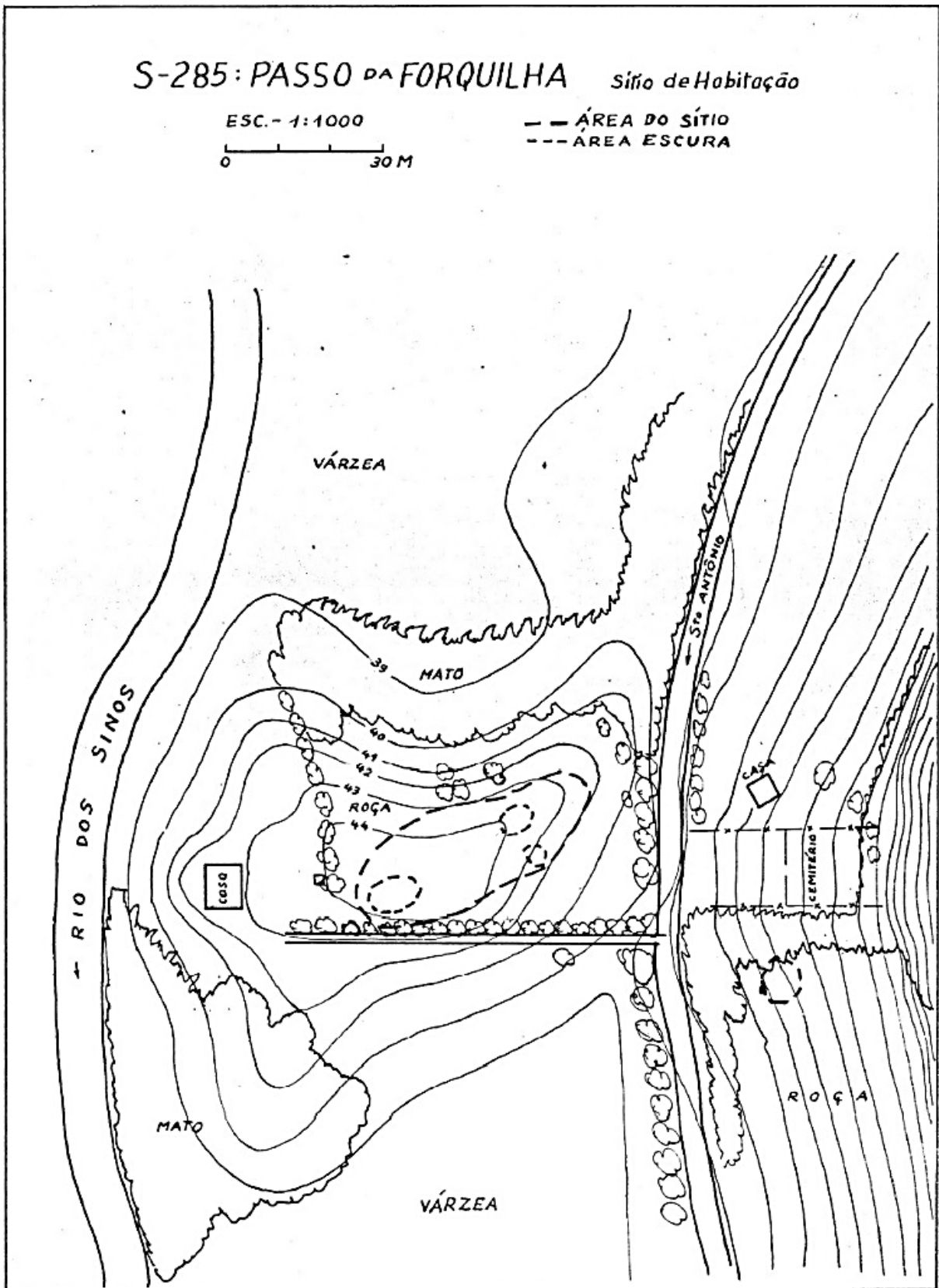
## ANEXO 2 – CROQUIS

Nesse segundo anexo, estão reunidas, em forma digitalizada, os Croquis disponíveis no MARSUL para os assentamentos Guarani estudados. Todos foram desenhados por Eurico Miller na década de 1960, quando da prospecção nos sítios citados. O Sítio RS-S-286 – Castelhana, catálogo MARSUL 467, não possui croqui desenhado.

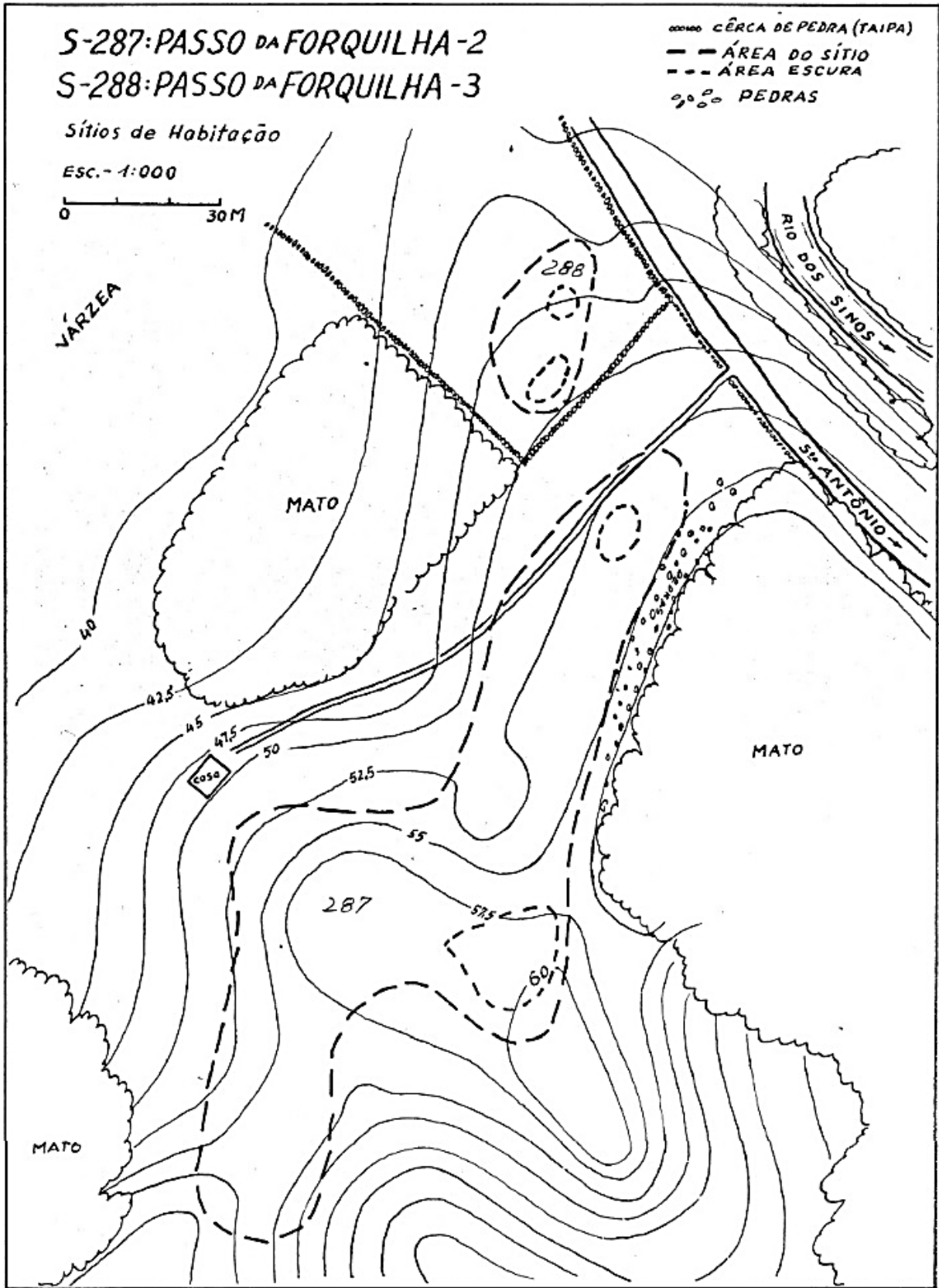
### Sítio RS-S-284 – Carvalho, catálogo MARSUL 465



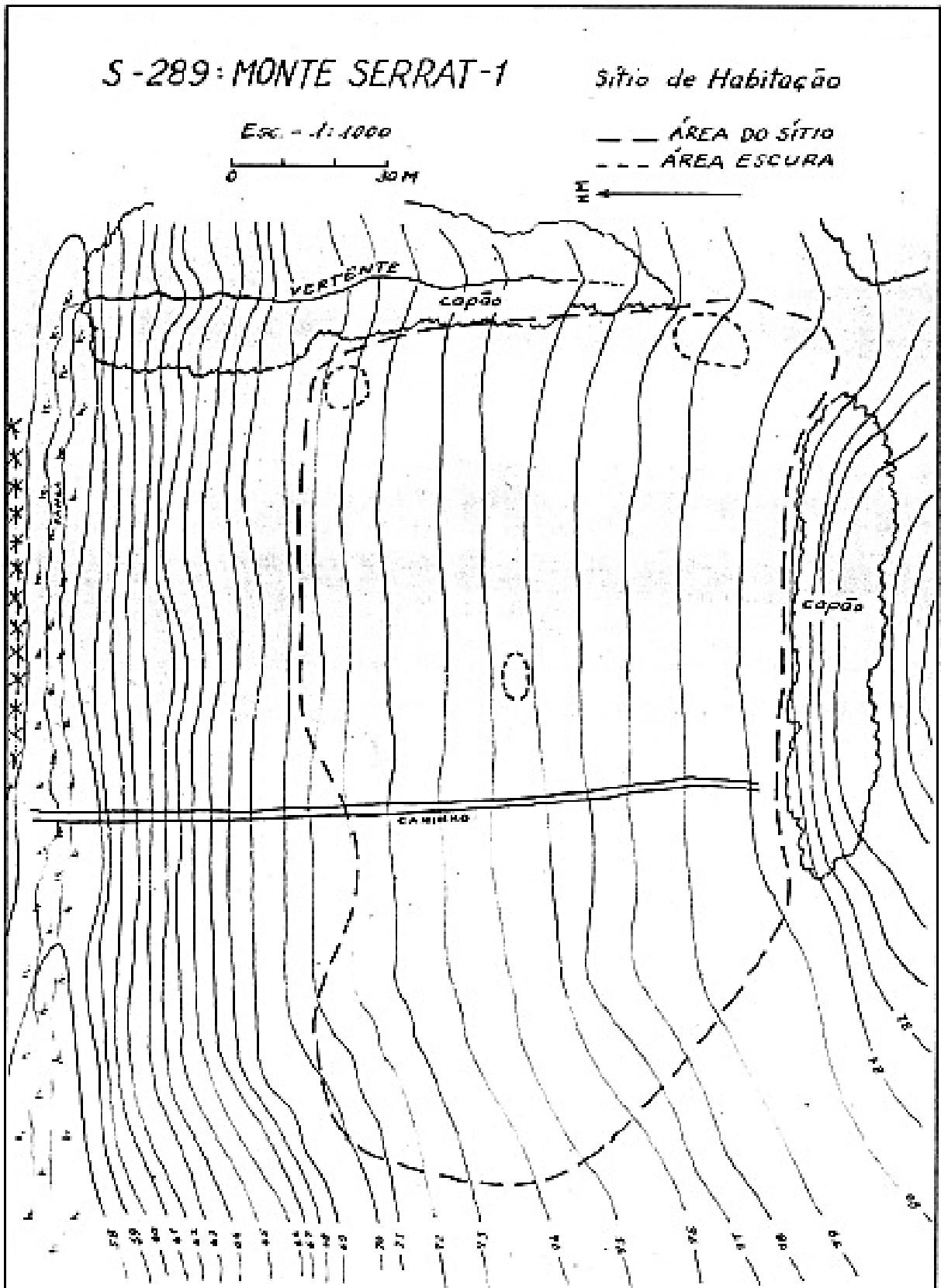
## Sítio RS-S-285 – Passo da Forquilha-1, catálogo MARSUL 466



Sítio RS-S-287 – Passo da Forquilha-2, catálogo MARSUL 468 e Sítio RS-S-288 – Passo da Forquilha-3, catálogo MARSUL 469



Sítio RS-S-289 – Monte Serrat-1, catálogo MARSUL 470





Sítio RS-S-290 – Monte Serrat-2, catálogo MARSUL 471

